

@verdade



RECICLE A INFORMAÇÃO:
PASSE ESTE JORNAL A OUTRO LEITOR

Tiragem Certificada pela

www.verdade.co.mz

Jornal Gratuito

Sexta-Feira 11 de Outubro de 2013 • Venda Proibida • Edição N° 257 • Ano 6 • Fundador: Erik Charas

“Os jovens –
como tu – têm
a capacidade
de lutar
para vencer”

José Cardoso (1930 – 2013)

Destaque PÁGINA 15A17

Caro leitor

Pergunta à Tina...

Tudo o que precisas de saber sobre
saúde sexual e reprodutiva

SMS
90441

ou E-mail:
averdademz@gmail.com

SOCIEDADE 07



Sociedade PÁGINA 07



Desporto PÁGINA 11



Escultor
“Makonde”

Plateia PÁGINA 29

Para estar sempre actualizado
sobre o que acontece no país e
no globo siga-nos no

[@verdademz](https://twitter.com/@verdademz)

[@cristovaobolach](https://twitter.com/cristovaobolach) distribuição do Jornal na Redação Nampula pic.twitter.com/YMG8scLJFQ



[@Zerinho_b4](https://twitter.com/Zerinho_b4) Do jeito q as coisas tem acontecido me parece q n falta muito pra ouvirmos q crianças foram raptadas dentro da sala de aulas. [@verdademz](https://twitter.com/@verdademz)

[@tomqueface](https://twitter.com/tomqueface) mas esse crescimento económico tarda em se converter em desenvolvimento sustentável.

[@gil_vicente4](https://twitter.com/gil_vicente4) A nossa polícia é uma vergonha [RT @verdademz](https://twitter.com/@verdademz): Escoltado até ao banco para “sacar” dinheiro para [@Moçambique](https://twitter.com/#Moçambique) [verdade.co.mz/nacional/40525](https://twitter.com/verdade.co.mz/nacional/40525)

[@Paizonelete](https://twitter.com/Paizonelete) Something like rota [@Xipamane-Benfica](https://twitter.com/#Xipamane-Benfica) chapeiros tarem a fazer greve hoje. [@verdademz](https://twitter.com/@verdademz) não sei se cEs ja sabiam.

[@TheRealWizzy](https://twitter.com/TheRealWizzy) Ñ sei porquê, mas ultimamente tenho tido imensas dificuldades em baixar e ler o Jornal [@verdademz](https://twitter.com/@verdademz).

[@FernandoSrgio](https://twitter.com/FernandoSrgio) [@Nampula](https://twitter.com/#Nampula), mais de mil pessoas abandonam Tratamento Anti-retroviral porque hospitais ficam longe e falta de alimentacao adequada [@verdademz](https://twitter.com/@verdademz)

[@naldrey](https://twitter.com/naldrey) ... bairro nkobe sem energia. Para onde vamos assim com esses cortes frequentes?

[@jbdengo](https://twitter.com/jbdengo) [#Xiconhucas](https://twitter.com/@verdademz) [@Afrobasket2013](https://twitter.com/#Afrobasket2013) O que se passa connosco? Que mal tem a primeira dama em assistir a um evento destes? Se nao tivesse

[@NelsonCarvalho](https://twitter.com/NelsonCarvalho) [#Nampula](https://twitter.com/@verdademz) Menores convidados a pre campanha eleitoral dos partidos Frelimo e MDM cada um com sua bandeira [pic.twitter.com/fKggtwccO2](https://twitter.com/fKggtwccO2)



[@_Mwaa_](https://twitter.com/_Mwaa_) *sigh* [#Guebuza](https://twitter.com/@verdademz) confirma interesse na compra de navios na França [verdade.co.mz/economia/40442](https://twitter.com/verdade.co.mz/economia/40442)

[@VirgilioDêngua](https://twitter.com/VirgilioDêngua) “Para existir a paz, deve haver união entre os moçambicanos” - Américo Sardinha, Sant' Egídio [pic.twitter.com/7NY6ASTbSF](https://twitter.com/7NY6ASTbSF)



ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

Editorial

averdademz@gmail.com

Insegurança

Quando os ricos se sentem inseguros até nas suas torres de marfim é porque as coisas estão feias. Aliás, muito feias. Os raptos começaram na cidade de Maputo e rapidamente atingiram as urbes da Beira e Nampula. A sempre pronta Polícia da República de Moçambique (PRM) apresentou, para mostrar trabalho, uns rostos escanzelados de um bando de zés-ninguém, mas deixou sair do país, da forma mais ridícula possível, um dos prováveis cérebros do problema. Os raptos não tardaram a voltar a semear medo e insegurança no seio de uma das classes que mais dinheiro movimentam no país, como que a desmentirem retumbantemente a eficácia da PRM no combate ao crime.

Em surdina as pessoas contam que tudo o que diziam aos "investigadores" chegava aos ouvidos dos malfeiteiros. Foi, aliás, por isso que as vítimas deixaram de colaborar com a Polícia. Com o andar do tempo, aquilo que parecia ser problema de uma comunidade alastrou-se a todos os que aparentam ter algum dinheiro. Os novos factos deitam por terra a convicção segundo a qual estávamos diante de um problema de uma ou duas comunidades. Os raptos vieram para ficar e a PRM mostra-se incapaz de apresentar um antídoto para estancar a sangria. Esse é, diga-se, o grande problema.

Porém, o mais vergonhoso é a possibilidade de termos uma Polícia subserviente e controlada por uma quadrilha de malfeiteiros. Quando das manifestações de 1 de Setembro o Governo inventou, para conter novos focos, o registo dos cartões SIM. Ou seja, foram tão rápidos para proteger a integridade do Estado e a manutenção do poder nas mesmas mãos, mas incrivelmente lentos para resolver um problema que afecta milhares de cidadãos.

O surgimento de novos grupos é uma coisa inevitável. O normal mesmo será que apareçam empreendedores nesta área. Ou seja, indivíduos com vocação para o negócio que terão de começar da base. Isto é, raptando por quinhentas. Por este andar e nível grotesco de impunidade não nos devemos espantar quando começarem a ocorrer raptos por 500 meticais. O fenómeno começou com exigências ao nível do um milhão de dólares e desceu até aos cinquenta. Uma quantia que muitos pobres conseguem arranjar num abrir e piscar de olhos.

Em 2008, quando um jovem do bairro Triunfo foi o cérebro de um sequestro que rendeu cerca de 5.000 dólares a acção da Polícia foi tremenda e rápida e produziu resultados. O jovem está preso e continua a pagar pelo que fez. Os raptos da nova era, esses, continuam impunes e acima da lei e da justiça.

Enquanto a Polícia for cúmplice desta gentalha viveremos num país que não oferece segurança. A crueldade e a impunidade é tanta que agora até raptam crianças indefesas. Que éramos um país sem cidadãos isso já sabíamos, mas que não devemos e nem podemos confiar nas instituições que zelam pela defesa e segurança tornou-se mais nítido agora...



Boqueirão da Verdade

"O partido Frelimo controla agora: STV, MIRAMAR, jornal Público, que se juntam ao Notícias, à Rádio Moçambique, TVM, Agência de Informação de Moçambique, à Polícia e aos Tribunais. Pergunta: qual é o balanço?", Matias de Jesus Júnior

"A corrupção, como amplamente temos considerado, é um grande problema para o nosso Estado e para a sociedade (...) e requer medidas cirúrgicas a curto e médio prazos, pois, dentro desse período, se não for debelada, pode representar um grande perigo para as instituições públicas e pode desacreditar o projecto de construção e consolidação no nosso Estado de direito democrático. (...) No plano interno, os dados não são fláveis sobre quanto custa a corrupção. Há apenas referência quanto às situações indiciárias nos processos acumulados de acordo com os dados dos informes", PGR Augusto Paulino

"Na prevenção e luta contra a corrupção, a transparência e publicitação ou divulgação dos negócios públicos constitui o melhor antídoto, porque esse exercício empurra os gestores públicos a serem mais responsáveis na sua actuação", Idem

"Se os membros do Governo não falam a mesma linguagem, algo está errado. Entendo que precisamos de expandir as nossas exportações para gerar mais dinheiro, mas o Governo deve dizer a verdade por detrás desta operação", Fátima Mimbirre

"Nesses debates, fica mais do que claro que ele (Fernando Mazanga) e outros colegas estão mais do que zangados. A prova de que perderam a esperança está na sua opção de não mais participar em eleições, disfarçados, como sempre, com a tradicional desculpa de maus pagadores, de que não há condições políticas e de exigirem uma paridade na CNE que, a ser aceite, lhes daria um poder de vetar todas as deliberações que lhes fossem desfavoráveis", Gustavo Mavie

"Na verdade, a Renano está neste diálogo a queimar tempo para ver se o Governo acabará por ceder e dar-lhes o que de facto quer, daí que alega agora que os seus peritos militares não vêm a Maputo por razões logísticas, quando há uns dois meses levou para a mesma Santhunja mais de 300 delegados que foram lá reunir-se com o seu líder", Idem

"O Dia 4 de Outubro para a RENAMO não é o dia da Paz, mas sim da Democracia, porque nós não lutámos durante os 16 anos pela Paz, mas, sim, lutámos pela Democracia. Só a Frelimo é que pode falar da Paz, porque nos 21 anos, nós não vimos Paz nenhuma, os nossos membros foram e são mortos pelo regime da Frelimo, sofrem toda a represália e exclusão social, o povo continua a sofrer, não há emprego, a criminalidade está a aumentar, a

corrupção atingiu níveis selvagens, a pobreza continua absoluta, o desenvolvimento desequilibrado do país está mais acentuado, o regionalismo e o tribalismo foram largamente fomentados pelo regime", Renano

"Mas Também não podemos esconder que se a Frelimo realizar sozinha as eleições com o MDM, como combinaram, as consequências serão da própria Frelimo, pois nós jamais aceitaremos que os governos municipais que serão produzidos dessas eleições através desta lei governem o nosso povo com ilegalidades, nós iremos reagir para repor a legalidade e ninguém poderá culpar-nos porque sempre estamos a falar e a Frelimo a levar tudo em brincadeiras. (...) A Frelimo nunca sonhou sair do poder, porque pensa que é dona do país, por isso mesmo que em cada pleito eleitoral só trabalha para roubar votos", Idem

"O porta-voz da Presidência da República, Edson Macuácia, deu uma entrevista ao jornal Público, na qual revela, em título das páginas centrais: "O desenvolvimento deve ser visto como um filme e não fotografia". O seu argumento é de que uma fotografia é estética", Lázaro Mabunda

"Na verdade, ao dizer que desenvolvimento deve ser visto como um filme e não como uma fotografia, Macuácia está a dizer que devemos ver o desenvolvimento como uma imagem ficcionada (uma ficção, porque filme é uma ficção) e não como uma imagem real (fotografia, porque é uma imagem real). Ou seja, devemos ver desenvolvimento como uma ficção e não como uma realidade. Nesta base concordo com ele que estamos a desenvolver e que os dados do Instituto Nacional de Estatística são errados", Idem

"A TVM está a levar a cabo uma série de publicidades e debates para avaliar a governação do Presidente da República, mas uma coisa é certa: de balanço não tem nada, apenas marketing de algumas realizações. O mais grave é que os ilustres jornalistas quando entrevistam os convidados querem que a resposta seja exactamente aquilo que querem. De outra forma diria que a pergunta confunde-se com a resposta. Ao invés de perguntar, o jornalista responde antecipadamente à pergunta", Agostinho Augusto

"Não entendo porque insistimos em penhorar determinadas cerimónias de Estado (que se assume laico) a confissões religiosas! É que há certas cerimónias de Estado que se confundem com o Dia de Missa do Galo, Ide Ul-Fitre, e quejandos. Eu sou da opinião de que o Dia da Paz não devia ser feriado, devia ser um dia em que as pessoas seriam incentivadas a trabalhar e a produzir para prosperarem. Não adianta fazer um feriado de Paz para proferir discursos de intolerância e de estigma", Juma Aiuba

Nova parceria da DW África com jornal @Verdade de Moçambique

Desde outubro de 2013, a emissora internacional alemã, a Deutsche Welle, e o jornal moçambicano @Verdade iniciam uma cooperação através da troca de artigos online.



Os leitores da página online da DW África (www.dw.de/mozambique) vão ter um acesso facilitado aos conteúdos do jornal online @Verdade (www.verdade.co.mz) através da colocação de links diretos aos artigos do novo parceiro moçambicano. Este, por sua vez, vai facilitar o acesso aos conteúdos da emissora alemã na sua página web, uma das mais visitadas pelos usuários moçambicanos.

"Poder aceder aos conteúdos da DW é uma oportunidade para levarmos mais, e melhores, conteúdos internacionais para os nossos leitores. Por outro lado estar presente no site da DW é uma forma de levarmos informação de Moçambique para o mundo", disse Adérito Caldeira, Director Geral do jornal @Verdade.

Opinião partilhada pelo chefe de redação da DW Português para África, Johannes Beck: "Podemos oferecer aos nossos usuários uma cobertura abrangente de acontecimentos em Moçambique através da nova parceria. Completamos, assim, a nossa oferta de análises e artigos sobre acontecimentos internacionais com artigos sobre temas nacionais e regionais de Moçambique."

O jornalista alemão, que desde 2006 lidera a equipa da DW África, acrescenta: "Poderíamos aplicar este modelo a outros países para tornar a nossa página ainda mais completa. Tenho a certeza que os nossos conteúdos com um foco internacional poderiam ser um extra interessante para muitas páginas web."

Júlia Maas do departamento de Distribuição estabeleceu o contacto entre as duas emissoras. Ela mostra-se muito contente com a nova parceria: "A cooperação vai realçar tanto a visibilidade da DW como do jornal @Verdade. Com certeza é um grande proveito para os leitores de ambos."

Xiconhoca

Os nossos leitores nomearam os Xiconhucas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



da Semana

Sequestradores

Um bando de Xiconhucas (leia-se sequestradores) prossegue sere-no nas suas acções macabras, tirando o sono do já sofrido povo moçambicano. O grupo começou por sequestrar empresários de ascendência asiática e, presentemente, decidiu virar o cano para a classe média do país, sequestrando menores de idade e exigindo resgates milionários. As autoridades policiais, como sempre, con-tinuam inertes, o que leva a crer que essa turma especializada em exigir BI e torturar cidadãos inofensivos não age, por cumplicidade ou conforto.

Damião José

O porta-voz do partido Frelimo, Damião José, perdeu uma bela oportunidade de ficar calado. Com aquele seu característico semblante triste e à maneira de um mero funcionário público programado, qual um robô, para dizer "sim", "yes" e "oui" a todas a perversas decisões do partido no poder, veio a público afirmar que o caso do candidato da Frelimo em Moatize, Carlos Portimão, apanhado em flagrante delito a subornar a procuradora local, foi um mal-entendido. Há Xiconhucas e Xiconhucas!

Caçadores furtivos

Não há dúvidas de que alguns indivíduos nesta Pérola do Índico agem despojados de consciência. Os caçadores furtivos são exem-plos disso. Movidos pela cegueira de obter dinheiro fácil, dezenas são abatidos pela Força de Protecção do Kruger Park, na vizinha África do Sul. Os dados existentes revelam que o número de caçadores furtivos mortos é superior ao de elefantes e rinocerontes. Sinceramente, é preciso mergulhar nos eruditos tomos da Psicolo-gia para compreender alguns comportamentos animais, quer dizer, humanos.

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 90440, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 2A8BBEFA) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Os nossos leitores nomearam as seguintes Xiconhoquices da semana.

Mais fundos para as obras na Presidência

Parece que estamos a caricaturar a reali-dade, mas, pelo contrário, limitamo-nos apenas a dar visibilidade a essa situação. Num país carente de infra-estruturas de natureza diversa, desde hospitais, passan-do por escolas até à pontes e estradas, o Governo continua a protagonizar actos vergonhosos como o de contrair um mili-oário empréstimo para construir mais um edifício na Presidência da República. A pri-meira infra-estrutura tem as suas obras em fase de acabamentos, porém, o Conselho de Ministros decidiu aprovar uma resolu-ção que ratifica um acordo de crédito ce-lebrado entre o Governo moçambicano e o EXIM BANK da China num valor estimado em mais de 71 milhões de dólares norte-americano-s.

A avultada soma destina-se ao finan-ciamento da construção do edifício para es-critórios da Presidência da República na cidade de Maputo. Será que o PR precisa de tanto espaço para trabalhar? Com aque-le montante, milhares de crianças podiam deixar de estudar debaixo das árvores, mel-horar-se-ia o acesso à saúde, além de abrir centenas de furos de água para a popula-ção.

Gabinete de reconstrução pós-cheias

Que o Governo moçambicano é despesista e, ao mesmo tempo, insensato isso já não constitui novidade para ninguém. Para legiti-mizar as características que lhe são, digamos, intrínsecas, o Executivo decidiu criar um ga-binete que deverá implementar os progra-mas de emergência para a reconstrução e reabilitação de estradas e pontes no período pós-cheias. Afinal, qual é o papel do Ministé-rio das Obras Públicas e Habitação e da Ad-ministração Nacional de Estradas?

Diz-se que o referido gabinete terá como ob-jectivo assegurar a execução dos projectos de engenharia, preparar os processos para o ar-ranque das obras, bem como a sua monitoria e supervisão. Os fundos para a implementa-ção desse projecto, avaliado em cerca de 180 milhões de dólares norte-americanos, resul-tam maioritariamente de uma contribuição externa, sendo que o Estado moçambicano participa com 40 milhões de dólares. Não será essa mais uma estratégia para acomodar sobrinhos, cunhados e amantes da elite polí-tica deste país?.

Mas também podemos estar diante da reve-lação de um desejo inconfessável. Porém, de todos os modos estamos diante da maior Xi-conhoquice do presente quinquénio.

Pronunciamentos do Procura-dor-Geral da República

Sempre que o Procurador-Geral da Repú-blica (PGR), Augusto Paulino, vem a público fica-se com a seguinte dúvida: estamos pe-rante um chefe do Ministério Público com poderes para inviabilizar a corrupção que tende a institucionalizar-se ou estamos pe-rante um menino de recados? Não fica bem a um funcionário público da sua espécie passar a vida a fazer pronunciamentos para distrair os moçambicanos que, com muito suor, con-tribuem para pagar o seu salário.

Num desses seus habituais falatórios, o PGR protagonizou mais uma xiconhoquice ao pedir aos gestores públicos para que sejam mais transparentes na realização dos negó-cios públicos. E disse, ainda, como se nós os moçambicanos não soubéssemos, que a corrupção é um grande problema para o nosso Estado e para a sociedade e requer medidas cirúrgicas a curto e médio prazos, pois, den-to desse período, se não for debelada, pode representar um grande perigo para as insti-tuições públicas e pode desacreditar o pro-jecto de construção e consolidação no nosso Estado de direito democrático, e acrescentou que pode retrair o investimento externo. Se é para dizer o óbvio, não vemos a necessidade da existência desta figura.

Entre a comunidade de nacionais de origem asiática: agiotagem e vinganças no epicentro dos sequestros

Aquilo que foi o prenúncio de um novo fenômeno no país, que se traduziu em sequestros de cidadãos da chamada comunidade moçambicana de origem asiática e que configurou os alicerces da insegurança pública vigente, parece não ter fim à vista. Aliás, aquilo que parecia assunto de indivíduos que movimentam avultadas somas em dinheiro desceu à classe média. As vítimas da nova vaga desta onda de crimes deixaram de pertencer à comunidade muçulmana. O perigo anda à solta....

Texto: Redação

Ilustração: Hermenegildo Como

O jornal @Verdade traz, nesta edição, fruto de aturada investigação jornalística, um pouco dos contornos deste fenômeno que começou por assolar os ricos e, agora, estende os seus tentáculos à classe média.

Iniciados em meados de 2011, os sequestros tinham como vítimas apenas cidadãos de origem asiática, oriundos de uma comunidade na qual a circulação astronómica de valores monetários é digno de deixar qualquer concorrente do ramo comercial boquiaberto. Cerca de 30 milhões de dólares americanos terá sido o valor que as famílias pagaram para terem de volta ao recessos dos seus lares parentes que dias a fio estiveram em cativeiro de cadastrados que voltaram ao activo a soldo de um comando que os transcende.

Esta investigação estabelece as pontes entre os executantes e mandantes, traz datas dos sequestros, nomes, contactos telefónicos e relatos de agiotagem outrora praticados pelos alegados reincidentes – crimes que o Estado não puniu – e conclui que no seio daquela comunidade se quebrou o código de silêncio, um pacto secular, selado por afinades históricas/comerciais.

O quebrar do código omertha

Foi o quebrar do código omertha (quebra de silêncio), no seio de uma comunidade pujante na esfera empresarial, que ocultando informação à Polícia sobre o pagamento das ‘taxas’ cobradas, foi evitando assim multas elevadas das Finanças sobre as fortunas que se escondem por debaixo de tectos.

Crimes antigos e recentes do ‘grupo’

A agiotagem no seio da comunidade asiática – hoje com ramificações para outros grupos étnico-lingüísticos – enraizou-se na década de ‘90, sendo que os primeiros factos públicos sobre os mesmos, vieram a público pela pena do finado jornalista Carlos Cardoso (Ver anexo “Método Satar”). Foi no extinto diário electrónico, o Metical, que se ficou a saber de uma extensa conversa entre os irmãos Nini e Ayoob Satar com a família do Bazar Central. (Ver caixa nesta edição)



Cronologia dos raptos

26 de Julho de 2011

O cidadão Mohamed Kalú, um dos donos do Armazéns Atlântico, foi o primeiro a ser raptado. Escapou do cativeiro antes de ser pago o resgate que estava fixado em um milhão de dólares.

1 de Dezembro de 2011

O cidadão Yacub Satar, um dos irmãos proprietários da ferragem Somofer, foi raptado nas imediações do Círculo de Manutenção António Repinga quando se exercitava naquele local.

28 de Janeiro de 2012

Uma cidadã indetificada apenas pelo nome de Soraya foi raptada.

30 de Janeiro de 2012

Os cidadãos Abdul Cadir e Gulzar Sattar, tio e sobrinho respectivamente, foram raptados no cemitério de Lhanguene, na zona mahometana, quando iam visitar a campa de um familiar. Foram libertados 11 dias depois, a 9 de Fevereiro alegadamente depois de terem efectuado o pagamento de dois milhões dedoláres americanos, em cash.

9 de Fevereiro de 2012

Foi raptada uma cidadã de 75 anos, parente de um dos proprietários do grupo AFRI-COM, Sasseka e Delta Trading. Uma semana depois foi abandonada pelos raptos numa das avenidas da capital.

11 de Fevereiro de 2012

Tentativa de rapto do dono da Auto Hilux, Momade Rizwan.

26 de Fevereiro

Rapto de um cidadão português, na praia do Bilene com alegadas ligações a empresários de origem indiana.

30 de Abril de 2012

Tentativa de rapto das cidadãs Farida Camurdine e Maria Nucha Amad.

19 de Maio de 2012

Raptado o proprietário da Incopal e dos Armazéns Machava, Mohamed Ibrahim quando visitava o seu terreno na Matola. As autoridades recusaram-se a quantificar os valores pagos para o seu resgate.

27 de Julho de 2012

Raptado o empresário Bila IWassim, na Avenida Ho Chi Min, entre a Guerra Popular e Filipe Samuel Magaia. Os seus raptos exigiam três milhões de dólares. Wassim esteve em cativeiro cerca de um mês.

10 de Agosto

O dono do Tiger Center, Asslam Rassul, escapou de tentativa de sequestro por elementos vestidos com uniforme da Polícia à entrada da sua casa, próxima a faculdade de Direito, na Avenida Kenneth Kaunda.

23 de Agosto

Raptada Hina Faruk Ayoob, filha de Mohammad Faruk Ayoob, de 17 anos, que configurou o entornar do caldo na comunidade. De acordo com fontes policiais, exigia-se pelo resgate de Hina cerca de cinco milhões de dólares americanos, mas, ao cabo de cinco dias, ela foi libertada sem que se pagasse valor algum. A Polícia, que nunca quis confirmar, foi buscá-la no cativeiro dos raptos – até agora no ‘segredo dos deuses’ – tornando cada vez mais forte a crença de que a mesma resultou da promessa que o Presidente da República, Armando Guebuza, fez àquela comunidade.

Nomes dos “operacionais”

No seguimento do trabalho de investigação sobre esta organização criminosa, foi possível identificar alguns elementos que davam apoio logístico e financeiro aos executores, os quais foram detidos e apresentados perante o juiz de instrução do Tribunal da Cidade de Maputo que exarou um despacho de soltura, mediante o pagamento de caução a Rachida Abdul Satar, e a Danish Abdul Satar, irmã dos Satar e filho de Asslam Satar, foragido da justiça moçambicana em conexão com a mega-fraude ocorrida no defunto Banco Comercial de Moçambique em 1996. O jornalista Carlos Cardoso foi quem mais investigou e escreveu sobre a mesma, tendo sido brutalmente assassinado em Novembro de 2000.

Foram detidos vários membros da quadrilha, na sua maioria recrutados do exterior para dentro da BO, visto que estavam na mesma “ala 20”, também em cumprimento de penas, por terem cometido diversos crimes de sangue. O grupo aproveitou-se das influências que goza naquela cadeia e nos tribunais para orquestrar a fuga destes, para se ocuparem da execução dos sequestros e da manutenção no cativeiro das vítimas, até ao pagamento da importância acordada para o resgate. Foram reveladas as casas usadas para esconder as vítimas, duas localizadas no município da Matola e um no distrito de Boane, província de Maputo.

Executores de sequestros (detidos)

- Bendene Arnaldo Chisano “Angolano”, de 41 anos**, natural de Luanda-Angola, filho de Arnaldo Semente Chisano e Esperança Simão João, residente na Matola Rio, rua da Doca, nº 93, usava como números de telefones celulares dois da Vodacom, respectivamente 845351141, 844151141 e um da operadora Mcel, 825315392;
- Dominique Simão Mendes**, natural de Maputo, de 38 anos de idade, filha de Mendes Simão Queia e de Ecineta Thule Sito, residente na Matola Rio, casa 23, Q, contacto 844899200;
- Hélder Afonso Naene**, natural de Maputo, de 35 anos de idade, filho de Afonso Naene e de Umbelina Ângelo Marrengula, residente no bairro Mussumbuluko, Q. 9, casa 430, telefone 827602646 e 846673007;
- Ilídio Rafael Manicua**, natural de Maputo, de 31 anos de idade, filho de Josefino Rafael Manicua e de Olinda Jorge Nhaca, residente no bairro das Mahotas, Q. 7, casa 415, telefone 821350940 e 842149999;
- João Horácio da Conceição**;
- Arsénio António Joaquim Chitsotso**, polícia;
- Luís António Joaquim Chitsotso**, polícia;
- Albino Daniel Primeiro**, polícia;
- Joaquim Gabriel Chitsotso**, tio dos polícias
- Bernardo Timana**,
- Manuel Valoi**
- Inácio Paulino**

O genro de Bachir

Backir foi detido ano passado, dia 1 de Outubro numa missão conjunta entre a Policia da República de Moçambique (PRM) e unidade da Força de Intervenção Rápida (FIR). Ele é proprietário de muitas lojas na cidade de Maputo, dentre as quais "Bakhir Cel Shop", "Bakhir Game Shop" e "Bakhir Auto Style". Este empresário é genro do famoso empresário Momade Bachir Suleiman (MBS), o magnata dono do "Maputo Shopping Center". Bakhir é marido da única filha de Bachir, de nome Zeinab.

Segundo apurámos de fontes policiais, o genro de Bachir é acusado de vários raptos e assassinatos de empresários moçambicanos muçulmanos. De trinta e um anos de idade, o empresário Bakhir é investigado no caso de assassinato do empresário Ahmad Jassat, dono da Expresso Câmbios, que foi baleado há meses na cidade de Maputo, na Avenida 24 de Julho e viria a morrer na vizinha África do Sul, numa unidade hospitalar. É acusado ainda do assassinato do empresário Momade Ayoob, do grupo "Ayoob Comercial", que também foi morto numa tarde de sexta-feira, à frente da mesquita Masjid-E-Jilani, na rua Rainha Nematuku na cidade de Maputo.

Fontes policiais dizem que o genro de Bachir, que tem negócios de venda de acessórios de viaturas, de celulares e de video games, tinha dívidas avultadas com estes dois empresários muçulmanos.

Pesam ainda contra Bakhir acusações de ser mandante de alguns raptos consumados e outros fracassados, de empresários muçulmanos e ismaelitas na cidade de Maputo. É o caso do rapto fracassado, que ocorreu em de Novembro de 2011, onde se tentou aprisionar o proprietário da "Mundo de Câmbios", de nome Kasif, na zona da Belita, no bairro do Alto Maé, cidade de Maputo. Pesa sobre si a tentativa frustrada do rapto do proprietário da "Africâmbios". É também indiciado do rapto de uma senhora ismaelita, familiar dos donos da Delta Trading. Ainda é acusado no caso de rapto de Ibrahim "Machava", proprietário dos "Armazéns Machava". Também é acusado no caso de rapto do proprietário dos "Armazéns Favorita", de nome Salim, e no rapto do proprietário da SOMOFER, de nome Yaquib.

Perda de mais de três milhões de dólares em casinos sul-africanos

A Polícia soube também junto de fontes da Polícia sul-africana, que o genro de Bachir teria perdido, em casinos sul-africanos, cerca de 24 milhões de rands, o equivalente a três milhões de dólares, em "jogos de azar".

O advogado e político Máximo Dias teria sido convidado para a defesa de Bakhir. Máximo Dias é advogado de Bachir, o sogro de Bakhir. Contactado na altura da detenção daquele, pelo diário Canalmoz, Máximo Dias disse que apenas foi chamado para acompanhar o empresário Bakhir nos depoimentos à Polícia, negando que tenha sido constituído (ainda) advogado de Bakhir.

Entretanto, a juiza de instrução criminal da província de Maputo, Helena Mateus Kida, ordenou ano passado a soltura de genro de MBS, alegando não existirem provas contra Backir Ayoob.

Esta investigação apurou que Backir, via Joanesburgo, foi parar primeiro em Hong Kong e tem estado a circular entre Dubai (Emirados Árabes Unidos) e Karachi (Paquistão).

Métodos Satar

(Maputo) Ao "mt" foi entregue cópia de uma cassete contendo duas gravações. Se assumida como prova pelos tribunais, esta cassete pode levar os irmãos Ayob Abdul e Momade Assif Abdul Satar a uma pena maior.

As duas gravações contidas na cassete, quando cruzadas, confirmam que os irmãos Satar gravaram uma conversa telefónica entre terceiros – crime previsto na lei – e contêm ameaças de rapto e morte, assim como uma confissão de roubo que, pelo contexto da conversa, se percebe ser a fraude contra o BCM. Eis os factos.

Texto: Carlos Cardoso

No dia 23.04.2000, um domingo, um comerciante de Maputo que vamos continuar a chamar de Idrisse, a pedido do próprio, telefonou para o seu familiar Ismael Magid, mais conhecido por Nene. A cópia da gravação que possuímos é pouco nítida, mas percebe-se que Idrisse recomenda a Nene, seu pai e irmão para irem contar o seu conflito com os irmãos Satar "no jornal", e ouve-se Idrisse a dizer, a dada altura da curta conversa, "deverias ter cortado as duas pernas aos gajos". Noutras passagens os dois falam de uma terceira figura que, alegadamente, "transportou dinheiro" para fora do país (trata-se, segundo uma outra fonte, de uma parte do roubo ao BCM), e de um tal Bicá que, das frases perceptíveis de Idrisse, se deduz ter sido arrasado financeiramente por ter de pagar aos irmãos Satar um crédito a juros mensais de 20%.

No dia seguinte, dia 24, Idrisse recebeu na sua loja uma cassete contendo essa conversa do dia 23. Ayob Satar, ao abrir a conversa com Idrisse, pergunta-lhe se "não basta a prova que te mandei?".

Nesse mesmo dia 24, Idrisse recebeu uma chamada dos irmãos Ayob e Momade Assif (conhecido por Nini). Esta conversa foi gravada. A cassete tem cerca de meia hora de gravação. Eis as suas passagens mais relevantes, acompanhadas de notas explicativas.

A "guerra" com Magid

Ayob: Eu telefonei de bons modos para ti. Estás a ouvir?

Idrisse: Sim.

Ayob: Telefonei de bons modos para ti porque, aliás, eu mereço uma satisfação, não é?

Idrisse: Qual é a satisfação?

Ayob: ...tu estás a interferir muito nesta guerra que está a haver entre nós e o Magid. (Abdul Magid, proprietário da conhecida casa comercial "Bazar Central", conta que, em 1997, pediu emprestado à Unicâmbios 600 mil USD, pagando em três anos, por causa dos juros, 1.6 milhão USD)

Idrisse: ...mas diga lá o que é que estou a interferir.

Ayob: Não basta a prova que te mandei?

Idrisse: A prova que tu mandaste. Tu é que estás a interferir porque tu estás a fazer gravações. Ouviste? Estás a interferir porque tu não tens nada que mandar fazer gravações ...da minha casa...

Ayob: ...eu estou a ter neste momento problemas muito sérios com ...Magid do "Bazar Central". Se tu queres problemas comigo. Eu estou a jurar, felicidade da minha mãe, estou a conversar de boa maneira contigo.

Idrisse: O quê? Vais-me matar?

Ayob: Não é matar. Há muita maneira de eu resolver o problema. Eu não estou a ameaçar a ti. Eu telefonei-te de bons modos. Achas aquilo que tu estás a fazer está muito correcto?

Idrisse: Mas o que é que eu fiz?...

Ayob: Eh pá, não chega aquilo que eu te mandei hoje?

Idrisse: Você está a gravar aqui em casa? Compras o pessoal da TDM e andas a fazer isto! Isto é legal?...

Ayob: Tu és homem, eu também sou homem, estás a entender, não é? Esta guerra que eu estou a ter com o "Bazar Central", não pensas que esta guerra é pequena. Eu não quero de forma alguma que eu desvie a atenção já para o meu inimigo não ser o Magid e seres tu. Ou tu preferes assim? Queres uma guerra comigo? Eu telefonei-te, eu tomei a iniciativa de telefonar para ti. Tu queres fazer uma guerra comigo?

Idrisse: Eu não quero fazer guerra. (A partir daqui o tom das vozes começa a elevar-se e começa a haver, com frequência crescente, momentos em que os dois falam/berram ao mesmo tempo)

Idrisse: "Eu não quero fazer guerra com ninguém, eu só quero saber, porque já me disseram na TDM "andam a gravar o seu telefone".

Ayob: Mas... eu estou a fazer uma pergunta muito directa.

Idrisse: Você deixa de ouvir conversas aqui no telefone, que eu não tenho nada a ver consigo.

Ayob: ...eu alguma vez interfei na tua vida?

Idrisse: Não, não...

Ayob: ...Há quantos anos que eu não falo contigo? Eu estou a ter um problema com o teu cunhado, Magid.

Idrisse: O problema é dele, não é meu...

Ayob: Estás a entender? Ele tem dois filhos, eu tenho aqui o meu irmão Nini. Estás a entender? Se é um problema entre eu e o Magid eu acho que só nós é que nos podemos entender e lutar também. Mas tu não podes dizer assim que nós roubámos dinheiro do banco, que nós cobramos 20% com o homem de (Bicá??), que tu vais partir as nossas pernas, que nós somos ladrões, estás a excitar o Néné. Eh pá, sabes o que pode originar isso? Estou a falar com bons modos....

Idrisse: O que é que pode originar?

Ayob: Eu desvio a minha atenção do Magid, estás a ouvir? Eu vou desviar agora.

Idrisse: Vais matar a mim, não é?

Ayob: O problema não é matar. Matar não é solução, irmão. Eu conheço onde tu vives, até tu conheces onde eu vivo.

Idrisse: Mandas-me alguém aqui matar-me?

Ayob: Não, espera, eu vou-te dizer uma coisa... Eu estou a falar como um bom amigo. Estás a entender?

Idrisse: Ya.

Ayob: Não estou a falar como seu inimigo. Neste momento o meu inimigo sabes quem é? É o Magid. Magid e os dois filhos. São meus inimigos. Porquê? Porque, tu já sabes, essa inimizade não vem de agora. Vem já de um ano para cá.

Idrisse: Ya.

Ayob: Porque eles têm contas comigo, têm acertos comigo. Esta guerra já teve outros contornos. Agora, se tu queres entrar nesta guerra, então eu estou te a convidar, seja bem-vindo. Eu estou-te a convidar. E já a partir deste momento, são 11 horas, a guerra já não é como "Bazar Central", a guerra é (contigo)

Idrisse: Estás-me a meter medo, não é?...

Ayob: Eu não estou a meter medo. É melhor que entendas bem, pá.

Idrisse: Ouve lá, porque é que estás a mandar gravar minhas conversas ao telefone? Isto é ilegal, não se faz isto a ninguém.

Ayob: Quem é que comprova que eu ouço as tuas conversas?

Idrisse: A cassete comprova. A pessoa que mandou confirmou.

Ayob: Quem foi a pessoa que mandou?

Idrisse: Diz que tu é que mandaste.

Ayob: Eu é que mandei? Mandar o quê?

Idrisse: A cassete.

Ayob: A cassete de quê?

Idrisse: A cassete de quê!? Então não mandaste a cassete que dizes que mandaste?

Ayob: Ouve lá ...

Idrisse: Estás a desviar.

Ayob: Tu sabes... aquilo que puseste hoje, o bikini, a cor do bikini que tu puseste eu sei, sabes?

Idrisse: Sabes? Qual é a cor?

Ayob: Qual é a cor? Eu sei.

Idrisse: Diga lá qual é a cor.

Ayob: Eu sei. Porque é que vou divulgar?

Idrisse: Diga lá, qual é o problema?

Ayob: ...tu para mim és um brinquedo.

Idrisse: Tu também és brinquedo para mim, ouve lá.

Ayob: Eu estou a jurar (jura em nome do Corão)... posso vir aí, posso agarrar-te, posso fazer-te nu... a polícia. Tu estás a dizer na cassete que

continua Pag. 6-7 →

Sociedade

vais partir as minhas pernas?

Idrisse: Tu vais comprar tudo agora?

(Ouve-se uma voz atrás, do lado de Ayob, a dizer: "Vou comprar a tua mulher". Ao longo do resto da conversa torna-se mais nítido que há outras vozes dos dois lados da linha)

Ayob: Vou comprar a tua mulher....

(Escassos segundos depois Idrisse exalta-se; a gravação que temos não permite distinguir com precisão as frases curtas, mas ouve-se Idrisse a dizer: "tu vais à cadeia").

Ayob: Eu tenho razões para telefonar para ti, porque tu provocaste-me.

Idrisse: Tu deixa de ouvir as chamadas. (Falam em simultâneo).

Ayob: ...tu dizeres ao Papasito (o outro filho de Magid), ao Nene, que vais cortar as minhas pernas, que esses gajos roubaram dinheiro do banco. Eu roubrei o teu dinheiro? Eu roubrei o teu dinheiro?

Idrisse: Não.

Ayob: ...ouve bem, vamos conversar como homens, para haver uma conclusão. Dá-me a entender que você quer entrar nesta guerra sem necessidade. Mas se você quer entrar nesta guerra, irmão, vem na guerra, bem-vindo. Já a partir de agora há uma guerra entre eu e você.

Idrisse: Ouve lá, vocês andam a agravar tudo. Porque é que andam a fazer isso? Eu não tenho nada a ver com o (Bicá??).

Ayob: ...a falar a ti que eu cobrei 20%? ...Mas você tem alguma coisa a ver que eu roubrei dinheiro...? Estás a dizer na cassette que ...vais partir pernas. (Ouve-se uma voz atrás a dizer frases que Ayob repete). Você está a dizer aí que o "Bazar Central" devia partir nossas pernas?

Idrisse: Tu gravaste, então.

Ayob: ...eu estou-te a dizer, quem avisa amigo é.

Idrisse: Então deixa de ouvir as conversas ao telefone. A partir de amanhã ligas o seu amigo para não ouvir nossas chamadas.

Ayob: Tu sabes quantos conhecimentos eu tenho. Se eu quiser estar contigo agora à noite, posso estar contigo.

Idrisse: Tu tens muitos conhecimentos, eu sei.

Ayob: Eu posso estar contigo esta noite.

Idrisse: Então venha cá.

Ayob: Sabes onde é que eu estou agora? Estou perto de ti. A um metro. Tu não sabes.

Idrisse: Então entra lá aqui. Se você quer entrar, entra lá aqui.

Ayob: ...tu pensas o quê? Tu pensas que estás a lidar com... tu para mim és uma criança... (conversa simultânea, de novo)... eu vou-te cortar tua língua. Eu estou a jurar pela felicidade de minha mãe, que morra, eu posso vir aí resolver à minha maneira.

Idrisse: Então você deixa de ouvir as conversas.

Ayob: ...a guerra está declarada....

Idrisse: Eu não quero guerra com ninguém, mas deixa de ouvir conversas.

Ayob: Tu sabes o que vai acontecer? Ouve bem, vamo-nos entender. Você agitou, você disse assim Papasito, Nene vocês vão lá ao jornal, vão falar com o governador do banco, vão falar com o ministro, vão falar com o Presidente, vão lá para o jornal, falar que eles cobram 20%, que esse dinheiro é roubado do banco. Ahn?

Idrisse: Mas é ou não é?

Ayob: Isso é correcto?

Idrisse: Mas é ou não é?

Ayob: Você acha isso correcto?

Idrisse: Mas é ou não é? Vocês é que gravam os telefones das pessoas.

Ayob: Mas antes de gravar eu falei contigo? Eu provoquei a ti?

Idrisse: Mas você não roubou o banco? É verdade ou não é verdade? Você não roubou o banco?

Ayob: Mas eu roubrei a ti? Se eu tenho um problema com o banco eu roubrei a ti?

Idrisse: Não, não roubaste a mim.

Ayob: Eu roubrei a ti?

Idrisse: ...está bem, o problema é seu. Eu não tenho nada a ver.

Ayob: (Voz atrás: Roubei do teu cunhado?) Roubei do teu cunhado?

Idrisse: Eu não tenho nada a ver se você roubou.

Ayob: Então porque é que estás a dizer até agora, em vez de dizer, Ayob eu falei aquilo num tom de exaltação, se for preciso eu peço desculpas e vamos acabar com isto.

Idrisse: Eu não vou pedir desculpa... deixa de ouvir as minhas chamadas, eu não tenho nada a ver consigo. Só isso. Eu excito-me, fico nervoso porque você anda a ouvir chamadas aqui em casa. Eu não tenho nada a ver consigo, o teu problema é com o meu cunhado, está certo.

Ayob: Então porque é que tu estás a dizer que eu sou ladrão?

Idrisse: Porque é que vocês estão a ouvir minhas conversas aqui em casa?

Ayob: Eu ...estou a ouvir a conversa do teu cunhado.

Idrisse: Estás a ouvir a minha conversa.

Ayob: Quem é que diz que eu estou a ouvir a tua conversa? Você para mim não é nada, eu não tenho nada a ver consigo. Eu tenho problema com Magid. Você deve dinheiro a mim? Você tem conta a pagar a mim? Então porque é que você está a dizer que eu estou a ouvir tua conversa? Estou a ouvir a conversa do teu cunhado, pá...

Idrisse: Se estás a ouvir a dele não estás a ouvir a minha?

Ayob: Qual é a prova que diz que eu estou a ouvir de tua casa?

Idrisse: Você quando está a ouvir está a ouvir dos dois lados.

Ayob: Porque é que você entra no meio, no barulho entre eu e o Magid? Se você tem um problema comigo vem ter comigo e diz isto não se faz... você deve dizer, vocês sentam conversam, têm uma conta a pagar, pagam e resolvem o problema de uma boa maneira ou perdoam dívidas, mas você não pode agora dizer que nós roubámos dinheiro do banco.

Idrisse: A partir de agora eu não quero que você ande a ouvir as nossas conversas.

Ayob: Se eu ouvir ou não ouvir, você não há-de ter provas. Você tem provas que eu ouço tua conversa?

Idrisse: A cassette não é prova?...

Ameaças

(Ouve-se a voz de Ayob a dizer "fala lá com o Nini")

Nini: ...Nini aqui. Tu queres discutir connosco, queres lutar connosco?

Idrisse: Eu não quero lutar com vocês.

Nini: Sabes, se tu quiseres lutar, estás a perceber...

Idrisse: Eu não tenho nada a ver com a vossa vida.

Nini: Você não pode chamar ladrão às pessoas.

Idrisse: É que vocês estão a ouvir conversa aqui.

Nini: Meu amigo, nós se roubámos, roubámos dinheiro do banco. O teu dinheiro roubámos?...

Idrisse: Não.

Nini: Então porque é que você está a meter, a criar guerra connosco? Nós não temos medo de ti, não temos medo de ninguém.... Você tem prova que eu estou a ouvir tua conversa?

Idrisse: Vocês mandaram cassette.

Nini: ...nós temos uma guerra com Papasito, o irmão e o pai. E você já sabia isto desde... quando nós nos encontrámos, falámos consigo, «teu cunhado está a levar muito dinheiro connosco, está a subir tudo connosco, vamos ter problemas um dia». Tínhamos ou não tínhamos conversado em Meca?

Idrisse: Ya, tínhamos...

Nini: Eu digo uma coisa... nós telefonámos para tua casa porque você disse que ia cortar nossas pernas. Você não tem lugar para cortar nossas pernas. Nós é que temos lugar para cortar tuas pernas....

Idrisse: Ah, vocês têm? Vocês compram tudo.

Nini: Temos tudo, ya. Mas não roubámos o teu...

Idrisse: Então roubaram de quem?

Nini: Não interessa a quem roubámos. Roubámos o teu dinheiro...? Porque é que tu estás agitado muito?

Idrisse: Porque é que você está-me a ameaçar?

Nini: Eu não estou a ameaçar. Você entende lá bem. Acha que fez bem dizer «vai cortar pernas, nós roubámos ao banco, não sei quê, cobramos 20% de juros?

Idrisse: Toda a cidade é que está a contar.

Nini: Você quer que eu abra agora mesmo um processo-crime contra si? Você quer que eu abra um processo-crime contra você e você ficar detido?

Idrisse: Eu ficar detido?

Nini: Sim.

Idrisse: Você não está bom da cabeça. Eu bati alguém, roubrei alguém?

(Parece ser a voz de Ayob, outra vez): ... tua inteligência é pequena, tu és uma criança.

Idrisse: Eu sou criança e você é homem!...

Nini: Eu posso ir buscar agora o teu pai onde ele estiver.

Idrisse: Então venha buscar.

Nini: Posso vir buscar?

Idrisse: Eu já vou comunicar à Polícia. Eu tenho aqui prova de gravação. Você mandou-me a cassette. Já tenho prova.

Nini: Mas quem é que diz que fui eu que mandei? ...Agora a guerra já é Magid e (contigo)... Eu estou-te a convidar para a guerra.

Idrisse: ...Está-me a ameaçar.... Eu vou-vos mostrar quem sou eu. Está-me a meter medo? Vamos ver. Agora há guerra.

Nini: Você está a entrar na guerra sem necessidade... Queres fazer guerra?... o Magid entrou na cadeia. Eu não quero que tu, tens os teus filhos, tens tua mulher pá. Eu estou-te a avisar. Tu tens filhos, tens uma bonita mulher, tens uns bonitos filhos, estás a estragar tua vida... Tu tens filhos ou não tens filhos? Teus filhos vão na escola ou não vão na escola?

Idrisse: Vão na escola, sim....

Nini: Tens a tua vida, tens tua loja, estás a viver normal-

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

✉ SMS: 90440

✉ WhatsApp: 84 399 8634



O Jornal mais lido em Moçambique.

ENVOLVIDO
A verdade em cada palavra.

Sociedade

mente... Vais da loja para casa, da casa para a loja, a pé, numa boa. Não tens problemas com ninguém. Teus filhos jogam futebol na comunidade. Tu não queres viver feliz, não queres viver em paz? Queres fazer guerra connosco?... Gostas ou não gostas deles (filhos)?

Idrisse: Quem não gosta dos filhos?

Nini: Tens uma mulher bonita, tens filhos bonitos, jogam futebol na comunidade, de manhã vão para a escola, tu queres entrar na guerra, o que é que vais ganhar?

Idrisse: Não quero entrar em guerra.

Ayob: Fala o Ayob... Eu não estou a ameaçar a ti. Tu não tens nada a pagar a mim. Quem ainda está a pagar dívidas é o teu cunhado Magid, levou dinheiro connosco, tu não levaste, tu não tens problemas connosco. Não fomos nós que fomos dar ao Magid. O Magid é que veio no nosso escritório levantar dinheiro. Então nós temos todo o direito de cobrar.

Idrisse: Ya, tem razão.

Ayob: Pá, tu tens os teus filhos. Tu não gostarias que os teus filhos fossem na escola à vontade? Gostarias de fazer escolta a eles? Ter medo? Eles vão e não voltam mais da escola?

Idrisse: Ya, estou a ouvir.

Ayob: Teus sobrinhos, tu disseste aos teus sobrinhos para irem no jornal. Com qual objectivo?

Idrisse: Desde que você pôs ontem aquilo eles já estão preparados.

Sobe e desce

Ayob: ...Eu hoje estive no jornal. Aquele anúncio é da responsabilidade exclusiva do jornal "Domingo" (trata-sede uma fotografia de Abdul Magid na coluna "sobe e desce")... Aquele anúncio é da responsabilidade exclusiva do jornal. Teu cunhado tem direito a resposta. Mas uma coisa... fica ciente de uma... Tu queres que na mesma página da próxima edição saia a fotografia da tua irmã? Eu tenho fotocópia do BI da tua mulher, da tua mãe, da tua irmã.

Idrisse: Podes pôr já. Se és homem podes pôr.

Texas

Ayob: ...estamos a conversar, como homens, não estamos aqui a lutar nem nada. Eu nem ia telefonar, eu ia agarrar teu filho, trazia aqui em minha casa. Vamos conversar como homens... Eu estou a telefonar como homem civilizado. Eu tenho estudos. Eu conheço a lei. Graças a Deus tenho uma vida boa.... eu estou-te a dizer o seguinte: Você não pode meter-se no meio onde não é chamado. Eu sei que te dói a ti porque é marido da tua irmã... mas você não tem a pagar a nós. Quem tem a pagar é o Magid. Então você vai dizer para cortar pernas? Qual é o ódio que você tem connosco?

Idrisse: O ódio que tenho é que vocês estão

a ouvir as conversas. Só isso. Você acredita ou não Ayob, é só isso. Vocês eram meus vizinhos.

Ayob: Você quer ser nosso inimigo, não é? Eu vou desligar o telefone, mas vou-te dizer o seguinte: ...você já é meu inimigo... Tu gostarias teus filhos... Eu também vou ter filhos....

Idrisse: Estás a ameaçar.

Ayob: Não estou a ameaçar, estou a falar.

Idrisse: Isto que estás a falar só fazem no Texas, na América.

Ayob: ...tu queres luta connosco?

Idrisse: Eu não quero.

Ayob: Tu agora insultaste a mim, deixa-me dormir. Acha que isto é forma de lidar?

Idrisse: Só acordei porque você tinha ligado várias vezes.

Ayob: ...eu posso agora tirar você do sítio onde você está para aqui em baixo.

Idrisse: Eh pa, você aqui manda.

Ayob: Eu posso fazer isso, eu tenho poder de te pôr aqui em baixo, sim.

Idrisse: Tens muita força.

Ayob: Eu vou fazer isso. Queres que eu faça?

Idrisse: Depende de ti.

Ayob: Queres que eu amanhã de manhã, ou amanhã à noite ou esta noite possa fazer um atentado contra ti? Posso bombardear a ti?

Idrisse: Fazer atentado contra mim? Um bombardeamento?

Ayob: Sim, posso bombardear.

Idrisse: Porra, você é americano.

Ayob: Ouve lá... tu para mim és criança, teus sobrinhos para mim são crianças, diga lá a eles para tomarem leite em casa para não provocarem. Sabes, os teus sobrinhos o que é que fizeram? Eu tenho provas... sabes que esta guerra do dinheiro já está resolvida? Nós já acabámos guerra com o Magid. O Magid está a pagar o dinheiro a nós e nós não temos nada com o Magid. Sabes porque é que esta guerra começou de novo?

Idrisse: Não.

Ayob: Porque teu sobrinho Nene e Papasito roubaram fotos em casa da Amina, conheces?

Idrisse: Eles não foram em casa da Amina.

Ayob: Espera, ouve. Tua irmã... foi em casa da Amina e foram entregar ao Albano Silva. Fizeram chegar essas fotos ao Albano Silva e foram publicar no jornal ("Domingo"; trata-se de fotos do casamento de Asslam Satar, o terceiro irmão, também acusado no caso BCM, que está fora do

país). Eu tenho provas... as pessoas que foram publicar essas fotos pensaram «Ayob e Nini agora vão para a cadeia» mas graças a Deus nós estamos cá fora. No julgamento sabe quem vai estar? Teu cunhado Magid vai entrar de novo na cadeia se ele brincar connosco... é melhor você dizer «espera lá Magid, não provoca pessoas da Unicâmbios, é melhor vocês pagarem contas que devem», não estou a falar daqueles 150 (?) mil dólares, isso ele vai lutar no tribunal comigo... O Magid mandou uma mensagem... Eu não estou a pedir a ele. Ele vai pagar no tribunal quando eu ganhar, ele pode meter mil advogados, eu também tenho mil advogados. Se o juiz disser a mim você tem direito eu vou cobrar com Magid, legalmente, eu não vou fazer força para cobrar. Mas uma coisa diga lá ao Magid, para estar a 500 metros de nós.

Idrisse: Posso dizer a ele?

Ayob: Sim. Para estar muito longe de nós. Diz lá ao teu sobrinho Nene, eu tenho a fotografia dele, Nene, do BI dele, tenho a fotografia do BI do Papasito, tenho a fotografia do BI da tua irmã... tenho todas no meu arquivo e posso entregar em todos os jornais se eles fizerem guerra comigo. Para dizer que ninguém confia nos ladrões, os ladrões burlaram e esse processo já foi encaminhado ao tribunal. Eu estou a dizer, eu gosto muito dos teus filhos, eu estou a falar em nome dos teus filhos, são muito bonitos, eu também estou a lutar para ter filhos, por amor de Deus, estou a falar em nome do Madina, diz lá Nene e Papasito se provocarem a nós, qualquer coisa em termos de jornal minha atenção já virar contra teus filhos e contra ti.

Idrisse: Você está a ameaçar?... O problema é deles, vocês é que fizeram o negócio.

Ayob: Você é que deu ordens. ...você disse ou não disse «vai lá ao jornal»?

Idrisse: Eles não são crianças. O advogado é Albano Silva....

Ayob: Então diga lá a Nene e Papasito, e diga lá a seus filhos se você ama a eles, para não brincarem connosco. Eu estou a jurar pela felicidade do meu pai, que o meu pai morra agora... vai chegar o fim do mundo.

Idrisse: Qualquer coisa que acontecer aos meus filhos eu estou na assembleia popular a cantar tudo, estou-te a avisar... Você por causa de mim vai estragar tudo.... Eu vou lá (assembleia).

Nini: Sabe quem falou mal de mim? O Comiche. Sabe quem é o Comiche? Você não é nada ao lado do Comiche. Sabe onde eu estou? Eu estou aqui. Estou a andar numa boa na estrada. Estou-te a avisar. Se qualquer coisa for publicada nos jornais.

Idrisse: Se eles publicam ou não publicam o problema é deles. Se alguma coisa acontecer com meu filho tu estás lixado. (da Redação)

Previsão do Tempo

Sexta-feira 11 de Outubro

Zona SUL

Céu pouco nublado localmente muito nublado.

Períodos de ocorrência de chuvas fracas locais.

Vento de sueste a leste fraco a moderado.

Zona CENTRO

Céu pouco nublado localmente muito nublado.

Possibilidade de ocorrência de chuviscos ao longo da faixa costeira de Zambézia e Sofala.

Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Zona NORTE

Céu pouco nublado com períodos de muito nublado.

Possibilidade de ocorrência de chuviscos ou chuvas fracas no extremo norte da província de Inhambane.

Vento de nordeste a leste fraco a moderado.

Sábado 12 de Outubro

Zona SUL

Céu pouco nublado, localmente muito nublado.

Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas na província de Cabo Delgado e Niassa.

Vento de nordeste a leste fraco a moderado.

Zona CENTRO

Céu pouco nublado, temporariamente muito nublado na província da Zambézia.

Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais principalmente na faixa costeira.

Vento de sueste a nordeste fraco a moderado.

Zona NORTE

Céu pouco nublado a limpo, passando a muito nublado em Maputo ao entardecer.

Vento de noroeste a nordeste fraco a moderado, rodando para sueste e soprando com rajadas em Maputo e extremo sul de Gaza.

Domingo 13 de Outubro

Zona SUL

Céu pouco nublado, localmente muito nublado.

Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas na província de Cabo Delgado e Niassa.

Vento de nordeste a leste fraco a moderado.

Zona CENTRO

Céu pouco nublado a limpo, Passando a muito nublado ao entardecer.

Vento de noroeste a nordeste fraco a moderado, rodando para sueste e soprando com rajadas.

Zona NORTE

Céu predominantemente muito nublado.

Possibilidade de ocorrência de chuvas fracas locais.

Vento de sueste a leste fraco a moderado, soprando por vezes com rajadas.

Fonte: Instituto Nacional de Meteorologia

Uma criança sequestrada em Maputo e outra na Matola

Nesta terça-feira, 08 de Outubro, duas crianças cujos nomes e idades não conseguimos apurar, foram sequestradas a caminho da escola, uma no bairro de Fomento, no município da Matola, e outra na capital do país.

Em relação à menina raptada no "Fomento", o caso deu-se por volta das 07h:00 daquele dia, quando o minibus de transporte escolar no qual a vítima e outras crianças viajavam foi interpellada e bloqueada por uma viatura sem matrícula. Conta-se que quatro indivíduos ainda não identificados mandaram todos os petizes saírem do carro e levaram consigo a menor.

Ainda na manhã de terça-feira, outra criança que se dirigia a uma escola primária, sita numa zona nobre da capital moçambicana, a poucos quarteirões da Presidência da República, foi sequestrada por indivíduos munidos de armas de fogo, que interceptaram, também, a carrinha de transporte escolar, agrediram o condutor e, sob o olhar aterrorizado de outros petizes, escolheram a vítima e desapareceram.

Segundo fontes não oficiais, o menor é filho de um moçambicano que é quadro sénior numa das maiores empresas de consultoria no país.

Pedro Cossa, porta-voz do Comando-Geral da PRM, apela a todos os que tiverem informação sobre os raptos para que comuniquem à unidade policial mais próxima. Ele chama a atenção aos pais e motoristas das crianças a serem mais cuidadosos e ágeis em situações desta natureza, pois um

novo modus operandi dos sequestradores começa a ganhar forma, com as crianças a serem as principais vítimas.

Pede-se 16 a 20 anos de prisão para os sequestradores

A sentença dos oito réus acusados de sequestro e em julgamento na capital do país pelo Tribunal Judicial da Cidade de Maputo será lida no dia 28 de Outubro em curso. O Ministério Público pede penas máximas de prisão efectiva para cada um dos criminosos em virtude de se ter provado que são culpados, sobretudo porque cinco deles confessaram o crime.

Na sessão desta terça-feira, reservada à produção de provas, o Ministério Público, através da Procuradora Ana Marrengula, pediu ao tribunal a aplicação de uma pena que varia de 12 a 16 anos de prisão para cada arguido, pois ficou suficientemente provado que os réus estão envolvidos no crime em alusão.

Abdul Magid, advogado do assistente e representante de uma das vítimas pediu ao tribunal para que condene os indiciados a penas que variam entre 16 e 20 anos de prisão efectiva. Os elementos agravantes para o efeito são vários, dentre eles: cometimento de delitos na via pública, sequestros premeditados e cárcere privado.

Diga-nos quem é o

XICONHOGA,

Envie-nos um

SMS para

90440

E-Mail para

averdadademz@gmail.com

ou escreva no

Mural do Povo



Jovem mata a esposa e três crianças estão à deriva em Nampula

Eliseu Júnior, de apenas 28 anos de idade, residente na cidade de Nampula, está preso na 2ª esquadra da Polícia, desde o dia 30 de Setembro passado, por ter agredido fisicamente a sua esposa, identificada pelo nome de Crisalida Luís, de 24 anos de idade, a ponto de esta perder a vida numa cama do hospital depois de ter sido mantida em cárcere privado por vários dias. O homicida confessou o crime, tendo sido detido, porém, os filhos encontram-se à sua sorte.

Texto: Redacção

Eliseu Júnior vive concretamente na unidade comunal Muthimacane "A", quarteirão quatro, no bairro de Murrapaniua. Antes de cometer o assassinato, ele manteve a vítima trancada na sua residência por mais de um mês e em condições desumanas. Crisalida Luís foi tratada como um bicho e o marido fazia dela o que lhe apetecia. A 01 de Outubro em curso, sem forças nenhuma para se despedir dos filhos nem dos pais, a mulher perdeu a vida por falta de condições para resistir ao sofrimento a que estava sujeita.

A cidadã a que nos referimos deixou três crianças, uma de oito anos de idade, outra de seis anos, e a mais novas de apenas um ano e três meses. Não se sabe que destino está reservado aos petizes, uma vez que, para além do desaparecimento físico da mãe e da detenção do pai, este é desempregado.

A avaliar pelo crime cometido, o jovem pode ser condenado a uma pena maior de prisão por homicídio voluntário. Enquanto isso, na sua família ninguém dispõe de meios para continuar a zelar pelos menores, sobretudo do mais novo que ainda carece de cuidados primários, sobretudo de leite para se alimentar.

O culpado por esta atrocidade que chocou o bairro de Murrapaniua disse ter protagonizado tal acto supostamente por causa de ciúmes, uma vez que suspeitava de que Crisalida Luís se envolvia sexualmente com um dos seus vizinhos. Para evitar o encontro entre a mulher e o presumível amante, Eliseu achou que a solução era trancar a esposa em casa. Entretanto, apesar de o jovem estar arrependido, os parentes da vítima exigem justiça.

De acordo com os vizinhos, no dia 28 de Agosto passado, Crisalida encontrava-se algures a consumir bebidas alcoólicas na companhia de amigas. O seu marido foi ao encontro dela, juntou-se ao grupo e pagou umas rodadas. Contudo, a esposa negou continuar no convívio alegadamente porque já estava embriagada, por isso, pretendia ir para casa descansar. Eliseu não concordou com a ideia e acusou veementemente a compa-

nheira de ter um amante no quarteirão.

Já em casa, houve uma troca de acusações e uma discussão efervescente entre o casal, factos que culminaram com a agressão física à jovem esposa. Os vizinhos foram acudir mas, quando se retiraram do domicílio, a briga recomeçou. Não era a primeira vez que isso acontecia perante o olhar de consternação das pessoas do bairro. Nesse dia, Eliseu recorreu a instrumentos contundentes para maltratar a cônjuge. Esta, sem meios para se defender da tamanha brutalidade, ficou imobilizada.

Ainda segundo a vizinhança, devido à gravidade das lesões que a vítima contraiu, o marido ficou com medo de ser detido pela Polícia caso alguém denunciasse o crime, danificou o telefone da mulher e deixou-a fechada num quarto da sua casa. Apercebendo-se da situação, as pessoas mais próximas dirigiram-se à residência do casal a fim de saberem do que se passava, mas Eliseu escondia Crisalida e dizia que a mesma havia efectuado uma viagem para Alto Molocué, na província da Zambézia, onde os pais dela residem. Ninguém desconfiou de nada.

Após um mês em cativeiro, a ofendida teve acesso ao celular do seu marido, a partir do qual fez uma chamada para o pai explicando o que se passava e relatando sobre o seu estado de saúde. Por seu turno, os progenitores contactaram Nazaré Jorge, irmão, para que a resgatasse e a levasse ao hospital.

A 30 de Setembro passado, quando Nazaré chegou à residência da sua irmã, esta já havia sido encaminhada ao Centro de Saúde 25 de Setembro por alguns vizinhos, donde foi imediatamente transferida para o Hospital Central de Nampula, em que morreu uma semana depois do internamento.

Nazaré explicou que por várias ocasiões a vítima teria sido aconselhada a denunciar às autoridades policiais as agressões a que era constantemente sujeita. Porém, ela recusou-se sempre a fazê-lo.

Antes de se dirigir a uma unidade sanitária, Crisalida não passou pelo posto policial para registar a ocorrência devido ao estado grave em que se encontrava, mas os médicos exigiram que ela ou alguém da família notificasse o caso à corporação. Os parentes seguiram as instruções, e Eliseu foi preso e encaminhado aos calabouços. "Vamos exigir que a justiça seja feita", disse Nazaré.

Dados colhidos pelo @Verdade dão conta de que, para além de outros traumas, a jovem sofreu golpes com gravidade na cabeça, o que também concorreu para a sua morte.

Miguel Bartolomeu, porta-voz da Polícia da República de Moçambique (PRM) em Nampula, aclarou que depois da agressão física, o jovem trancou a esposa no quarto durante dias para que ela não denunciasse o problema e para evitar suspeitas da população. Entretanto, a dado momento, o cidadão apercebeu-se de que o estado de saúde da sua cônjuge era crítico, tendo pedido a ajuda dos vizinhos, mas já era tarde demais.

De acordo com o nosso interlocutor, quando os médicos procuraram saber do que se passava com Crisalida, Eliseu tentou ocultar os factos, porém, depois de várias perguntas insistentes, ele confirmou que espancou a esposa e a manteve em cárcere privado por mais de um mês.

te se as raparigas mantivessem relações com Assane Atumane. Este, para além de exigir 15 mil meticais pelo remédio administrado, começou a chantear as raparigas, uma vez que três delas negaram ser submetidas ao tratamento da forma como o curandeiro pretendia.

Perante a insistência do jovem, as adolescentes cederam e, volvido algum tempo, ele quis repetir a terapia, ou seja, ir novamente à cama com as miúdas. E caso as suas pacientes negassem o que pretendia, as famílias das mesmas tomariam conhecimento de que elas recorreram a um tratamento tradicional para arruinar a vida dos pais e de outros parentes.

Agastada com a chantagem, uma das adolescentes quebrou o silêncio e contou aos progenitores o que estava a acontecer. Foi assim que a Polícia tomou conhecimento do acontecimento e deteve Assane Atumane.

O visado assumiu que dormiu somente com uma rapariga alegadamente sua namorada há bastante tempo. Ele confessou também que não é médico tradicional, mas sim o seu pai, de quem aprendeu algumas formas de administrar raízes nas pessoas para curar certas enfermidades.

Miguel Bartolomeu, porta-voz da PRM em Nampula, disse que na posse do individuo foram encontradas algumas drogas que supostamente serviam de medicamento, objectos cortantes e três mil meticais cobrados às vítimas.

Suposto curandeiro estupra quatro adolescentes em Nampula

Assane Atumane, de 24 anos de idade, residente no bairro de Muhala-Expansão, arredores da cidade de Nampula, encontra-se preso por ter aliciado quatro adolescentes de 16 anos de idade cada, para se submeterem a um tratamento tradicional que visava expurgar a má sorte, expulsar os maus espíritos que lhes apoquentam a fim de contraírem matrimónio e prosperarem na vida.

Texto: Redacção

As vítimas, cujos nomes omitimos propositadamente, frequentam um dos estabelecimentos de ensino secundário em Nampula. Segundo elas, para lograr os seus intentos, o falso "bruxo", por sinal colega de escola, disse que possuía raízes que podiam livrar as meninas do infortúnio que afectava as suas vidas. O visado vacinou a língua, os seios e os órgãos genitais das meninas.

Entretanto, o medicamento só podia reagir rapidamen-

Caros leitores

Pergunta à Tina... Porque sai sangue quando faço sexo?

Meus queridos leitores. Muitos homens e mulheres perguntam nesta coluna porque as mulheres às vezes sangram durante a relação sexual. Uma das razões pode ser a existência de uma endometriose, que é uma condição em que o tecido do útero cresce para fora do útero. Esse estado causa muita dor, principalmente durante o período menstrual. Se for este o teu caso ou se tiveres mais perguntas sobre saúde sexual e reprodutiva, por favor

Enviem-me uma mensagem através de um sms para 90441
E-mail: averdademz@gmail.com

Boa tarde Tina. Espero que estejas bem de saúde. Eu estou mais ou menos. Sou Tânia e tenho 26 anos. No ano passado fiz uma grande cirurgia para retirar miomas e um cisto uterino. Entretanto, as dores nunca pararam, sempre fui ao médico e ele sempre passava-me receitas e medicava, tanto que quando medicasse as dores paravam, mas depois de um tempo recomeçavam. Há um mês voltei a fazer uma série de exames e de novo diagnosticou o cisto uterino, e disse-me que tenho de ser operada novamente. Agora a minha questão é: será que aqui em Moçambique não temos algum medicamento que faça derreter ou desaparecer o cisto sem que seja necessário recorrer-se a uma cirurgia? Porque estou com medo; quase que morria na primeira, e para voltar a operar tão cedo, mas estou com dores. E outra dúvida é: será que um dia ainda virei a conceber, porque ainda não tenho filhos? Obrigada.

Olá, minha linda. Eu imagino a frustração e medo que deves estar a viver. Para muitas mulheres, se não a maioria, intervenções cirúrgicas no útero deixam sempre o medo de não se poder engravidar. Tens razão de estares a sentir-te assim. A tua primeira pergunta, se percebi bem, é sobre a existência ou não de medicamentos. Eu não te posso dizer ao certo, mas posso, sim, aconselhar-te a procurar outros médicos ginecologistas e pedir uma segunda opinião. Embora a ciência seja a mesma, a experiência dos ginecologistas pode ser diferente, e um pode ter uma opinião diferente do outro. Eu sei de pessoas que trataram tanto os miomas como os cistos com medicamentos, mas não sei ao certo onde esses medicamentos são encontrados. O melhor é receberes essa orientação de um médico especializado. Quanto à tua segunda pergunta, também se aplica o meu conselho. Qualquer cirurgia tem os seus riscos, e sendo ainda por cima num local tão sensível como o útero, pode ser que haja risco, sim, de não poderes engravidar. Mas isso não é verdade para todos os casos. Há muitas mulheres que depois de operarem os miomas conseguem engravidar, com o apoio médico. Portanto, procura outros ginecologistas e pede uma segunda opinião. Boa saúde para ti.

Oi, mana Tina. Eu sou a Tininha. Tenho um problema: se fico muito tempo sem fazer sexo, no dia que faço, sai um pouco de sangue. O que faço?

Olá, minha xará! Primeiro, eu não acredito que o facto de ficares muito tempo sem fazer sexo seja necessariamente a razão por que sangras depois da relação. Eu acho que pode ser alguma questão relacionada ao teu canal vaginal, ou alguma coisa no teu útero, designadamente as lesões uterinas (causadas por uma infecção, que pode ser uma Infecção de Transmissão Sexual - ITS), ou até a existência de miomas, a endometriose e outros. O que podes fazer? Podes dirigir-te ao centro de saúde ou hospital mais próximo e fazeres testes com o ginecologista obstetra. O médico irá fazer vários testes, um toque físico na zona do teu útero, provavelmente também irá fazer uma ecografia para verificar se há algum coisa fora do lugar no teu útero. Não percas muito tempo, pois podes estar a adiar a solução dum problema.

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal **@Verdade**, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Saudações, Jornal **@Verdade**. Somos alfabetizadores de adultos no distrito de Meconta, na província de Nampula. Gostaríamos, através do vosso meio de comunicação, de expor uma inquietação relacionada com o atraso no pagamento dos subsídios desde Março do ano em curso.

Somos no total 3.974 alfabetizadores, dos quais 2.434 homens e 1.540 mulheres. Desde que renovámos os contratos para exercer esta actividade, em Março, ainda não recebemos nenhum valor e as razões para o efeito ainda não são bem claras. Cada educador possui duas turmas e lecciona em dois períodos, um de manhã e outro à tarde. No fim de cada mês temos o direito de receber uma subvenção de 650 meticais. Desde a altura em que ficámos sem esse valor, contactamos constantemente os Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia de Meconta para nos inteirarmos das razões do atraso. Entretanto, até agora não existe nenhuma resposta que nos satisfaça.

Inicialmente, o director distrital da Educação mostrava-se aberto a resolver o problema, porém, volvidos seis meses a andarmos atrás do assunto sem sucesso, o dirigente parece estar indisponível a receber-nos e a explicar o que está a acontecer em torno do atraso no pagamento dos subsídios em alusão. Na segunda-feira da semana passada, 30 de Setembro, dirigimo-nos novamente aos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia de Meconta. Um funcionário administrativo daquela instituição disse-nos que o atra-

so do subsídio tem a ver com a falta de documentos, tais como Número Único de Identificação Tributária (NUIT) e da conta bancária por parte dos alfabetizadores. Entretanto, o estranho nesse assunto é que no período da nossa contratação algumas pessoas entregaram as cópias do cartão do NUIT. Neste momento, os Serviços Distritais da Educação alegam que esses documentos não existem.

O silêncio dos dirigentes dos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia de Meconta deixou-nos preocupados e sem sabermos em que instituição podemos expor a nossa reclamação com vista a recuperar o dinheiro que estamos a perder, pois restam apenas três semanas para o fim das aulas.

Além de sermos educadores de adultos, somos também chefes de famílias cujos integrantes aguardam impacientemente por esse dinheiro para cobrir algumas despesas domésticas. Nós abraçámos esta profissão por vontade própria e não merecemos passar este tipo de atitudes protagonizadas pelos nossos dirigentes. As condições de trabalho a que somos sujeitos não são das melhores, uma vez que cada educador forma os seus alunos na sua casa e posteriormente leva os módulos para os Serviços Distritais da Educação. Pedimos a vossa ajuda para o esclarecimento destas preocupações que nos deixam sem forças para continuar a trabalhar. Queremos saber dos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia de Meconta por que motivos estamos sujeitos a este castigo.

Resposta

Em relação às preocupações dos nossos reclamantes, o **@Verdade** contactou, telefonicamente, o director dos Serviços Distritais da Educação, Juventude e Tecnologia de Meconta, Agostinho Uanieque. Este reconheceu a legitimidade do agastamento dos alfabetizadores, todavia, o seu sector não dispõe de meios para solucionar o problema. Ou seja, não há fundos suficientes para pagar a todos de uma única vez. O nosso entrevistado reconheceu que o caso é deveras preocupante; por isso, o mesmo foi encaminhado ao governo distrital, o qual este disponibilizou menos de 50 por cento do valor necessário para liquidar a dívida em causa.

Num outro desenvolvimento, Agostinho Uanieque disse que no acto da renovação dos contratos, este ano, os

professores foram aconselhados a entregar os números das suas contas bancárias e os de NUIT, mas até hoje ninguém o fez. Assim, o sector das Finanças só vai proceder ao pagamento quando apresentarem os documentos em alusão. Contudo, esta explicação contrasta com a de que não existe dinheiro, o que faz com que não se perceba em que momento o entrevistado está a mentir.

Apesar disso, aquele dirigente garantiu que está a negociar com o governo distrital a modalidade de pagamento dos alfabetizadores ainda no fim deste mês, mesmo que não tenham documentos completos. Agostinho conclui dizendo que no próximo ano não será contratado nenhum educador de adultos que não tenha uma conta bancária e o NUIT.

As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal **@VERDADE** não controla ou gera as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorretos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua Reclamação de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: por carta - Av. Mártires da Machava 905 - Maputo; por Email - averdademz@gmail.com; por mensagem de texto SMS - para o número 90440. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440

WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade

O Jornal mais lido em Moçambique.



Mamparra of the week

Partido Frelimo

Luís Nhachote
averdademz@gmail.com

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avôs e Avós

O mamparra desta semana é o partido Frelimo, que, sem espanto, para gáudio dos "malandros" no seu seio, acaba de chancelar a candidatura de Carlos Portimão, para disputar a edilidade de Moatize nas eleições autárquicas agendadas para 20 de Novembro próximo.

Portimão teve a honra de subir a este pódio reservado aos mamparras muito longe de pensarmos que arrastava consigo o partido Frelimo que um dia foi, de acordo com o primeiro hino nacional, "guia do povo moçambicano"!!!

No dia em que Portimão foi detido em flagrante delito tentando subornar uma procuradora em Moatize - de acordo com as suas palavras, a sua intenção era "agradecer" - assistiu-se a uma estranha movimentação no sistema judiciário que culminou com o meteórico julgamento sumário do mamparra do Portimão que acabou por ser condenado por corrupção. A pena de três meses de prisão foi convertida em multa.

E como a Frelimo tem um porta-voz, um tal Damião José, coube a ele a honra de anunciar aos moçambicanos e aos municípios de Moatize em geral que o gesto do seu camarada partidário foi "um acidente de percurso"?

Na mesma ocasião o sólito porta-voz da Frelimo reafirmou o incondicional apoio do partido Frelimo, um corrupto convicto. Como se de parvos se tratasse, Damião José disse que os municípios de Moatize já entenderam que "foi um mal entendido"!!!

O partido Frelimo em muitas esferas começa a habituar os moçambicanos, sejam eles de gema ou não, como alguém soprou em plenos pulmões, a ser benevolente com algumas práticas dos seus mais fervorosos militantes.

Sabe-se que em Moçambique os mais altos cargos técnicos têm como premissa a militância partidária. Temos estado a assistir em órgãos de soberania, com o beneplácito do advogado do Estado, no caso a Procuradoria Geral da República (PGR), titulares e quejandos a "brincarem" com dinheiros do erário.

Lemos incrédulos que até um aí levou a esposa para tratar os seus dentes numa clínica na capital portuguesa, Lisboa, com o dinheiro dos contribuintes.

Há poucos dias lemos também, de cabelos eriçados, que uns e outros compravam máquinas de barbear e usavam a Internet por milhares de contos.

Neste Governo da Frelimo um ex-ministro foi de férias - deve ter sido azar - para a Cadeia Civil por ter ido ao pote da empresa Aeroportos de Moçambique com toda a sede possível.

O próprio presidente da Frelimo, através de uma das empresas por si participadas, já vendeu autocarros aos Transportes Públicos de Maputo.

Esta Frelimo está cada vez mais caótica. Parece ter assinado um pacto com o diabo.

Que raio de brincadeira é esta afinal?

É que alguém tem de pôr um travão neste tipo de mamparices.

Mamparras, mamparras, mamparras.

Até para a semana, juizinho e bom fim-de-semana.

Governo e Renamo divergem quanto ao significado do 4 de Outubro

Na última sexta-feira, o país assinalou a passagem dos 21 anos da assinatura do Acordo Geral de Paz, em Roma, que puseram fim a 16 anos de conflito armado. Entretanto, os principais signatários, nomeadamente a Renamo e o Governo divergem quanto ao significado da data. Para a "perdiz", o 4 de Outubro simboliza a luta pela democracia, enquanto o Executivo considera que o mesmo representa a paz.

Texto: Redacção • Foto: picture-alliance/dpa



Segundo uma mensagem que consta no Boletim da Perdiz (edição do dia 4), uma publicação do Departamento de Informação da Renamo, o dia 4 de Outubro é o "Dia da Democracia", sistema de governação cuja introdução em Moçambique só foi possível com recurso ao conflito armado, que durou 16 anos e que só terminou com a assinatura do Acordo de Paz.

A Renamo refere ainda que, por mais a data fosse alusiva ao calar das armas, "durante os 21 anos não vimos nenhuma paz porque a Frelimo não permite", daí que só o partido no poder é que pode falar dela. E justifica-se alegando que "durante esse período os nossos membros foram e continuam a ser mortos ou perseguidos, sofrem represálias. (...) A criminalidade está a aumentar, a corrupção atingiu níveis selvagens, a pobreza continua absoluta, o regionalismo e o tribalismo foram largamente fomentados pela Frelimo".

Em relação à democracia, à qual dedica a data, a "Perdiz" considera que a mesma é deficitária e incompleta porque o Governo da Frelimo não quer. "A Frelimo não tem o apoio da população e nunca sonhou sair do poder

porque pensa que é dona do país, por isso em cada pleito eleitoral só trabalha para roubar votos da Renamo e não aceita que o pacote eleitoral seja verdadeiramente puro que permita a alternância governativa. (...) A Frelimo tem medo e não quer que haja eleições livres, justas e transparentes".

Ameaça de retorno à guerra

Em relação às eleições autárquicas, agendadas para 20 de Novembro próximo, para além de boicotar, a Renamo promete inviabilizá-las caso a actual Lei Eleitoral não seja revista e promete continuar a "lutar" até que o Governo aceite a paridade nos órgãos eleitorais, designadamente a Comissão Nacional de Eleições e o Secretariado Técnico de Administração Eleitoral.

"Nunca aceitaremos participar em eleições que sabemos de antemão que a Frelimo vai ganhar com recurso ao roubo. A actual Lei Eleitoral só favorece a Frelimo. Ao aceitarmos, estaríamos a legitimar os actos antidemocráticos e a traír o nosso próprio povo. Por isso, continuaremos a negociar com o regime da Frelimo até que entenda a necessidade de termos uma lei própria que sustenta a Democracia"

Sobre as formas que irá usar para inviabilizar a realização do pleito, a Renamo não foi explícita, mas reafirma na sua publicação que não quer a guerra mas também não a teme. "Se a Frelimo realizar sozinha as eleições com o MDM como combinaram, as consequências serão da própria Frelimo, pois jamais aceitaremos que os governos municipais que sairão destas eleições governem esse nosso povo. Nós iremos reagir para repor a legalidade e ninguém poderá culpar-nos porque sempre estamos a falar e a Frelimo a levar tudo em brincadeiras".

Num outro desenvolvimento, a Renamo diz que "a nossa luta pela Democracia vai continuar, mesmo que seja necessário mais um sacrifício maior do que o de 16 anos. Estamos dispostos e somos voluntários. Nós não queremos a guerra, mas também não temos medo dela. Se alguém pretender atacar-nos estaremos sempre prontos para responder em defesa das nossas vidas, da nossa segurança e da nossa integridade".

"A guerra e a linguagem belicista devem ser reservados para os filmes", Presidente da República

Por seu turno, o Presidente da República, Armando Guebuza, que também foi negociador do Acordo de Paz do lado do Governo, sugeriu que a guerra e a linguagem belicista deviam ser reservadas apenas para os filmes, nos quais tudo não passa de ficção.

Embora não o tenha declarado, pode-se depreender que esta mensagem é dirigida (principalmente) ao principal partido da oposição, a Renamo, que muitas vezes tem proferido ameaças durante as suas aparições públicas.

Entretanto, na sua intervenção, na Praça da Paz, Guebuza fez um balanço positivo dos 21 anos dos Acordo Geral de Paz, tendo destacado os aspectos que sustentam essa visão, tal como o facto de, na sua opinião, "nessas duas décadas ter-se reforçado e elevado a auto-estima dos moçambicanos".

Chissano defende importância do empoderamento das mulheres e dos jovens

O ex-Presidente moçambicano, Joaquim Chissano, defendeu recentemente numa reunião de líderes africanos, em Adis Abeba, que o empoderamento das mulheres e dos jovens e a promoção dos direitos da saúde sexual e reprodutiva para todos ajudarão África a reduzir a pobreza e a cumprir os seus objectivos de desenvolvimento.

Texto: Redacção

Joaquim Chissano considerou que aqueles pontos não podem ser ignorados quando em África se pretende comemorar as realizações na área dos direitos humanos e empoderamento das mulheres.

No encontro de Adis Abeba, que decorreu entre os dias 30 de Setembro e 4 do corrente mês, os líderes de governos africanos colocaram os direitos humanos e o empoderamento das mulheres, incluindo os seus direitos e a saúde reprodutiva, no centro das políticas da população e do desenvolvimento sustentável.

Na ocasião, Joaquim Chissano disse ter, tal como os outros líderes, orgulho pelo progresso atingido em África, pois as políticas e programas inspirados pelo Cairo têm salvo e melhorado milhões de vidas uma vez que eles têm sido as alavancas para o crescente dinamismo do nosso continente. Contudo, sublinhou que ainda há muito que fazer para se garantir um futuro próspero, onde todas as pessoas possam desfrutar dos seus direitos, dignidade e saúde.

"Como co-presidente do High-Level Task Force para a ICPD, sei que se os nossos governos concordarem em defender os direitos e a saúde sexual e reprodutiva para todos, eles também ajudarão África a reduzir a pobreza e a cumprir os seus objectivos de desenvolvimento, ao mesmo tempo que estarão a favorecer o crescimento económico actual," disse.

Desafios de África

O ex-número um de Moçambique fez notar que apesar dos progressos, "terríveis realidades não podem ser ignoradas" em África. Assim, recordou que a África Subsaariana é responsável por mais da metade das 800 mortes maternas que ocorrem globalmente todos os dias. A taxa do aborto inseguro na região é a maior do mundo, são mais de 5 milhões por ano, da qual 25% são realizados em meninas adolescentes.

Falou ainda das mais de 45% de mulheres africanas e meninas que são vítimas da violência física e/ou sexual ao longo da sua vida. "Trezem milhões de meninas africanas menores de 18 anos estão casadas, aumentando os riscos de engravidar cedo, de contágio pelo VIH, da persistente pobreza e violência doméstica. E mais de 4 milhões de jovens em África estão infecções com o VIH."

Segundo entende, esses problemas são evitáveis com soluções de baixo custo uma vez que resolvê-los é uma questão de liderança política, apoiada por recursos. Dessa maneira, os países africanos não se podem dar ao luxo de ignorar oportunidades para fazer dos direitos e saúde sexual e reprodutiva parte da sua realidade neste século.

"Estas prioridades são as chaves para libertar de forma cabal as energias e talentos do nosso povo, especialmente de mulheres e jovens.

Eles devem ser os pilares de qualquer agenda de desenvolvimento global pós-2015 – para África e mais além", disse Chissano perante outros líderes da África.

Quatro recomendações

Em representação da High-Level Task Force para a ICPD, uma entidade que pretende galvanizar a vontade política e os compromissos dos países africanos para avançar em assuntos de saúde sexual reprodutiva, entre outros aspectos, Joaquim Chissano deixou recomendações políticas para a transformação e desenvolvimento de África.

Disse, primeiro, haver necessidade de promulgar reformas legais e políticas que respeitem, protejam e providenciem direitos sexuais e reprodutivos para todos. Revogar as barreiras jurídicas – incluindo restrições de acesso à contracepção e ao aborto seguro – que impedem as mulheres e as pessoas jovens de obterem os serviços sexuais e reprodutivos de que têm necessidade. Rejeitar as normas sociais prejudiciais de controlo sobre a sexualidade humana – incluindo aquelas relacionadas com a orientação sexual e identidade de género.

"Muitos dos nossos irmãos e irmãs enfrentam actos horríveis de violência e discriminação nesta base. Esta não é a África que queremos", apontou.

Seguidamente, deixou ficar a pertinência de se acelerar o acesso universal a serviços de qualidade, à educação e à informação sobre saúde sexual e reprodutiva. Afirmou que nenhuma mulher ou menina adolescente deveria morrer dando à luz ou de complicações do aborto inseguro.

Em terceiro lugar, deve-se garantir o acesso universal à educação sexual abrangente para todos os jovens, tanto dentro como fora da escola.

Chissano concluiu afirmando ser este o momento de acabar com a violência contra mulheres e meninas e com a impunidade dos perpetradores. "Devemo-nos concentrar na prevenção, colocando antes de mais um fim à violência contra mulheres e meninas". No entanto, para fazer isso, é preciso envolver pessoas de todos os quadrantes nesse processo.

"Temos de acabar com o casamento de crianças e a mutilação genital feminina no espaço de uma geração. Também é tempo de garantirmos o acesso universal a serviços críticos e à justiça para todas as vítimas e sobreviventes da violência de género", destacou.

Joaquim Chissano é co-presidente do High-Level Task Force para a ICPD, um grupo de líderes do governo, da sociedade civil e do sector privado, que trabalham para garantir que os direitos e a saúde sexual e reprodutiva sejam centrais para a agenda de desenvolvimento global.

Há mais pessoas “esclarecidas” a cometer violações domésticas

Em 1996, bem antes da aprovação da actual Lei da Violência Doméstica Contra a Mulher, o que só veio a acontecer em 2009, um caso grave de irascibilidade revoltou os moradores do bairro Polana Caniço, quando uma mulher foi espancada até a morte pelo seu esposo. Essa descomunal situação fez com que alguns residentes daquele bairro, saturados da onda de violações, criassem no mesmo ano a Associação para as Vítimas de Violência Doméstica, actualmente composta por cerca de 500 membros.

Hoje, passadas mais de duas décadas após a sua implantação, a agremiação diz-se preocupada com o facto de a violação doméstica estar a ser cometida de forma sistemática por pessoas com um elevado nível de educação, ou seja, pessoas “esclarecidas” nessa matéria. Em conversa com @Verdade, a fundadora e actual presidente, Madalena Domingos, desabafa e mostra-se indignada com os casos que lhe são reportados diariamente e acusa as entidades que intervêm nos processos de se terem esquecido de que existe um prazo estabelecido por lei para a sua resolução.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguezé

@Verdade (@V) - Quando e como surge a Associação para as Vítimas de Violência Doméstica?

Madalena Domingos (MD) - Oficialmente, a associação surge em 1999, ano em que foi registada, mas foi em 1996 que nós começámos com os nossos trabalhos. A ideia surgiu aquando de um episódio ocorrido em 1996 em que um senhor espancou até a morte a sua esposa. Na altura, houve muita revolta dos residentes daquele bairro (Polana Caniço) porque eram muitos os casos de violência doméstica. Diante dessa situação, procurei um grupo de pessoas para que fôssemos conversar com a líder do bairro da Polana Caniço para resolvemos aquela situação. Foi com esse grupo de pessoas que se fundou a associação.

O nome da associação deveu-se essencialmente ao facto de a ideia ter partido de um caso de uma pessoa que perdeu a vida vítima da violência doméstica.

(@V) - Qual era o vosso objectivo?

(MD) - O que nós queríamos era elevar o estatuto social da mulher através da apostila na sua formação profissional. Sabemos que naquela altura, e até hoje, muitas mulheres enfrenta(va)m dificuldades para conseguir singrar no mercado de trabalho. Isso faz com que elas sejam dependentes dos seus maridos, o que, por sua vez, lhes coloca numa situação de vulnerabilidade a diferentes tipos de violência doméstica.

O que estamos a tentar dizer é que se uma mulher tem emprego, por exemplo, e no final do mês recebe o seu salário estará, de certa forma, a diminuir as possibilidades de ser vítima de violência económica ou então a reduzir os seus efeitos.

(@V) - Olhando para esses objectivos que nortearam o vosso surgimento, que balanço faz da vossa actividade?

(MD) - Um dos ganhos que nós registamos é que as mulheres que nós formamos, até hoje, estão a trabalhar, então a partir daí podemos falar de resultados positivos. Sabemos que há mulheres, por nós formadas, que hoje trabalham em restaurantes e hotéis e isso é um grande ganho.

(@V) - Está a falar de quantas pessoas já formadas e em que áreas?

(MD) - Na verdade as formações pararam há algum tempo devido a problemas financeiros. Mas, por exemplo, o último grupo formado (em culinária e corte e costura) foi de cerca de 40 mulheres, isso em 2005/6.



(@V) - Existem outras áreas de formação?

(MD) - Sim, por exemplo, formámos também líderes comunitários porque a dada altura apercebemo-nos de que era importante envolver as lideranças locais nesse trabalho. Eles são líderes de opinião, as suas recomendações são facilmente acatadas pela população. Quando são os membros da associação a falar a mensagem não é acatada com a mesma flexibilidade. Para além de que, em caso de necessidade, as pessoas recorrem sempre aos seus líderes.

(@V) - De que bairro são esses líderes?

(MD) - São 19 chefes de quarteirões, todos do bairro Polana Caniço e o projecto está a ter um bom impacto.

(@V) - O que a associação faz no dia-a-dia?

(MD) - A associação está envolvida nas componentes de atendimento, aconselhamento e encaminhamento dos casos de violência doméstica que chegam. Fazemos o encaminhamento porque não podemos atender as pessoas e ficar por aí. Temos de seguir a história até o veredito final, ou seja, até ao seu julgamento, se for o caso.

(@V) - Qual é o ponto focal da vossa actuação?

(MD) - O nosso ponto focal é o atendimento e acompanhamento integral dos casos que nos chegam. Acompanhamos a pessoa na ida ao centro de saúde e à esquadra. Há casos em que a pessoa tem de ir para a medicina legal, mas muitos nem sequer sabem que existe. Tudo isso permite-nos fazer um bom relatório para que o juiz tome uma decisão justa.

(@V) - Qual é a média de casos recebidos?

(MD) - O fluxo varia de acordo com a época do ano. Na quadra festiva o número de casos tende a aumentar chegando a atingir 10 ou mais por dia, mas noutras épocas podemos falar de dois ou três.

(@V) - A associação surge bem antes da aprovação da “famosa” Lei 9/09 de 2009. Como era a situação antes disso?

(MD) - Posso dizer que antes dessa lei vivia-se um verdadeiro caos no bairro. As agressões eram muito mais frequentes. Agora as coisas estão a mudar. As pessoas estão a ganhar consciência de que afinal é possível resolver os problemas sem recorrer à violência sejam eles quais forem.

(@V) - Isso é fruto da lei ou das actividades de conscientização que ocorrem a vários níveis?

(MD) - Diria que ambos têm a sua influência. Veja que um dos problemas que enfrentámos logo no primeiro ano após a aprovação dessa lei foi a sua má interpretação. Muitos pensavam que a lei era somente para proteger as mulheres, o que não é verdade. Felizmente, essa consciência está a ser deixada para trás, as pessoas aos poucos estão a aperceber-se de que afinal a lei é para todos.

Outra coisa que resulta da existência da lei é que as pessoas a cada dia vão ganhando consciência dos diferentes tipos de violência. Algumas pessoas já sabem, por exemplo, que só de chamar nomes a alguém estão a cometer violência contra ela e podem ser penalizadas. E um dos aspectos muito positivos nesta legislação é que qualquer pessoa pode denunciar. Se alguém vê os seus vizinhos a agredirem-se pode muito bem, mesmo sem o conhecimento ou consentimento da vítima, ir denunciar. E como se trata de um crime público, por vezes nem é necessária a denúncia. Basta as autoridades tomarem conhecimento do caso podem e devem tomar medidas.

(@V) - Disse que as pessoas estão a ganhar consciência de que a lei não é só para mulheres. Tem recebido caso de homens vítimas de violência doméstica?

(MD) - Sim, mas o número é muito reduzido. Há ainda muito preconceito por parte da sociedade em relação aos homens que são agredidos pelas esposas. São tidos como fracos, entre outros estereótipos que giram em volta disso, mas nós tentamos encorajá-los a denunciar.

Na verdade, os primeiros homens que apareceram na associação a apresentarem uma denúncia foram recebidos com uma certa estranheza. Para nós era uma coisa anormal, mas com o tempo fomos percebendo que afinal não há nenhuma anormalidade, direitos iguais impõem respeito mútuo.

Nós tentamos sempre encorajar também as vítimas a denunciar os abusos sexuais. Muitas vezes quando a violação ocorre entre membros da mesma família há uma tendência de esconder, ou então, resolver em família. Mas essa suposta solução familiar muitas vezes é movida por um sentimento de vergonha. Não querem expor as pessoas e isso nalguns casos resulta numa vida insegura por parte da vítima. Então nós encorajamos as pessoas a denunciar sempre. No bairro onde actuamos a violações sexuais são muitos frequentes.

(@V) - Com que frequência ocorrem os casos? Há estatísticas?

(MD) - Não temos os dados esquematizados mas os casos são muitos.

(@V) - Tem-se a impressão de que as mulheres são as maiores vítimas. Qual é o tipo de violência mais frequente?

(MD) - Realmente, a avaliar pelo número de casos que temos recebido, pode-se dizer que essa percepção é real, mas deve-se incluir também as crianças que

Democracia

sofrem mais que as mulheres. As mulheres jovens casadas com idade até os 45 anos e as crianças são as que mais casos apresentam.

Há muitos casos de violência patrimonial em que os maridos, por exemplo, por já não quererem viver maritalmente vendem a casa sem o conhecimento ou consentimento da esposa. Mas temos em maior número ainda a violência física.

(@V) - E qual é a vossa prioridade?

(MD) - Todas as violações são preocupantes. Entretanto, há uma situação muito mais preocupante que é a seguinte: muitas vezes tem-se a impressão de que violência é praticada pelas classes mais desfavorecidas ou pobres, que não tiveram acesso à educação formal.

Mas nós, e digo isso com muita tristeza, temos recebido casos de pessoas “esclarecidas” que, entretanto, enveredam pelo caminho da violência para resolver as suas diferenças domésticas. E isso preocupa-nos.

Temos, inclusive, estudos que nos indicam que há muito mais violência entre pessoas que já são letradas comparativamente às outras. Temos casos de alguns médicos, polícias que são a priori conhecedores da matéria a fazerem isso. Esses sabem que não podem usar a violência para resolver os problemas, mas recorrem a esse método.

(@V) - Perante esse cenário, que medidas podem ser tomadas para pôr cobro à situação?

(MD) - Nós pensamos que esses são casos de pessoas que herdaram a violência das suas experiências de infância. É preciso lembrar que as nossas atitudes, ou seja, dos pais, têm grande influência no comportamento dos filhos no futuro. Se eu bato no meu filho, por exemplo, ou então pratico violência contra o meu marido na presença do meu filho, há grande probabilidade de ele se tornar um adulto violento porque ele pensa que é dessa maneira que se vive.

E esse comportamento violento desse filho começa a manifestar-se ainda na tenra idade. Ele torna-se agressivo para com os colegas na escola, amigos do bairro, etc. Num lar onde se vive em diálogo, os filhos, ao atingir a fase adulta, terão a mesma tendência.

(@V) - Mas, então, como quebrar esse ciclo de violência?

(MD) - A violência deixa traumas “incuráveis.” Os psicólogos minimizam, mas não curam os seus efeitos. E outra coisa: quantas pessoas são assistidas por um psicólogo após sofrerem uma violação?

A quebra desse ciclo só é possível com mais trabalho de consciencialização e vigilância. Nalguns casos é possível identificar marcas do comportamento violento num indivíduo ainda criança e aí pode-se fazer um trabalho com vista a corrigi-lo.

(@V) - Em que bairros a associação actua?

(MD) - A nossa sede está no bairro Polana Caniço, na periferia da cidade de Maputo, mas trabalhamos também no bairro Luís Cabral. Por enquanto só actuamos nesse dois locais.

(@V) - Há algum plano de alargamento do espaço de actuação?

(MD) - Sim, pretendemos, nos próximos tempos, alargar a nossa acção para o bairro de Zimpeto. Com o tempo chegaremos a mais locais.

(@V) - Como é que é feita a escolha dos bairros?

(MD) - Há bairros em que, na nossa opinião, há pouca informação sobre essa matéria e as pessoas pura e simplesmente não sabem que existe uma lei que protege as vítimas de violência doméstica. Noutros, a informação é muito deficitária, sabem mas fazem uma má interpretação tal como alguns homens afirmam que essa lei é das mulheres e só veio para lhes prejudicar. Então nós usamos isso como base para efectuar a escolha.

(@V) - E qual tem sido o papel da associação em relação a essa falta de informação?

(MD) - Temos feito palestras nos bairros, divulgamos a lei e os seus benefícios.

(@V) - Comemorou-se recentemente o Dia do Idoso.

O que se tem feito em relação a essa grupo etário?

(MD) - Nas palestras quando falamos da pessoa idosa a principal mensagem, para os mais novos, tem sido a de que nós também estamos a caminho da terceira idade e é importante não fazer com eles o que não queremos que nos façam no futuro. Os idosos são a nossa biblioteca. E se queremos uma sociedade justa temos de os respeitar.

(@V) - Qual é o papel das escolas na prevenção da violência?

(MD) - Na verdade tem de haver uma preocupação maior nas escolas. Já tivemos algumas escolas que se preocuparam muito nessa área, como é o caso da Escola Secundária Sansão Muthemba, da Polana Caniço, na qual formámos jovens nessa matéria. Aliás, essa foi uma das razões pelas quais o Secretário das Nações Unidas, Ban Ki-moon, visitou aquela instituição quando veio a Moçambique. Nessa escola já há um espaço de acolhimento, ou seja, são os alunos a receber os colegas.

(@V) - Fora a Escola Secundária Sansão Muthemba, sente que os estabelecimentos de ensino se têm empenhado nesse aspecto?

(MD) - Temos conhecimento de um projecto de uma for-

mação de alunos activistas na área de violência doméstica. Achamos que muitas escolas serão abrangidas, pelo menos a Direcção da Educação da Cidade de Maputo mostra alguma preocupação em relação a isso.

O que nós lamentamos é que temos a lei mas a sua implementação ainda é deficiente. Eu conheço um caso que está pendente desde Janeiro, mas sabemos que os casos de violência doméstica devem ser céleres porque um longo tempo de espera apenas serve para apagar os vestígios do crime. Nesse caso, quando se marcou o primeiro julgamento em Janeiro, uma das partes não se fez presente, o que fez com que fosse remarcado para Março, mas até hoje nada aconteceu.

(@V) - Que tipo de pressão se pode fazer para mudar essa situação?

(MD) - Nós estamos agora a preparar um programa de visitas a algumas entidades governamentais que intervêm nos processos de violência doméstica, tal é o caso dos ministérios de Justiça, da Saúde, do Interior assim como os tribunais. E esperamos que nessas visitas este assunto seja fortemente discutido.

Acho que essas entidades esqueceram-se de que existe um prazo estabelecido por lei para a resolução de um caso de violência doméstica.

Publicidade



Cursos
Moçambique

AUDITORIA INTERNA DE PROCUREMENT



A evolução do processo de aquisição leva a demanda de aumento de conhecimentos dos auditores na área de *procurement*. Aquisição de bens e serviços é uma componente importante do orçamento empresarial e, portanto, manter a transparência, prestação de contas e imparcialidade no processo de aquisição é imperativo.

Este curso irá melhorar o seu conhecimento em todo ciclo de vida do processo de *procurement* e os riscos envolvidos. Irá desenvolver as suas habilidades práticas no processo de auditoria de *procurement*, desde o planeamento até a execução, elaboração de relatórios e monitoria das recomendações.

O que você vai aprender:

Noções básicas sobre o processo de *procurement/compras* (entendimento do fluxo de processo de compras).

Conteúdo:

- **Procurement:**
 - Público vs. Privado
 - Centralizado vs. Descentralizado
- **Principais riscos da área de compras.**
- **Como auditar o ciclo de vida do Procurement , nomeadamente:**
 - Seleção de fornecedores (por cotações e por concursos);
 - Monitoria do desempenho dos fornecedores;
 - Devolução e registo da mercadoria; e
 - Requisição;
 - Emissão da ordem de compra;
 - Monitoria da encomenda;
 - Recepção de mercadorias,

29 a 31 de Outubro 2013

Local: Escritórios da KPMG em Maputo

Custo por Pessoa: **40 000,00 MT** (IVA incluído)

10% de Desconto para grupo empresarial (mais de cinco participantes)

N.B.: Trazer o seu computador dar-lhe-á vantagens nos exercícios práticos

Quem Deve Participar

- Auditores internos que pretendam aprofundar seus conhecimentos de auditorias a processos de compras;
- Gestores e funcionários de empresas que queiram melhorar a eficácia dos seus processos de compras; e
- Qualquer outra parte interessada.

KPMG Auditores e Consultores

Rua 1.233, n°72C, Edifício Hollard, Maputo

Tel: +258 21 355 200 | Fax: +258 21 313 358

O conteúdo da formação e eventuais dúvidas podem ser esclarecidos junto de Sandra Nhachale pelo e-mail snahchale@kpmg.com

Moatize: Frelimo mantém apoio ao candidato corrupto(r)

O candidato à presidência do Município de Moatize, na província de Tete, Carlos Portimão, detido no dia 26 de Setembro passado, ao tentar subornar a Procuradora Distrital, Ivânia Mussagy, com o valor de cinco mil meticais, tem o apoio incondicional do partido Frelimo, estando em marcha uma campanha de lavagem da sua imagem com o intuito de que, até à data das eleições autárquicas de 20 de Novembro próximo, os municípios "tenham esquecido" o episódio.

Texto: Redacção

O apoio a este candidato, que já possui fama de corrupto, foi confirmado pelo secretário do Comité Central da Frelimo e porta-voz desta mesma formação política, Damião José, que ainda tentou justificar o crime do seu "camarada," considerado que se tratou de uma deturpação da informação.

O candidato em causa, como que por alguma experiência tivesse previsto a reacção do seu partido, teria já dito que aquela situação não iria afectar a sua candidatura.

Entretanto, depois deste caso insólito, que deixou a nu o seu carácter duvidoso, Portimão está actualmente a investir numa campanha de lavagem da sua imagem, uma tentativa de fazer com que, pelo menos, até à data das eleições autárquicas, 20 de Novembro próximo, os municípios de Moatize "se tenham esquecido" do episódio.

Nas suas investidas em defesa de Portimão, o secretário do Comité Central do "partidão" ainda manifestou a sua

"solidariedade" para com o seu candidato e entende que este episódio não manchou o "bom nome" e a "reputação" de que goza no município pelo qual se candidata.

Diante destes argumentos, Damião José sustenta que Portimão vai ganhar as eleições de cabeça erguida, pois o mesmo ainda possui prestígio e merece confiança dos municípios de Moatize.

Para o porta-voz da Frelimo, o acto que culminou com a detenção, julgamento e condenação do Carlos Portimão foi mal interpretado pela procuradora e deturpado pela imprensa, pois, afirma, o candidato do seu partido pretendia demonstrar gratidão.

Citado por um jornal da praça, Damião José diz que Portimão cometeu um "crime de injúria às autoridades por ter oferecido, em jeito de gratidão, um valor monetário à Procuradora Distrital de Moatize, Ivânia Mussagy, a quem recorrera para perceber os contornos da detenção de um familiar que, apesar de concedida a liberdade condicional, permanecia nas celas da Polícia".

Entretanto, a notícia que correu o mundo e que a Frelimo pretende abafar – uma acção que se equipara à tentativa de tapar o sol com a peneira – é a de que Carlos Portimão se deslocou ao gabinete daquela magistrada do Ministério Público em Moatize para tentar "negociar" a soltura de um sobrinho seu que se encontra detido na cadeia distrital de Moatize.

Nesse momento, ao tentar convencer a magistrada, o candidato do partido Frelimo desembolsou cinco mil meticais para suborná-la, tendo Ivânia Mussagy, depois de receber o valor, chamado a Polícia, à qual instruiu que prendesse o infractor encontrado em flagrante delito.

Incidente de percurso

A tentativa de suborno cometido por Carlos Portimão contra uma magistrada mereceu, de resto, uma designação invulgar por parte dos "camaradas" que simplesmente a apelidaram de "acidente de percurso."

O porta-voz da Frelimo diz ter-se feito uma análise conjunta do ocorrido tendo-se concluído que o candidato Portimão ainda goza de apoio dos militares e simpatizantes da Frelimo e dos municípios de Moatize. Não se sabe de que forma foi feita essa análise, mas a verdade é que a Frelimo deduziu que Portimão é o seu candidato ideal para dirigir os destinos município de Moatize nos próximos cinco anos.

Assim, mantida a sua candidatura, Carlos Portimão terá como seu único adversário na corrida eleitoral de 20 de Novembro o engenheiro Horácio Raposo, do Movimento Democrático de Moçambique (MDM).

MDM impedido de içar bandeiras no distrito de Búzi

Estruturas administrativas de Búzi, na província de Sofala, têm estado a obrigar à retirada de bandeiras do Movimento Democrático de Moçambique em diferentes bairros e povoações daquele distrito, numa acção que visa, alegadamente, inviabilizar as actividades desta formação política.

Texto: Redacção

Para além da vila sede do distrito de Búzi, o mesmo cenário verifica-se com mais incidência nas regiões de Danga e Bue, no posto administrativo de Sofala, Macua e Thova, nas localidades de Bandua, Buine e Chindo, Guara Guara, na sede da localidade Inhorongue, assim como em Chiquezana e Martino, todos na província de Sofala, centro do país.

Na verdade, acções similares visando coartar a manifestação política do MDM, que é a segunda maior formação política da oposição, são de forma recorrente retratados na imprensa moçambicana. Entretanto, no tocante à província de Sofala, o caso é visto como uma forma que o partido no poder encontrou para reduzir a zero a influência e simpatia políticas que o MDM granjeia naquele região.

O delegado político distrital do MDM, Fernando Gaissa, considera ser mais grave a proibição de içar as bandeiras da sua formação política feita pelas autoridades locais. "Isso não acontece só em Búzi. Nalgumas regiões do país os secretários dos bairros,

chefes das povoações, dos postos administrativos e localidades chegam ao extremo de exigir "Guia de Marcha" autorizando a colocação de bandeiras. E tais guias devem ser passadas pelo governo distrital".

Gaissa denunciou ainda o facto de os membros do MDM estarem a sofrer ameaças de morte por contrariarem esta ordem, mantendo içadas as bandeiras mesmo sem a devida autorização do governo distrital.

Para o MDM, não há razões para as estruturas administrativas impedirem a colocação de bandeiras do partido do "Galo", para além de que "esta atitude é uma provocação que o Governo está a protagonizar, visando criar um ambiente turvo, uma vez que o partido no poder não goza de influência na região em alusão".

Como comprovativo, Fernando Gaissa apresentou uma notificação emitida no dia 27 de Setembro último, e que está na posse do @Verdade, através da qual se intimava o representante do MDM na localidade de Inhorongue a fim de depor devido à sua reincidência na colocação dos símbolos da sua formação política.

Porém, "chegado à sede da localidade, o chefe apenas ordenou-me a retirar as bandeiras alegadamente porque estava a cumprir ordens do administrador do distrito de Búzi. Eu recusei a cumprir porque estamos num país de direito democrático, onde cada um está livre de aderir a qualquer partido", disse.

Um aspecto que agrava a preocupação do delegado político distrital do MDM é a letargia com que está a ser conduzido o caso pela Procuradoria local, pois, apesar das denúncias feitas, algumas em 2011, ainda não houve nenhuma responsabilização dos protagonistas.

E como exemplo, Gaissa facultou ao @Verdade três queixas que foram remetidas à Procuradoria Distrital sobre a vandalização das bandeiras. A primeira foi feita no dia 14 de Abril de 2011, contra os nacionais Lourenço Vilanculos e Luís Paca, todos de Nova Sofala.

O segundo caso foi participado a 25 de Março de 2011 de novo



Esteja sempre actualizado sobre actualidade política do país e no globo seguindo-nos no [@twitter @democraciamz](https://twitter.com/Democraciamz)

Julgamento céleres (demais)

Carlos Portimão, depois de ter sido preso a mando da Procuradora, Ivânia Mussagy, a quem ele tentou subornar foi, no mesmo dia, julgado e condenado a três meses de prisão convertidos em multa. O julgamento que teria durado cerca de seis horas foi dirigido pelo juiz Arnaldo Calisto e no mesmo dia Portimão foi restituído à liberdade de modo a manter no seu posto de candidato pelo partido Frelimo.

No dia em que se deu o episódio Portimão deslocou-se até ao gabinete da procuradora Ivânia Mussagy com a intenção de negociar a libertação de um sobrinho que se encontra preso numa cadeia distrital.

No meio de negociação, Portimão teria desembolsado cinco mil meticais para suborná-la. Na ocasião, Ivânia Mussagy chegou mesmo a receber o valor, mas depois solicitou aos agentes da Polícia que recolhessem à cela o candidato da Frelimo, uma vez que se tratava de flagrante delito.

Informações postas a circular dão conta de um suposto envolvimento do governo provincial e até central na tentativa de resolver a situação.

contra o cidadão Lourenço Vilanculos, acusado de retirar o mastro e a respectiva bandeira do MDM. Já o terceiro deu entrada no dia 14 de Agosto de 2013, mas até o momento não houve responsabilização contra os visados.

Supostos membros da Frelimo em julgamento

Ainda na senda da tentativa da obstrução das actividades políticas do MDM, pelo menos sete supostos membros do partido Frelimo começaram a ser julgados essa semana na sequência dos actos de intimidação e obstrução de actividades políticas do Movimento Democrático de Moçambique (MDM). As acusações que pesam sobre eles incluem a vandalização das sedes e símbolos desta formação política.

Os julgamentos acontecem numa altura em que o MDM vem denunciando publicamente o facto de estar a ser vítima dos actos acima apontados. Há menos de duas semanas, o secretário-geral do MDM, Luís Boavida, terá sido impedido, por um grupo de indivíduos não identificados, de exercer a sua actividade política na província de Gaza, tida como bastião da Frelimo.

Entretanto, os julgamentos, segundo uma nota da MDM, estão a decorrer na província de Gaza, nos distritos de Chokwé, onde estão no banco dos réus os cidadãos Arnaldo Couve, Miguel Maibasse, Santos Mlhoi, Sutho e Emílio Matusse, apontados como sendo membros Frelimo.

Já no distrito de Manjacaze, está a ser julgado Luís Dinis Mondlane, secretário distrital da Organização da Juventude Moçambicana, braço juvenil da Frelimo, e Gloria Mondlane, membro da Assembleia Municipal.

Ainda segundo a nota, na terça-feira (08), no Tribunal Judicial da Cidade de Lichinga, em Niassa, um agente da polícia comunitária foi julgado acusado de agredir fisicamente um membro do MDM.

African Media Leaders Forum

Shaping the future of African media



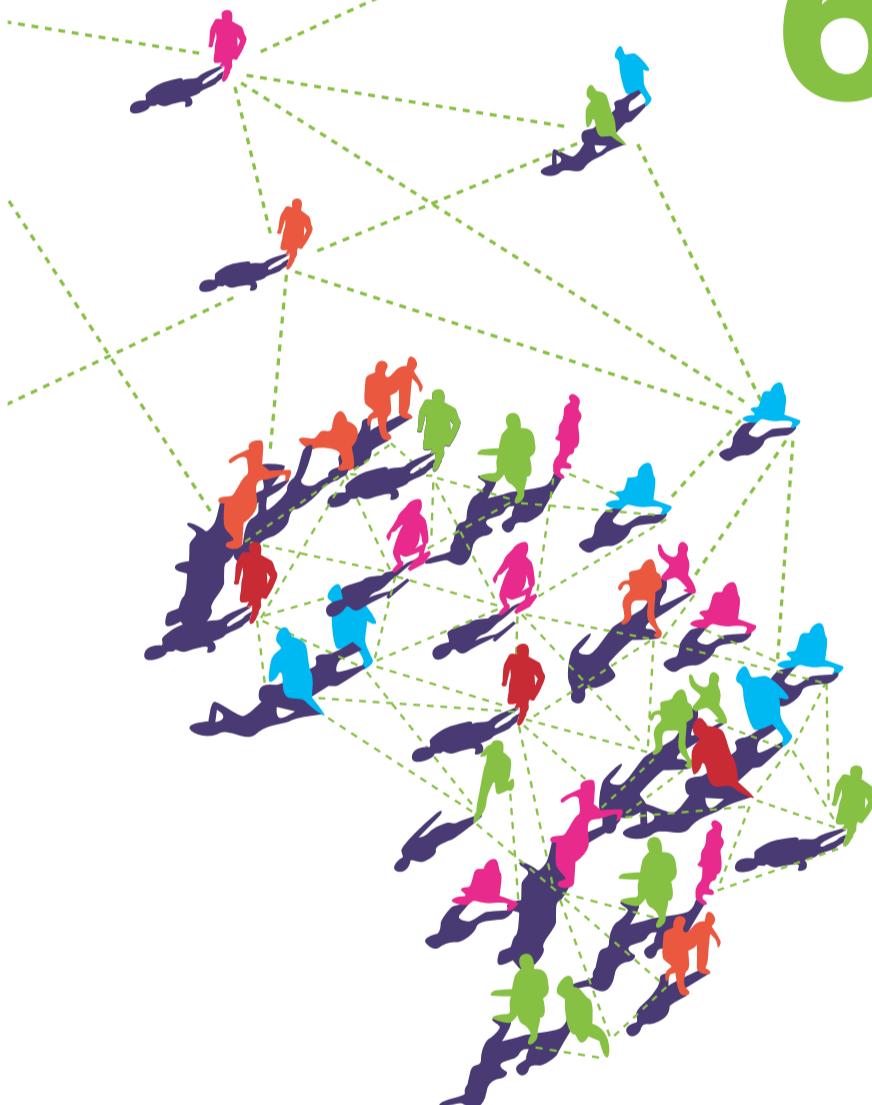
6TH AFRICAN MEDIA LEADERS FORUM

6 - 8 November 2013

Addis Ababa, Ethiopia

"Media and the African Renaissance"

If you are interested in sponsoring, exhibiting at or participating in this Forum, please contact us at amlf@africanmediainitiative.org or [+254 20 269 4004](tel:+254202694004)



PARTNERS AND SPONSORS



Konrad
Adenauer
Stiftung

THE AFRICAN CAPACITY
BUILDING FOUNDATION

FOUNDATION POUR LE RENFORCEMENT
DES CAPACITES EN AFRIQUE

Mo Ibrahim
FOUNDATION



BILL & MELINDA GATES foundation

AGRA
Growing Africa's Agriculture



United Nations
Economic Commission for Africa

“Eu fui, sou e serei sempre comunista”

Na sua ‘efémera’ estada na Terra – que durou mais de oito décadas – o realizador moçambicano José Cardoso criou parte essencial dos filmes-base para a crónica cinematográfica oficial moçambicana. Durante a sua vida, desde a juventude, vinculou-se aos ideais do socialismo comunista que se frustraram perante o capitalismo que nos governa. Embora fracassado, lutou continuamente pela igualdade social até que na madrugada do Dia da Paz, 04 de Outubro, O Anúncio – não do emprego, como o fez no referido filme, mas da morte – bateu-lhe à porta. José abandonou tudo, incluindo Laura Cardoso, e foi-se eternamente...

Texto: Inocêncio Albino

Foto: Inocêncio Albino/Arquivo pessoal da família

No dia em que, depois de muitos adiamentos, finalmente, pela primeira vez, o visitámos na sua residência, em Maputo, o célebre realizador moçambicano José Cardoso (1930 – 2013) recebeu-nos, mas – e ainda bem que assim procedeu – imediatamente “mandou-nos embora”.

Disse-nos que não estava bem disposto para interagir connosco. E não foi porque não o avisámos de que vínhamos porque – mesmo se assim quiséssemos – não teríamos como fazê-lo. Cardoso não tinha telemóvel. Grosso modo, ele ficava, permanentemente, em casa. E, qualquer pessoa que quisesse conversar consigo podia encontrá-lo. Nem precisava de prenunciar que o iria ver. E nós, como José Cardoso nos aconselhou, não precisávamos de marcar audiências para o efeito.



Essa experiência decorreu entre os finais de Junho e princípios de Julho. De certo, havíamos lido algo a seu respeito em alguns magazines, tínhamos visto, em 2012, O Anúncio – o seu filme sobre a problemática universal do desemprego – no âmbito da terceira edição do Fórum de Cinema de Curta-Metragem (KUGOMA) e, recentemente, tínhamos estado consigo numa mesa redonda organizada no contexto do referido evento em que Cardoso contou histórias do cinema ao longo dos anos 60 do século passado.

‘Cowboyadas’ ou um cinema com preocupações sociais?

@Verdade: José Cardoso é o realizador de um dos filmes (porque existem dois, O Vento Sopra do Norte e O Tempo dos Leopardos) que constituem o início da ficção do cinema moçambicano...

José Cardoso: Penso que está a referir-se ao O Vento Sopra do Norte e o Canta Meu Irmão. O primeiro é, de facto, uma ficção. O segundo é uma longa-metragem sobre a cultura moçambicana. Percorri todo o país, do norte ao sul, tendo visitado quase todas as províncias. Nesse contexto, filmei os artistas que se apresentaram no Festival Nacional de Cultura, em 1976, na cidade de Maputo.

Recolhi dados sobre a actividade e a vida desses criadores, a construção dos seus instrumentos, a forma como os utilizavam, as suas obras musicais de tal sorte que acabei por produzir a obra Canta Meu Irmão – a primeira longa-metragem moçambicana a cores. Infelizmente, esse filme não foi muito exibido no cinema. Por isso não é muito conhecido no país.

Paradoxalmente, o Canta Meu Irmão é uma obra mais conhecida na Europa porque alguém enviou as suas cópias para a Itália.

De uma ou de outra forma, eu gosto de associar a história do cinema moçambicano ao período anterior à independência nacional, quando eu fazia – aquilo que muitos chamam cinema amador – o cinema não profissional.

Entendo o cinema amador como sendo uma série de brincadeiras. Ora, em contra-senso, o que eu fazia não eram zombarias. Eu já pro-

duzia – em apenas oito minutos – um cinema sério, enfocando os problemas da sociedade moçambicana, em geral, e do mundo em particular. Refiro-me aos conflitos armados, ao desemprego, bem como ao relacionamento entre pais e filhos, incluindo outros tópicos discutidos nesse âmbito.

Então, eu considero que o meu cinema – focalizado nas temáticas dos problemas sociais – já vem desde 1950, quando eu, como fundador do Cine Clube da Beira, comecei a produzir filmes.

Vejo que hoje há muitos jovens realizadores moçambicanos com grande capacidade. O problema é que eles andam um pouco perdidos. Pensam que para fazer cinema é preciso ter muito dinheiro, o que – para mim – não é verdade. Eu fazia cinema investindo o meu próprio ordenado – que não era muito alto – e já era casado, tinha filhos e passava por algumas dificuldades. Entretanto, apesar de tudo, investia todo o meu dinheiro na compra de material como, por exemplo, as máquinas e os filmes virgens. E a par dos outros colaboradores do Cine Clube da Beira, produzímos os filmes que gostávamos de ver.

Mais tarde, em 1976, a convite de Américo Soares, o primeiro director do Instituto Nacional de Cinema – que, não obstante o facto de que não nos conhecíamos, pessoalmente, ele ouvia falar de mim, como realizador, e sobre os prémios que os meus pequenos filmes de ficção ganhavam na Europa – vim a Maputo.

Dessas obras há três fundamentais – O Anúncio, O Pesadelo e Raízes. É verdade que todos eles foram premiados, mas o primeiro obteve um sucesso maior.

@Verdade: Quer aprofundar mais essa experiência sobre o cinema amador e não profissional?

José Cardoso: A minha experiência como cineasta profissional começa em 1976. No entanto, eu prefiro o termo cinema não profissional porque no cinema amador havia dezenas de pessoas a trabalhar. O problema é que nessa produção não havia qualidade nenhuma. Produziam-se ‘cowboyadas’ – uma espécie de imitação do que de pior se fazia na Europa. Para mim, o cinema amador é experimental e de brincadeira e não tinha preocupações sociais, muito menos humanas. Ora, o cinema não profissional – que era exactamente o que eu defendia – tinha essas inquietações, discutindo tudo o que acontecia em Moçambique e no mundo.

Vejo que hoje há muitos jovens realizadores moçambicanos com grande capacidade. O problema é que eles andam um pouco perdidos. Pensam que para fazer cinema é preciso ter muito dinheiro, o que – para mim – não é verdade. Eu fazia cinema investindo o meu próprio ordenado – que não era muito alto – e já era casado, tinha filhos e passava por algumas dificuldades. Entretanto, apesar de tudo, investia todo o meu dinheiro na compra de material como, por exemplo, as máquinas e os filmes virgens. E a par dos outros colaboradores do Cine Clube da Beira, produzímos os filmes que gostávamos de ver.

Falar sobre a sétima arte nessa época também nos importava. No entanto, mesmo com essas informações esparsas, não tínhamos conhecimentos suficientes para interagir com José Cardoso a fim de – no contexto da nossa actividade – gerar conteúdos reveladores. Então, quando ele nos “mandou embora” – marcando o encontro para outro dia – sentimo-nos acariciados pela sorte. Iríamos ler mais a seu respeito. O problema é que – segundo constatámos – nunca estaríamos preparados para entrevistá-lo, na verdadeira acepção da palavra.

Talvez, ele fosse contar-nos factos sobre a sua experiência humana e artística como realizador. Por essa razão, este texto-conversa, com um início bem precipitado representa uma tentativa de entrevista a José Cardoso. Abespinha-nos, porém, o facto de ter sido a (nossa) primeira e a última cavaqueira com o pai de O Vento Sopra do Norte. Aos 83 anos, o homem partiu na madrugada da sexta-feira, do Dia da Paz, 04 de Outubro. Paz à sua alma!

Vou-te dizer uma coisa muito séria – a partir dos meus 16 anos, abracei a ideologia comunista. Eu fui, sou e serei sempre comunista. As ideias do socialismo comunista são minhas.

Portanto, os jovens entusiastas da sétima arte precisam de trabalhar. Eles devem arregaçar as mangas e fazer o cinema porque actualmente dispõem de mais facilidades do que eu tinha naquela época. Por exemplo, para eu fazer filmes tinha de ter máquinas de filmar em película e, para os revelar, tinha de enviá-los para a Itália, onde havia a película da marca Ferrânia.

“Não hesitei em trocar o dinheiro pelo cinema”

@Verdade: Seria correcto se, por indução, concluiríssemos que na sua época não havia muita concorrência entre os realizadores? E que essa realidade favorecia a produção cinematográfica?

José Cardoso: Não é verdade! Havia o egoísmo e uma grande rivalidade que nascia da incapacidade que – algumas pessoas – tinham de fazer melhor que nós, a nível do Cine Clube da Beira. Entretanto, também existia outra rivalidade – muito importante porque propiciava a colabo-

Destaque

ração entre determinados grupos de realizadores. Pessoas como João Paulo Santos, o irmão de Zeca Afonso, são referências dessa época.

@Verdade: O ano de 1976 marca a realização do primeiro Festival Nacional da Cultura, mas também – como o seu depoimento comprova – a sua vinda para Maputo e, consequentemente, o nascimento da sua relação com o Instituto Nacional do Cinema...

José Cardoso: Pois, eu aqui vim a convite do Instituto Nacional do Cinema para ingressar nos quadros da instituição. Mas antes eu era técnico de farmácia. Por essa razão, fazia os meus filmes aos fins-de-semana, sobretudo quando os meus colaboradores estivessem disponíveis.

Ora para sair da Beira para Maputo enfrentei muitos problemas. É que, na altura, na Farmácia Graça – onde trabalhei durante 32 anos – por causa da transformação que se estava a operar, dos três mil e seis mil escudos que recebia, ofereceram-me o (grande) vencimento de 30 mil escudos.

Constatei que essa oferta de 30 mil escudos que passaria a auferir a partir 1976, na Farmácia Graça, se devia ao facto de que a dona da organização não era especializada na área. O pior é que não havia outra pessoa para ocupar o meu

Há muitos camaradas meus – não confundir os camaradas da ideologia comunista com os actuais do partido no poder – que também abandonaram o comunismo.

cargo. Por isso, esse dinheiro era para me manter vinculado à instituição. A proprietária sabia que se eu saísse não havia alguém para realizar as tarefas que eu tinha.

Entretanto, o valor que se me oferecia no Ins-

O pior é que alguns, até, juraram servir o povo, mas quando chegam ao poder fazem, exactamente, o contrário. Vivem em palacetes com carros de alta cilindrada e gordas contas bancárias – aqui e no estrangeiro –, enquanto o resto do mundo vive na miséria.

tituto Nacional de Cinema – 12 mil escudos – como salário era muito aquém da proposta da farmácia. De qualquer modo, eu não hesitei em trocar o dinheiro pelo cinema porque o meu amor pela sétima arte era imenso e a possibilidade de vir a Maputo trabalhar nessa área era única.

Além do mais, na época, vivia-se um certo movimento revolucionário em que eu assumia algum protagonismo porque defendia as suas ideias. O problema é que essa revolução acabou – e eu fiquei só, com as ideias. Portanto, não me custou nada trocar a farmácia, e um bom vencimento, pelo cinema. E vim então para Maputo.

@Verdade: Quais eram os ideais desse movimento revolucionário?

José Cardoso: Vou-te dizer uma coisa muito séria – a partir dos meus 16 anos, abracei a ideologia comunista. Eu fui, sou e serei sempre comunista. As ideias do socialismo comunista são minhas. Trata-se de ideias puras que foram retorcidas, inclusivamente, por aqueles que foram os pais do comunismo. Por exemplo, a União Soviética perdeu-se pelo caminho.

De uma ou de outra forma, há muitos camaradas meus – não confundir os camaradas da ideologia comunista com os actuais do partido no poder – que também abandonaram o comunismo. Seja como for, como um bebé recém-nascido, as minhas ideias do socialismo comunista mantêm-se puras. E lutámos por elas. Essa luta consiste na construção de um mundo melhor, de justiça social, em que as riquezas nacionais de cada país sejam divididas entre os povos desse país e não roubadas por meia dúzia de sanguessugas e ladrões que andam sempre à caça das migalhas do povo para gerar a sua riqueza.

Ora, quando entrei no Instituto Nacional do Cinema – porque pensei que, na altura, a revolução também as seguia – levei essas ideias comigo. O problema é que as coisas evoluíram para o torto. Elas desenvolveram-se em direção ao outro regime – o capitalismo – contra o qual eu luto o tempo inteiro. O regime do “salve-se quem puder”.

Então eu sempre lutei – e continuei a lutar – por uma justiça social e uma igualdade entre as pessoas, porque todas elas têm a mesma capacidade e, por isso, deviam ser úteis à sociedade e à humanidade.

“Eu tenho fé nos jovens!”

@Verdade: Tem sido muito difícil ver os seus filmes...

José Cardoso: É verdade. É que, actualmente, estes filmes estão na Alemanha, onde há um projecto para compactá-los num DVD. Eles prometeram fazer um trabalho de qualidade de modo que se promovam as obras. Infelizmente, no aspecto do som e da imagem, as cópias dos filmes que me enviaram de Portugal têm uma qualidade muito má. A Diana Manhiça está a tratar disso, com os parceiros alemães. Acho que em muito pouco tempo – ao longo deste ano – teremos estas obras em Moçambique.

Recordo-me de que por causa do filme Pesdaelo, uma ficção de oito minutos, no tempo colonial, fui preso pela PIDE sob a alegação de que estava a fazer apologia à luta de guerrilha, em 1961.

Por isso, temos de lutar por um mundo melhor. Os jovens – como tu – têm a capacidade de lutar para vencer. Eu tenho uma grande fé não só nos jovens moçambicanos, mas de todo o mundo. Sinto que agora há um despertar das pessoas porque elas estão cansadas de viver a sofrer. Eu penso que não é preciso sofrer tanto para viver.

Basta que haja uma distribuição igual da riqueza do país e que não existam as acções vampíricas daqueles que – em pouco tempo – se querem habituar às maiores riquezas possíveis, esquecendo-se dos outros. O pior é que alguns, até, juraram servir o povo, mas quando chegam ao poder fazem, exactamente, o contrário – vivem em palacetes com carros de alta cilindrada e gordas contas bancárias – aqui e no estrangeiro –, enquanto o resto do mundo vive na miséria.

@Verdade: Porque é que fazem isso?

José Cardoso: É por puro egoísmo. O lado mau do Homem é ser animalesco, cruel e vil. Então temos de procurar os homens bons. Eles é que se devem unir para que haja a revolução. Para que a situação se transforme.

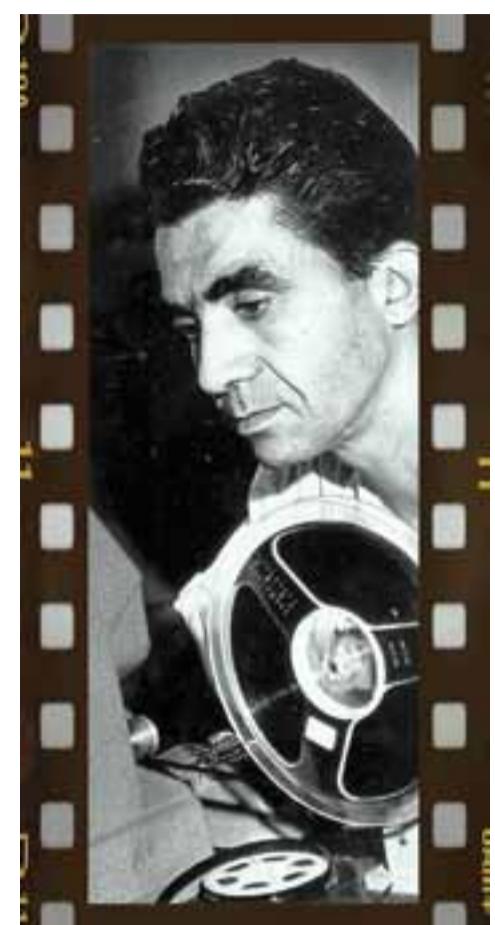
@Verdade: Qual é a sua relação com Idassem Tembe?

José Cardoso: Somos grandes amigos porque fomos colegas no Instituto Nacional do Cine-

Quer eu queira quer não, quer eu goste quer não, os negros olhavam-me como um colono. Eu vim para Moçambique quando tinha sete anos de idade. Não conheço outra terra-mãe que não seja esta.

ma. Ele trabalhou na secção do cinema de animação e, nessa altura, já demonstrava grandes capacidades como criador, artista e desenhador. Foi nesse contexto que nasceu a nossa relação.

@Verdade: Que relação existe agora entre realizadores da sua estirpe – o senhor, particularmente, sob o ponto de vista de intercâmbio de experiências – e os jovens?



José Cardoso: Actualmente, digo-te francamente, não há nenhum relacionamento entre os realizadores mais experientes e os actuais. Eu estou em casa. Não posso sair porque a saúde não me permite. De qualquer forma, acho que podia ajudar e aconselhar os jovens – apoia-los em vários aspectos – mas eles nunca me procuram. Não sei qual é o problema. E como eu sou muito franco, fico a matutar para descobrir as razões do problema. Há vezes que penso que é uma maldição que carrego por ser branco.

@Verdade: O senhor criou um filme, O Anúncio, em que expõe um homem branco numa situação de crise, de desemprego e de sofrimento...

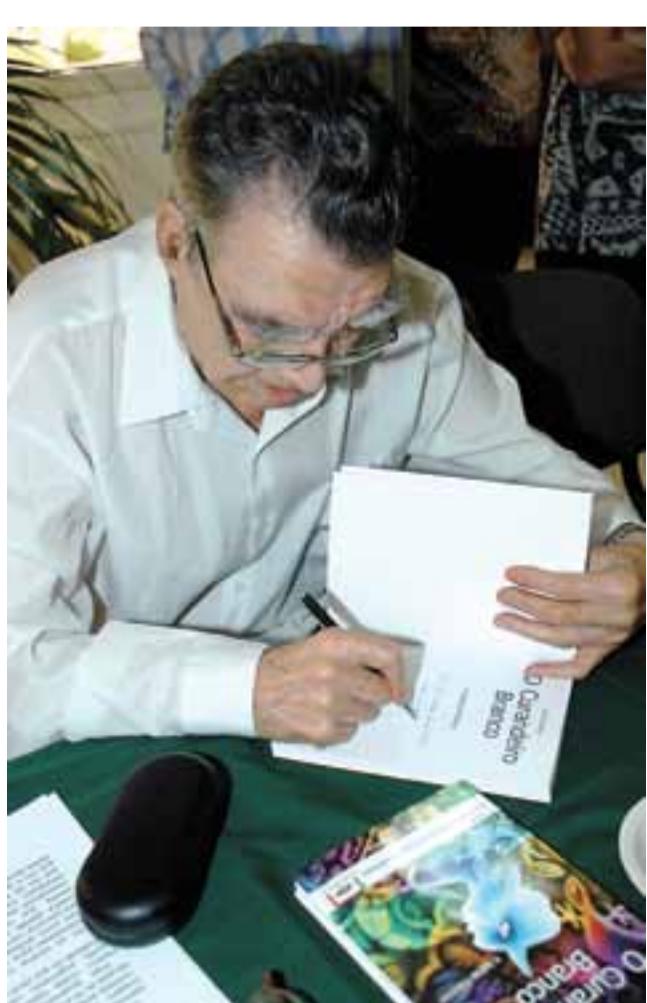
José Cardoso: Quando fiz esse filme – em que a personagem sou eu próprio – a problemática do desemprego, como acontece agora, era enfrentada por toda a humanidade, afectando todos os povos. E quando o realizei não me escolhi por ser branco. Coloquei-me como protagonista porque – no sistema colonial – colocar um negro a sofrer por causa do desemprego não facilitaria o meu trabalho. Iriam acusar-me de instigar à rebeldia, o que não seria bom para o desenvolvimento do filme.

Seleccionei um grupo de personagens, todos eles familiares, amigos e brancos. Mas também porque, na altura, as relações humanas entre pretos e brancos eram muito azedas. No entanto, quer eu queira quer não, quer eu goste quer não, os negros olhavam-me como um colono. Eu vim para Moçambique quando tinha sete anos de idade. Não conheço outra terra-mãe que não seja esta.

@Verdade: Quais eram as dificuldades na época em relação à produção cinematográfica?

José Cardoso: Havia pouco dinheiro quando o mesmo era necessário, porque os filmes deviam ser enviados para a Europa. Produzir cinema implicava fazer um grande investimento – incluindo o elemento tempo – porque, depois de produzido, o filme tinha de ser enviado para a Itália, de onde retornava para Moçambique – que a fim de que fossem limados alguns erros. E o material era enviado através dos serviços dos correios – de navio – num processo que durava muito tempo.

Portanto, a maior dificuldade era a necessidade



Destaque

de gerir a nossa capacidade financeira à altura daquilo que eram os nossos vencimentos.

À Beira da paixão

@Verdade: Que memórias tem em relação à cidade da Beira?

José Cardoso: A minha esposa nasceu na cidade da Beira, onde a conheci, e casámo-nos em 1957. Já nessa altura ela – como muitos dos jovens dessa época – seguia as ideologias comunistas: lutar por um mundo melhor e, por essa razão, éramos todos perseguidos pela PIDE.

Criámos vários grupos culturais no centro da cidade, desde os de teatro, da música, do campismo, incluindo actividades desportivas porque – para o nosso bem-estar e formação como Homens – isso era muito importante.

@Verdade: Percebo, com base no seu depoimento e naquilo que li, que a cidade da Beira poderia ser considerada uma espécie de catedral do cinema moçambicano. Como é que olha para aquela urbe em função da realidade actual?

José Cardoso: Não tenho acompanhado a actualidade da Beira. A última vez que

estive lá foi em 2000, altura em que foi publicada a minha obra – O Curandeiro Branco.

Nessa época, percebi que o espírito beirense – de rebeldia – se mantinha. Isso é apreciável. Talvez haja uma necessidade de liderança no campo das artes. Se houvesse liderança, penso que dali surgiriam os melhores e os mais valiosos trabalhos artísticos, sobretudo no cinema.

Eu gostaria de viver na cidade da Beira que – além de ser a terra natal da minha esposa, Laura Cardoso – é a minha paixão. É verdade que a cidade de Maputo continua a ser – para mim e para a minha família – um posto de passagem necessária, porque aqui cresci e afirmei-me como cineasta profissional. No entanto, mantendo essa ideia de que Maputo é um espaço de passagem.

@Verdade: Significa que pensa em retornar à Beira?

José Cardoso: Se eu tivesse saúde e condições financeiras retornaria. O problema é que não tenho capacidade financeira para me manter em Maputo. Vivo à custa dos filhos e do trabalho que a minha esposa faz como modista.

Agora passo a vida no computador a escrever histórias. Tenho vários livros completos que – se tivesse algum finan-

ciamento – podiam ser publicados. Os contos são quatro. Tenho outros romances que enviei para um concurso literário em Portugal, incluindo livros de memórias.

Percebi que o espírito beirense – de rebeldia – se mantinha. Isso é apreciável. Talvez haja uma necessidade de liderança no campo das artes. Se houvesse liderança, penso que dali surgiriam os melhores e os mais valiosos trabalhos artísticos, sobretudo no cinema.

ciamento – podiam ser publicados. Os contos são quatro. Tenho outros romances que enviei para um concurso literário em Portugal, incluindo livros de memórias.

O Curandeiro Branco foi publicado porque a Escola Portuguesa se prontificou a patrocinar. Infelizmente, até agora – também não tenho procurado – ninguém se ofereceu a financiar a publicação dessas obras. Se não forem publicadas no meu tempo, os meus filhos irão publicá-las. Sinto que o meu tempo está muito reduzido.



Biografia

José Cardoso nasceu em Figueira de Castelo Rodrigo, numa aldeia do norte de Portugal, a 6 de Abril de 1930. Tendo perdido os pais muito cedo, ficou a cargo de familiares e, com estes, veio para Moçambique em 1939.

De 1939 a 1946, Cardoso dividiu a sua adolescência pelos anos de estudo primário, no Instituto Mouzinho de Albuquerque na Namaacha, pelo secundário na Escola Comercial e Industrial Sá da Bandeira, em Lourenço Marques, e pelo trabalho que iniciou aos 14 anos, como praticante na Farmácia Central.

Em 1946 decidiu tornar-se independente e rumou à Beira, onde ultrapassou a adolescência e se tornou homem, trabalhando na Farmácia Graça. Foi nessa cidade que conheceu Laura, com quem casou em 1957 e de quem viria a ter três filhos – João, Luís e Alexandre.

A paixão pelo cinema ocupava os seus tempos livres a favor de uma arte que o atraía. Foi fundador do Cine Clube da Beira e aí iniciou-se no estudo da arte, da técnica cinematográfica e na produção de filmes. Em 1976 aceitou o convite que lhe foi feito pelo Instituto Nacional de Cinema para ingressar nos seus quadros técnicos como profissional e rumou para Maputo onde trabalhou, primeiro, como director de produção e depois como realizador, deixando para trás, na Beira, a delegação do INC que organizou, e o embrião do projecto de Cinema Móvel, que se pensava estender a todo o país.

Por razões alheias à sua vontade, viu-se na contingência de abandonar o INC, que entretanto fora consumido pelas chamas de um incêndio, obrigando-se a constituir uma empresa de produção de filmes, em parceria com outros profissionais e amigos, incluindo os seus dois filhos mais velhos.

Posteriormente criara, com os filhos, uma nova empresa, a "Publicita", que ainda hoje se mantém e é, por mérito deles e de quem nela trabalha, o suporte económico da sua e de outras famílias que a ela se conservam vinculadas.

Dedicou-se também à escrita, prosa e poesia, tendo publicado em 2007 o livro de crónicas "O Curandeiro Branco" deixando no prelo três volumes de "Memórias" e o livro de contos "Mangachana, a feiticeira e outras histórias".

Filmografia

De entre os inúmeros filmes por si realizados destacam-se:

1966 – "O Anúncio", uma ficção de oito minutos que foi premiada em Aveiro, Paris, Beira, Rio Maior, Lobito e Porto.

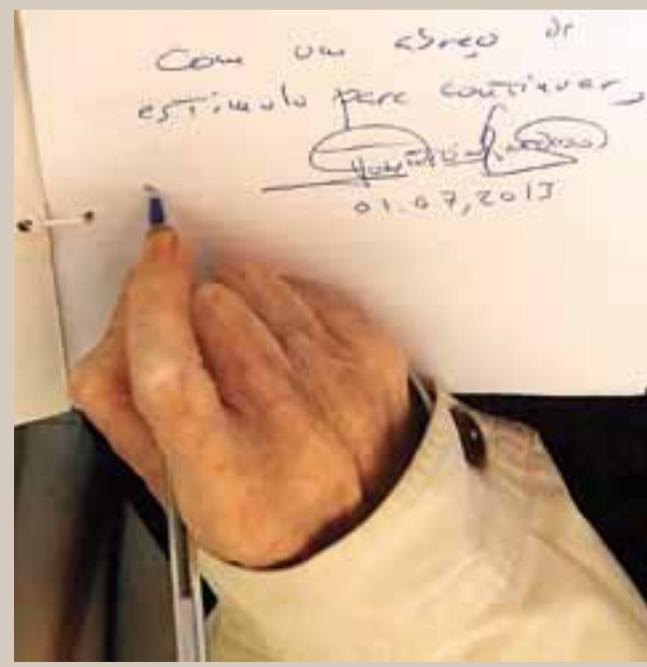
1968 – "Raízes", uma ficção de oito minutos galardoada no Porto e em Aveiro.

1969 – "Pesadelo", uma ficção de oito minutos premiada em Guimarães e no Luxemburgo.

1982 – "Canta Meu Irmão, Ajuda-me a Cantar", uma longa-metragem de 16 minutos premiada em Aveiro, Taskent e em Maputo.

1984 – "Frutos da Nossa Colheita". Esta ficção de 16 minutos recebeu um prémio em Maputo.

1986 – "O Vento Sopra do Norte", ficção e longa-metragem de 16 minutos.



A saúde de Obama

O principal problema de Barack Obama é ter ganho as eleições duas vezes. Foi uma dupla bofetada que os eleitores que ficaram em casa ou votaram contra ainda não digeriram.



Texto: Joaquín Roy*/IPS • Foto: Reuters

A ilusão dos números globais oculta que nem mesmo dois terços dos potenciais eleitores se deram ao trabalho de ir às urnas. Dos que o fizeram, metade rejeitou-o frontalmente, preferindo John McCain, ou depois Mitt Romney.

O resultado é que apenas um quarto se inclinou por Obama. Como recompensa por este duplo triunfo, os que preferiram os seus adversários e inclusive os que se abstiveram negam-lhe não apenas o perdão mas o simples reconhecimento. Nos seus roteiros históricos ainda não se inclui a ascensão tão espectacular de um candidato negro.

Esse mesmo sector é o que ouviu os delirantes cantos da sereia de Sarah Palin, quando qualificou Obama de "socialista" por se ter atrevido a propor na sua campanha alguns programas de governo ameaçadores.

A jóia da coroa era, e continua a ser, uma moderada reforma do sistema de saúde que se antevia revolucionária. O plano resistiu até a actualidade mas corre o risco de ser aniquilado se o sistemático ataque dos Republicanos e afins fizerem das suas.

Algumas coisas mudaram nos Estados Unidos ostensivamente desde metade do século passado, quando foram apagados os fogos da Segunda Guerra Mundial, a última "guerra justa" de Washington.

Algumas pautas de conduta não se modificaram em absoluto.

Quando cheguei aos Estados Unidos, no crepúsculo da administração de Lyndon Johnson (1963-1969), o pai de

um colega meu, numa elegante, excelente e cara escola secundária privada, teve a generosidade de adiantar algumas previsões para ir conhecendo o país. Médico de profissão, alertou-me para o facto de que num par de anos o país adoptaria um sistema de saúde "socializado", semelhante ao europeu.

Apenas me recuperara desse categórico cálculo, animou-se e quase com admiração pela minha origem europeia, garantiu-me que no mesmo espaço de tempo os Estados Unidos adoptariam o sistema métrico decimal.

Ansioso por comprovar se tais previsões tão drásticas se concretizariam, decidi permanecer neste intrigante país. A minha família continua a ir ao mercado, encherendo o tanque de gasolina, calculando as distâncias de viagens em automóvel e em avião em milhas, medindo peso e estatura num conjunto de medidas que continuam a ressoar na velha Inglaterra.

E, quase meio século depois, examino a cada ano as condições do seguro médico proporcionado pela minha universidade. Sinto-me um felizardo, já que milhões de norte-americanos não têm tal privilégio. Atiram-se à vida e namoram com a ruína financeira por não contarem com nenhum seguro e não podem ser acolhidos pela proteção da cobertura de saúde da reforma completa.

A teimosia do sistema em não dar razão ao pai do meu amigo deve-se, mais do que a uma interpretação financeira dos gastos e benefícios da aplicação do proposto sistema misto, a razões intra-históricas firmemente assentadas na psique norte-americana, atiçada por um grupo dominante de políticos com interesses económicos.

O grosso do opositor Partido Republicano e afins, não apenas os militantes do ultradireitista Tea Party, consegue sistematicamente ir fundo num duplo sentimento do norte-americano médio. Por um lado, desconfia do governo e, por outro, tem um pânico atroz de se ver identificado com uma classe inferior que, para chegar ao fim do mês, precisa de contar com a ajuda dos senhas de alimentos.

Esse sector, amplamente maioritário, vive numa permanente contradição ide-

ológica e sociológica. É fundamentalmente "anarquista" e preferiria subsistir sem a tutela do governo. Daí que precisa de se autoproteger da sua inéria de governação com leis e tribunais que religiosamente acabam por tolerar com entusiasmo. Por esse motivo, tudo o que transpira sabor de "socialismo" o deixa nervoso.

Desde o berço tem a consciência corroída por uma dicotomia falsa entre "democracia" (capitalismo até a morte) e "socialismo" (sinónimo de comunismo).

Mas aos mesmos cidadãos que desconfiam dos planos de Obama, nem em sonho lhes ocorreria oporem-se a outras facetas da vida dos Estados Unidos, como a escola elementar e média, gratuita, universal e obrigatória, projectada como uma fábrica de cidadãos. Só a menção de ter de pagar os livros de texto geraria motins.

De nada serve recordar aos norte-americanos que uns 20 países europeus e o Canadá têm indicadores de saúde melhores que os dos Estados Unidos, e uma expectativa de vida superior, a um custo inferior.

Se, além do mais, é Obama, de origem racial mista, quem se atreve a propor um sistema que desafia os oligopólios da indústria dos seguros privados e a pressão da profissão médica, com a anuência dos produtores de medicamentos e das companhias de pesquisa que se alimentam de fundos públicos, o drama está à mesa.

A mudança será mais difícil do que a adopção universal do sistema métrico.

* Joaquín Roy é catedrático e director do Centro da União Europeia da Universidade de Miami

Cientistas do bóson de Higgs ganham o Nobel de Física

O britânico Peter Higgs e o belga François Englert ganharam o prémio Nobel de Física de 2013 por preverem a existência do bóson de Higgs, partícula que explica como a matéria obteve massa para formar estrelas e planetas, anunciou o comité do Nobel, esta terça-feira (8).



Meio século depois do trabalho teórico original dos cientistas, o "tijolo" básico do universo foi finalmente detectado em 2012 no gigantesco acelerador de partículas da Organização Europeia para a Pesquisa Nuclear (conhecida pela sigla Cern), nos arredores de Genebra. A

descoberta foi considerada uma das mais importantes na história da Física.

"Estou transbordante por receber esse prémio", disse Higgs em nota divulgada pela Universidade de Edimburgo, onde ele tra-

lhava durante muitos anos. "Espero que esse reconhecimento da ciência fundamental contribua para elevar a consciencialização sobre o valor das pesquisas 'do céu azul' (sem aplicações práticas imediatas)."

Por telefone, Englert disse a jornalistas: "Vocês podem imaginar que isso (ganhar o Nobel) não é muito desagradável, claro. Estou muitíssimo feliz por ter o reconhecimento desse prémio extraordinário". Os dois cientistas eram favoritos à dividir do prémio de 8 milhões de coroas suecas (1,25 milhão de dólares) desde que o trabalho teórico deles foi finalmente confirmado por experiências realizadas no Cern.

Para encontrar a partícula, os cientistas precisaram de vasculhar os dados relativos a trilhões de colisões de prótons. O bóson de Higgs é a última peça do Modelo Padrão da Física, que descreve a composição fundamental do universo. Alguns comentaristas – mas não os cientistas – apelidaram-no de "a partícula de Deus", por ter sido crucial no ordenamento do caos depois do Big Bang, grande explosão primordial que deu origem ao universo.

"A teoria premiada é uma parte central do Modelo Padrão das partículas físicas que descreve como o mundo é construído", disse a Real Academia Sueca de Ciências em comunicado. "De acordo com o Modelo Padrão, tudo, de flores e pessoas a estrelas e planetas, consiste em apenas alguns blocos de construção: partículas de matéria."

As regras do Nobel permitem um máximo de três vencedores por prémio. Só que seis cientistas publicaram estudos relevantes sobre o bóson em 1964, e milhares de outros colaboraram para detectar a partícula no Cern. Englert, de 80 anos, e o seu colega Robert Brout, que morreu em 2011, foram os primeiros a publicarem os estudos. Mas Higgs, hoje com 84 anos, seguiu-os poucas semanas depois, e foi a primeira pessoa a prever explicitamente a existência da nova partícula.

Propostas semelhantes dos pesquisadores norte-americanos Carl Hagen e Gerald Guralnik e do britânico Tom Kibble apareceram logo depois.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

'Fingi estar morta', diz mãe que escapou com os filhos de ataque terrorista no Quénia

Uma das imagens mais icónicas do ataque ao shopping Westgate, no Quénia, no mês passado, foi a de uma mãe deitada no chão com os dois filhos a tentar esconder-se dos atiradores. O seu nome é Faith Wambua. Ela estava no centro comercial com a filha de nove anos, Sy, e o filho Ty, de um ano e nove meses, quando o ataque aconteceu.

Texto & Foto: BBC

Faith passou quatro horas e meia fingindo-se de morta e garantindo que as crianças ficassem quietas, até serem resgatados pelo polícia Iyad Adan. Ela ouviu uma mulher ser morta a dois metros de onde estavam escondidos e relatou os momentos de agonia que passou ao repórter da BBC Gabriel Gatehouse.

"Nós estávamos à procura de um florista quando ouvimos um barulho muito alto: 'bang'. Eu achei que o prédio estava a cair e que a melhor coisa a fazer era deitar-me numa área aberta. Então eu disse às crianças: 'deitem-se, deitem-se'. Eu achei que se tratava de um roubo e que em seis minutos estaria tudo resolvido. Mas o tempo passou e ninguém apareceu para dizer 'ok, podem levantar, eles foram-se'.

A minha filha começou a rezar alto dizendo: 'Jeová, Jeová, por favor, proteja-nos'. Eu pedi-lhe que baixasse o tom de voz por medo que ela denunciasse a nossa localização. Eu não sabia o que estava a acontecer, só tinha a certeza de que tinha de manter as crianças quietas. Estava preocupada com o meu filho porque ele estava havia horas sem comer e temia que se levantasse



e começasse a chorar. Então coloquei o meu dedo na sua boca para confortá-lo.

Cheiro de pólvora

Havia muitos cacos de vidro e lascas de cimento em volta de nós. Peguei num pedacinho de cimento e comecei a brincar com o meu filho, fingindo que aquilo era um insecto. Ele adora insectos. Brincámos com aquilo por quase uma hora. Foi incrível ele ter ficado quieto por tanto tempo. Num dado momento, eles (atiradores) estiveram muito perto. Eu podia sentir o cheiro de pólvora e ouvir os cartuchos de balas a cair no chão. Sabia que íamos morrer. Então comecei a cantar baixinho uma música sobre ressurreição. Eles então aproximaram-se de uma mulher que estava deitada a cerca de dois metros de nós. E chamaram: 'mama, mama'. Não sabia se estavam a falar comigo ou com ela, mas sabia que não podia levantar a cabeça.

A mulher então respondeu e, menos de cinco segundos depois, ouvi dois tiros e a mulher calou-se. Ela começou a gemer: 'Eu estou a morrer, estou a morrer', mas eu não podia fazer nada. E sabia que seríamos os próximos. Foi quando um milagre aconteceu. Não sei como não nos viram, estávamos tão perto dela.

Resgate

Um tempo depois senti alguém a tocar na minha mão e pensei: 'Meu Deus, eles encontraram-nos'. A pessoa então disse: 'Mama, mama, mama, você está bem?' Nessa hora eu realmente finge de morta.

'Mama, mama, você está bem?' Ele perguntou de novo e eu não disse nada. Ele começou a mover-se e posicionou-se à nossa frente. Ele encostou-se no meu filho e depois na minha filha e ela decidiu confiar nele. Ela levantou a cabeça e perguntou: 'Quem é você?'.

Ele então respondeu: 'Eu sou um polícia'. Nessa altura eu levantei a minha cabeça e olhei para ele. No início estava céptica porque ele vestia um fato, mas depois mostrou-me o seu uniforme.

Ele disse: 'Estou aqui para vos ajudar'. E minha filha disse: 'Como eu posso saber que você não é um dos moços maus'?

Ele mostrou-nos, então, polícias posicionados nos andares de cima a apontar para várias direcções. Ele pediu-nos para nos levantarmos. Ele foi muito gentil e até lembrou-me de apanhar as minhas chaves. Pegou no meu filho no colo e na minha filha foi andando à nossa frente.

E foi assim que conseguimos escapar.'

Militares quenianos são acusados de prolongar accão para saquear shopping

Manequins foram despidos, balcões envidraçados para jóias destroçados, caixas repletas de fatos caros carregadas para fora, dezenas de caixas registadoras arrombadas e pelo menos um membro dos serviços de segurança quenianos acabou por ser preso, apanhado em flagrante na posse duma carteira ensanguentada.

Texto: jornal The New York Times • Foto: Reuters

Os saques no shopping Westgate, cena de um cerco no qual dezenas de pessoas morreram no mês passado, parecem ter tido a amplitude e alcance de uma operação militar em larga escala, e muitos quenianos estão a perguntar-se se não teria sido exactamente isso que aconteceu.

Desde as primeiras horas de 21 de Setembro, quando militantes islâmicos invadiram o shopping center onde executaram homens, mulheres e crianças, até cerca de uma semana depois, quando os lojistas foram autorizados a voltar para varrer os vidros quebrados, poucas pessoas, exceptuando o pessoal das forças de segurança quenianas, principalmente o Exército, foram autorizadas a entrar no local.

Mais e mais quenianos acreditam que os soldados presentes tenham roubado sistematicamente as lojas do shopping center, e que as descargas de tiros que ecoaram durante dias no local tivessem por alvo não os militantes, mas sim cofres e cadeados que os militares tentavam arrombar.

Alguns líderes empresariais chegam a suspeitar de que o Exército queniano tenha prolongado deliberadamente a crise, afirmando que continuava a haver atiradores no local quando eles na realidade já estavam mortos, a fim de obter tempo adicional para roubar.

Testemunhas dizem que o máximo que viram os militantes roubar foram latas de refrigerante, e os lojistas não mencionam exemplos de consumidores em pânico a saquear mercadorias enquanto tentavam fugir para salvar as suas vidas, o que resulta na conclusão generalizada de que as forças de segurança devem ter participado do saque.



Os quenianos estão acostumados à corrupção mas as provas de saque no meio de uma tragédia nacional são claramente inaceitáveis para muitos deles.

"É uma desgraça", diz Maina Kiai, um dos mais conhecidos defensores dos direitos humanos no Quénia. "É parte de uma cultura suja onde o poder significa tudo, onde você pega o que pode, faz o que quer, e ninguém presta contas".

As forças armadas quenianas declararam que tinham o compromisso de "avergüentar completamente o acontecido", e apelaram ao público para que desse informações sobre quaisquer soldados que possam ter participado nos saques.

O Presidente Uhuru Kenyatta anunciou um inquérito oficial sobre a reacção dos serviços de segurança ao ataque, muito criticada pela sua lentidão e ineficiência. Mas inquéritos oficiais nunca resolvem grande coisa, dizem muitos quenianos.

Numa noite recente, um telejornal queniano

apresentou uma reportagem sobre inquéritos anteriores na qual uma câmara exibia imagens de uma longa estante com relatórios - grossos volumes encadernados que não tiveram qualquer resultado prático.

O telejornal fez uma pergunta aos telespectadores, e 77% deles disseram acreditar que o Exército queniano fosse responsável pelo saque do Westgate. "Quatro dias de cerco ou quatro dias de compras livres?", disse um representante de um governo ocidental que trabalha no Quénia.

Muitas questões persistem sobre o ataque. O grupo islâmico somali Al-Shabab assumiu a responsabilidade pela morte de mais de 60 pessoas no shopping center, mas o número de militantes que participaram no ataque - e as suas identidades - continua desconhecido.

Na manhã posterior ao fim do ataque, na entrada do Westgate, carrinhos normalmente usados para transportar turistas em safáris conduziram um pelotão de investigadores ocidentais ao local. Eles usavam calças protectoras de nylon, e estavam armados.

O shopping center cheirava a carne podre. Soldados quenianos usando trajes de protecção e máscaras contra gás estavam posicionados perto de pilhas de destroços, a recolher provas. Ainda havia poças de sangue no chão e pedaços de carne presos aos azulejos. Diversos cadáveres foram encontrados sob uma pilha de destroços.

A electricidade continuava desligada no shopping center, e no interior da Sir Henry's, uma loja de roupas masculinas no pés-do-chão,

funcionários estavam a tentar actualizar o controlo de stock, com a ajuda de lanternas. Fazal Virani, um dos proprietários da loja, meneava a cabeça em sinal de descrença.

Apontava para o facto de que os fatos baratos, que ficavam na parte frontal da Sir Henry's, não haviam sido roubados, mas que dezenas dos mais caros, exibidos na parte dos fundos e que custavam quase 2 mil dólares cada, haviam desaparecido.

"Esses soldados tiveram tempo, eles tiveram tempo", disse Virani.

Depois subiu ao piso superior, para se lamentar junto aos demais lojistas. "Vocês também foram roubados?", perguntou ele a um grupo de homens que estavam afundados até os tornozelos em cacos de vidro. "Pergunta idiota", respondeu Michael Waweru, dono de uma pequena boutique. "Fomos todos roubados".

Dentro do shopping center, na semana passada, havia provas de roubos generalizados por toda a parte. As máquinas de pagamento dos estacionamentos e as caixas registadoras foram arrombadas e esvaziadas.

Um imenso televisor de tela plana foi arrancado da parede onde estava montado. Portas foram abertas à força e, em diversas lojas que não mostravam sinais de terem sido um local de combate, as vitrines haviam sido quebradas e os produtos roubados.

Os relatos de testemunhas não sugerem que os atacantes tenham arrombado cofres ou roubado objectos valiosos. As câmaras de segurança do shopping center podem ter captado imagens parciais dos saques, mas agentes do serviço de inteligência queniano levaram as gravações.

"Um comité de inquérito será formado", disse com um suspiro Atul Shah, director do supermercado Nakumatt, "e nada acontecerá".

Demandas por barrigas de aluguer criam 'fábrica de bebés' na Índia

O comércio de barrigas de aluguer na Índia movimenta mais de 1 bilião de dólares por ano. Além de transformar o país numa referência mundial nessa prática, ele ajudou a fomentar a criação de um organizado sistema em que as mulheres que alugam as suas barrigas vivem em dormitórios supervisionados por médicos, que os críticos chamam 'fábricas de bebé'.

Texto: BBC • Foto: Reuters

Estas mulheres proporcionam aos casais sem filhos a oportunidade de ter a família que sempre desejaram. Mas como é a vida destas mulheres que carregam o filho de outra pessoa por dinheiro? "Na Índia, as famílias são muito próximas. Você deve fazer qualquer coisa pelos filhos", disse Vasanti, que tem 28 anos. "Eu alugo a minha barriga para ver os meus filhos terem tudo o que eu sempre sonhei."

Responsabilidade

Vasanti está grávida, mas não de um filho seu. Ela está a gerar o filho de um casal japonês. Para isso ela vai receber 8 mil dólares (cerca de 240 mil meticais), o suficiente para construir uma casa nova e mandar os seus dois filhos, que têm cinco e sete anos, para uma escola onde se fala inglês, algo que ela nunca imaginou ser possível. "Eu estou feliz do fundo do meu coração", disse Vasanti.

Os embriões do casal japonês foram-lhe implantados na pequena cidade de Anand, na província de Gujarat, no noroeste da Índia, e passará os próximos nove meses a viver num dormitório com outras 100 mães de aluguer, todas pacientes de uma médica chamada Nayna Patel.

Há no máximo dez mães de aluguer em cada quarto, onde as mulheres recebem as suas refeições e vitaminas para que possam descansar. Vasanti, no entanto, não consegue ficar quieta.

"À noite eu ando por aí porque eu não consigo dormir. À medida que a barriga aumenta e o bebé cresce eu vou ficando muito entediada", disse Vasanti. "Eu agora quero ir logo para casa e ficar com os meus filhos e marido."

As regras da casa proíbem as mulheres de ter relações sexuais durante a gravidez, e enfatizam que nem os médicos, nem a clínica, nem o casal que contratou a barriga de aluguer são responsáveis por qualquer complicaçāo.

Se a mulher estiver grávida de gêmeos ela recebe uma quantia um pouco maior, 10 mil dólares (cerca de 300 mil meticais). Se ela sofrer um aborto espontâneo nos primeiros três meses, recebe 600 dólares (cerca de 18 mil meticais). O casal paga cerca de 28 mil dólares (cerca de 840 mil meticais) pela gravidez que resulta num nascimento bem-sucedido.

Norte-americanos e alemão ganham Nobel de Medicina

Os norte-americanos James Rothman e Randy Schekman e o alemão Thomas Suedhof ganharam o prémio Nobel de Medicina 2013 pelo trabalho sobre como os hormónios são transportados através das células, o que representou um avanço no conhecimento sobre doenças como a diabetes e Alzheimer.

Texto: Redacção/Agências • Foto: Reuters

A comissão do Nobel disse que o trabalho dos três cientistas tem grandes implicações no caso de patologias neurologicas, assim como condições que afectam órgãos vitais. "Sem essa organização maravilhosamente precisa, a célula iria decair ao caos", disse em comunicado a assembleia do Nobel no Instituto Karolinska, da Suécia, ao conceder o prémio de 8 milhões de



Trabalho ofensivo

Patel, que coordena a clínica de fertilização *in vitro* e o dormitório, e é responsável por realizar os partos, reconhece que muitas pessoas acham o seu trabalho ofensivo. "Eu já fui criticada. Ainda sou e vou continuar a ser, porque isso, para muitos, é um assunto polémico", diz ela.

"Há muitos que dizem que isso é apenas um negócio, uma fábrica de fazer e vender bebés, e isso dói." Alguns dizem que essas mães de aluguer estão a ser exploradas, mas Patel argumenta que o mundo dos grandes negócios, do *glamour* e da política é muito pior.

"Eu acho que neste mundo as pessoas estão sempre a usar umas às outras", disse Patel. Na sua opinião, as mães estão a participar num negócio justo. "Essas mulheres que alugam a barriga estão a fazer o trabalho físico, e elas estão a ser pagas por isso. Elas sabem que não têm como ganhar sem trabalhar," defende ela. Enquanto elas ficam na casa, Patel diz que as mulheres aprendem novas habilidades, como, por exemplo, o bordado, para que elas possam ter uma profissão quando se forem embora.

E a quantia que elas recebem é enorme em comparação com os salários locais. O pagamento de Vasanti, que ela recebe em parcelas, torna o salário mensal de 40 dólares (cerca de 1.200 meticais) do seu marido em algo insignificante.

Questão Legal

Algumas mulheres voltam depois de parir. Mas Patel só permite que cada mulher retorne três vezes. Há diversas razões para que a Índia seja vista como "pólo mundial das barrigas de aluguer", diz ela. Tecnologias medicinais de qualidade estão disponíveis, e o custo é comparativamente baixo. Mas a situação legal também é favorável, argumenta Patel.

"A mãe de aluguer não tem direito algum sobre o bebé, o que torna as coisas mais fáceis. Já no Ocidente a mulher que dá à luz é considerada a mãe, e a certidão de nascimento leva o seu nome." Não ter o nome da mãe de aluguer na certidão de nascimento torna mais difícil à criança descobrir a sua identidade.

Um terço das pessoas mais pobres do mundo encontram-se na Índia, e os críticos dizem que a pobreza é o factor que mais influencia a decisão dessas mulheres em alugar a barriga. "Há muitas mulheres na Índia em estado de necessidade", diz Patel. "Elas precisam de comida, abrigo, roupa e remédios, e assistência médica não é de graça para todos. As pessoas têm de se arranjar de alguma forma."

Hostilidade

Patel diz que encoraja as mulheres a usar o dinheiro com responsabilidade. Vasanti e o seu marido estão a construir uma nova casa. "A casa onde eu moro presentemente é alugada. A nova será muito melhor," diz o seu marido, Ashok. "Os meus pais vão ficar felizes porque o seu filho e a sua nora

conseguiram construir uma casa. O nosso status na sociedade vai subir, o que será uma coisa boa."

Mas a casa nova vem com um preço. Não será construída na mesma área da antiga, por hostilidade dos vizinhos. "Se ficamos em casa todos ficam a saber que essa é uma barriga de aluguer, que é um bebé de proveta, e eles (vizinhos) criticam. Por isso não podemos ficar lá com segurança", disse Vasanti.

Um menino

À medida que a data do nascimento se aproximava, Vasanti tornava-se mais ansiosa sobre o parto. "Eu não sei se o casal vem buscar o bebé assim que ele nascer, ou se ele vai ficar comigo pelos primeiros 15, 20 dias. É possível que eu nem o veja", disse ela. Vasanti foi para o hospital, e depois de um longo tempo em trabalho de parto, Patel decidiu fazer uma cesariana.

É um menino – o que costuma ser motivo de comemoração na Índia, mas Vasanti ficou preocupada porque o casal japonês queria uma menina.

O bebé foi levado directamente para o hospital neonatal em que os pais estavam a aguardar para receberem o recém-nascido e levá-lo para o Japão.

"Eu vi-o quando fiz a cesariana. Eu vi o meu filho, mas depois tiraram-no de mim. Eu devo tê-lo visto por cinco segundos, quando o levaram", disse Vasanti um pouco emocionada. "O casal queria uma menina, e é um menino. É bom, o que importa é que eles finalmente têm um filho," diz Vasanti.

Enquanto o menino que ela carregou por nove meses começa a sua nova vida, Vasanti está a começar a dela. Ela mora na sua nova casa com a sua família, e os seus filhos frequentam a escola onde se fala inglês. "Os meus filhos estão a crescer e nós queremos um bom futuro para eles", disse Vasanti. "Foi para isso que nós fizemos isso (barriga de aluguer), e eu não quero nunca que a minha filha seja uma mãe de aluguer."



no lugar e hora certa, disse o comité do Nobel no comunicado.

O prémio de medicina é o primeiro Nobel a ser concedido a cada ano. Os prémios por reconhecimento em ciências, literatura e paz foram os primeiros a serem entregues em 1901, de acordo com o testamento do inventor da dinamite e empresário Alfred Nobel.

Rothman é professor da Universidade de Yale; Schekman é professor na Universidade da Califórnia; e Suedhof é professor na Universidade de Stanford.

coroas suecas (1,2 milhão de dólares).

"Através das suas descobertas, Rothman, Schekman e Suedhof revelaram o peculiar sistema preciso de controlo do

transporte e entrega de carregamentos celulares", disse o comité.

Por exemplo, a pesquisa esclarece como a insulina é fabricada e lançada no sangue

No exílio, político paquistanês comanda Karachi à distância

Durante duas décadas, Altaf Hussain dirigiu o seu brutal império político paquistanês por controlo remoto, escondido num exílio luxuoso em Londres.

Texto: jornal The New York Times • Foto: Reuters

Ele acompanha os acontecimentos pelos canais de TV via satélite, administra milhões em activos e emite decretos aos gritos em teleconferências que duram horas, perpetuando o seu reinado político em Karachi, cidade portuária de 20 milhões de pessoas que é o centro da economia paquistanesa.

“A distância não importa”, diz a inscrição num monumento perto da casa deserta de Hussain em Karachi, onde o seu nome evoca tanto medo como elogios. Hoje, porém, a sua teia está a diminuir. Uma investigação de assassinato no Reino Unido está a fechar o cerco sobre Hussain, de 59 anos, e o seu partido, o Movimento Muttahida Qaumi.

A sua casa e os seus escritórios em Londres foram revistados e a Polícia abriu investigações sobre lavagem de dinheiro e incitação à violência. Hussain advertiu os seus seguidores de que poderá ser preso a qualquer momento. Em Karachi, alguns perguntam: se: estará próximo o fim da máquina política que tem sido a base da cidade há três décadas?

“Esta é uma grande crise”, disse Irfan Husain, autor de “Fatal Faultlines” (Falhas fatais), sobre o relacionamento entre o Paquistão e os Estados Unidos. “O partido enfraqueceu e Hussain está a ser criticado como nunca.”

O apoio de Hussain deriva dos mohajires, muçulmanos de língua urdu cujas famílias se mudaram para o Paquistão depois da divisão da Índia em 1947 e que constituem cerca de metade da população de Karachi.

Hussain fugiu para Londres em 1992, quando o movimento se envolveu numa terrível batalha de rua com o governo central



pela supremacia em Karachi. O governo britânico concedeu-lhe asilo político. Londres tem sido há muito tempo o refúgio de líderes paquistaneses autoexilados. O ex-governante militar Pervez Musharraf viveu aqui até recentemente, e o atual primeiro-ministro, Nawaz Sharif, morou na cidade até 2007.

O Movimento Muttahida Qaumi tem um escritório em Edgware, no noroeste de Londres. Mas, hoje em dia, Hussain permanece principalmente na sua casa suburbana de tijolos vermelhos, protegida por altos muros, câmaras de segurança e um batalhão de guarda-costas. De lá ele conduz a corte, dirigindo-se aos seus seguidores distantes num estilo vigoroso, às vezes maníaco.

“O culto à personalidade que cerca Hussain é extraordinário”, disse Farzana Shaikh, académica e autora de “Making Sense of Pakistan” (Para entender o Paquistão).

Em Karachi, o seu partido é liderado por homens e mulheres bem vestidos e de fala culta e já conquistou reputação pela administração eficiente da cidade. Mas o seu mandato é apoiado por bandidos armados envolvidos em contrabando, sequestros e mortes de adversários étnicos e políticos, segundo a Polícia e diplomatas.

Um telegrama diplomático americano de 2008 intitulado “Gangues de Karachi”, que foi publicado pelo WikiLeaks, citou estimativas de que o partido tinha uma milícia de 10 mil atiradores, com 25 mil na reserva.

Muitos jornalistas que criticaram o partido foram espancados, ou tiveram sorte pior. No Ocidente, o partido evitou a atenção da crítica em parte porque se projetou como um inimigo da militância islâmica.

O Movimento Muttahida Qaumi tem filiais activas tão distantes como os Estados Unidos, o Canadá e a África do Sul, dizem investigadores paquistaneses. Dois relatórios de interro-

gatórios policiais obtidos pelo “New York Times” citam militantes que disseram ter viajado para a África do Sul depois de realizar assassinatos políticos em Karachi.

Mas a sorte de Hussain começou a virar em Setembro de 2010, depois de Imran Farooq, um dos líderes do movimento que se afastou do partido, ter sido esfaqueado até a morte perto da sua casa em Edgware. Pouco depois, Hussain apareceu na televisão a lamentar a morte de Farooq.

Mas, no último ano, a investigação policial voltou-se fortemente para a sua direção. Em Junho, a Polícia foi à casa de Hussain e prendeu Iftikhar Hussain, o seu primo e assistente pessoal, que hoje está em liberdade provisória.

A Polícia apreendeu 600 mil dólares em dinheiro e jóias. Hussain começou a aparecer pouco publicamente durante a recente comoção. Houve rumores sobre problemas de saúde, que os seus assessores negam.

Alguns temem que, se Hussain for obrigado a demitir-se, as tensões no movimento em Karachi poderão dividir-lo em facções hostis - uma perspectiva assustadora numa cidade onde a violência política já custa centenas de vidas por ano.

“Por mais errada que seja a conduta do partido, existe uma ordem dentro da aparente desordem”, disse Shaikh. “O medo de Karachi incendiar-se é tão grande que nenhum governo pode assumir o risco, enquanto Altaf Hussain viver.”

Frustada tentativa de fuga de Ananias Mathe da Cadeia de Máxima Segurança

O perigoso cadastrado Ananias Mathe, condenado a 54 anos de prisão pelo Supremo Tribunal de Gauteng, na vizinha África do Sul, em Dezembro de 2009, tentou, no último fim-de-semana, evadir-se da prisão de Máxima Segurança de Ebongweni, nas proximidades de Kokstad, na província de KwaZulu-Natal.

Texto: Milton Maluleque

Com 37 anos de idade, Ananias Mathe tornou-se notável quando em 2006 foi o primeiro prisioneiro a fugir da prisão de máxima segurança “C-Max”, sita na cidade de Pretória, através de uma minúscula janela de somente 60 centímetros de comprimento e 20 centímetros de largura, facto que surpreendeu a Polícia sul-africana. A sua cela localizava-se no terceiro andar.

Aliás, Mathe teria antes se escapulado da Cadeia Central de Joanesburgo, em Janeiro de 2005. Relativamente à recente tentativa de fuga, alega-se que o cadastrado, descrito como perigosíssimo, a avaliar pelos crimes que já cometeu, teria perfurado a parede no período da noite, durante cerca de quatro meses, estratégia através da qual conseguiu criar um buraco de 30 centímetros de diâmetro, e usou a sua pasta dentífrica e roupa para ocultá-lo. O buraco em causa foi descoberto quando um dos guardas prisionais ouviu barulho vindo da cela de Ananias Mathe.

Acusado e condenado por 64 crimes, dentre os quais assassinato, tentativa de roubo agravado e invasão a casas alheias, estupro, atentado violento ao pudor, as-

salto à mão armada, e fraude, Ananias Mate só será elegível à liberdade condicional depois de ter cumprido 43 anos da sua sentença. E até aí ele terá 76 anos de idade, segundo o juiz que proferiu a sentença em 2009.

A Cadeia de Máxima Segurança de Ebongweni alberga 1.440 reclusos. Trata-se de uma infra-estrutura cuja construção custou cerca de 450 milhões de randes, mas tem um recorde invejável de tentativas frustradas de fuga de enclausurados em todo o território sul-africano. O Ministério sul-africano dos Serviços Correcionais, através do seu vice-comissionário da Polícia, James Smalberger, negou-se a comentar sobre este assunto.

Entretanto, refira-se que na sua última fuga, Mathe foi caçado por toda a África do Sul até que a 04 de Dezembro de 2006 foi detido depois de ter roubado uma viatura num subúrbio de Joanesburgo. O carro estava equipado com um dispositivo de localização por satélite, o que levou a Polícia e empresas de segurança privada a localizar Mathe depois de uma perseguição sem precedentes, em que ele foi baleado três vezes na perna e nas nádegas.

África: Dlamini-Zuma poderá pedir o adiamento do caso queniano no TPI

A Presidente da Comissão da União Africana, a sul-africana Nkosazana Dlamini-Zuma, poderá pedir ao Conselho de Segurança da União Africana o adiamento do julgamento do caso em curso no Tribunal Penal Internacional (TPI), movido contra o Presidente e o seu “vice”, Uhuru Kenyatta e William Ruto, respectivamente.

Texto: Milton Maluleque • Foto: Lusa



Kenyatta e Uhuru são acusados pelo TPI de crimes contra a humanidade pelas mortes causadas durante a violência pós-eleitoral ocorrida em 2007.

Segundo uma reportagem da Voz da América, Dlamini-Zuma assegurou à delegação do Conselho de Segurança que a visitou nesta terça-feira que o caso contra os altos dignitários do Quénia deveria ser adiado por um ano para permitir que as autoridades locais tenham tempo de focalizar as suas

atenções na segurança interna, depois dos recentes ataques terroristas no Centro Comercial de Westgate em Nairobi.

Crescem rumores de que os cerca de 34 países africanos signatários do acordo de Roma, referente à constitucionalidade do TPI, estejam a planear o seu abandono da corte. Em causa estão as críticas destes, que acusam o tribunal de estar a perseguir-los uma vez que a maior parte dos casos são contra líderes do continente negro.

Entretanto, esta semana, cerca de 130 organizações da sociedade civil africanas enviaram uma carta aos líderes africanos apelando-os a não abandonarem o TPI. “O abandono poderá criar uma má impressão do continente, quanto ao seu compromisso na proteção e promoção dos direitos humanos e rejeição à impunidade, como está estipulado no artigo 4 da Lei da Constituição da União Africana (UA)”.

“Cinco países africanos pediram ao TPI para que este investigue os crimes cometidos no seu território, nomeadamente a Costa do Marfim, o Uganda, a República Centro Africana, o Mali e a República Democrática do Congo”, disse Georges Kapiamba, presidente da Associação Congolese para o Acesso à Justiça.

Segundo Kapiamba, os cinco países em causa têm a autoridade e responsabilidade de refutar as acusações assim como provar o contrário.



O FUTEBOL VÊ-SE MELHOR COM A 2M

SEJA RESPONSÁVEL, BEBA COM MODERAÇÃO.

Nazir Salé: “Temos de renovar a nossa selecção”

Depois da conquista da medalha de prata e do apuramento para o Campeonato Mundial de Basquetebol sénior feminino, Nazir Salé faz um balanço positivo do “Afrobasket” de Maputo e fala dos desafios desta modalidade no país.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

Para o técnico da selecção nacional, Nazir Salé, em entrevista ao @Verdade, mais do que falar da brilhante participação das “Samurais” no “Afrobasket” sénior feminino que decorreu entre os dias 20 e 29 de Setembro últimos na capital moçambicana, Maputo, há que se pensar de hoje em diante no futuro, ou seja, nos objectivos que o país leva para o “Mundial”.

O técnico não quer ir à Turquia “fazer figura”. Quer, sim, competir e representar condignamente o continente africano. Do “Afrobasket” de Maputo Salé revelou ter saído bastante feliz e regozijado pelo espírito combativo das suas jogadoras, a quem apelida de “Samurais”.

@V – Que avaliação técnica faz do Afrobasket sénior feminino de Maputo?

Nazir Salé – Foi um campeonato muito longo, ainda que tenhamos jogado em casa e a contar com o forte apoio do público. Na primeira fase tivemos mais dificuldades em vencer as equipas adversárias em virtude de não termos jogado contra o Zimbabwe no primeiro dia, o que nos obrigou a fazer cinco jogos seguidos e sem nenhum descanso.

Apesar de o calendário nos ter colocado diante da Nigéria, uma equipa teoricamente fraca olhando para a posição que assumiu no grupo B, o dia de descontracção que tivemos, à entrada dos quartos-de-final, serviu para potenciar e colocar todos os conjuntos em igualdade de circunstâncias.

Sofremos bastante para ultrapassar a Nigéria, mas não tanto como em relação aos Camarões, que para nós foi uma verdadeira final em função dos objectivos que definimos para esta competição: a qualificação para o “Mundial”. Nesta partida vingaram a dinâmica, a atitude, a perseverança e o carácter das minhas jogadoras, o que lhes levou a acreditar e a lutar até o fim.

As minhas jogadoras provaram ao mundo que são autênticas “Samurais”.

@V – Teríamos relaxado no jogo da final por termos garantido a qualificação para o “Mundial”?

NS – Não posso afirmar que tivemos problemas físicos pelo calendário que foi remodelado. Esta equipa podia aguentar um pouco mais.

Mas tenho a lamentar a indisponibilidade de várias jogadoras que excederam o número de faltas permitidas num jogo. Muito cedo ficámos sem opções no plantel e por isso jogámos reduzidos.

No último período não teríamos como mostrar o nosso poderio, quanto mais no prolongamento que até conseguimos forçar.

Conseguimos manter a nossa frieza, corremos



atrás do resultado, estivemos em vantagem e fomos ao prolongamento.

Fomos combativos, mas infelizes diante de um adversário robusto. Podíamos ter feito muito mais na final sobretudo porque jogávamos em casa. Mas é preciso esclarecer que nós atingimos o objectivo que havíamos traçado para esta prova: o apuramento para o “Mundial”. Perdemos o ouro mas de cabeça erguida.

Há que dar os parabéns às minhas jogadoras pelo esforço que as levou à final da prova, bem como ao “Mundial”. O nosso trabalho foi espectacular.

@V – Vai ao “Mundial” ao lado daquela que é considerada a melhor geração de basquetebolistas do continente africano. Qual é o sentimento que tem?

NZ – Como dois países irmãos confesso que estou orgulhoso por saber que Angola e Moçambique vão representar o continente africano no Campeonato do Mundo. Estamos cientes de que vamos para um campeonato que está fora do nosso alcance teoricamente.

Sabemos que o nosso basquetebol é, de longe, inferior em comparação com o de outros países. Mas nós não iremos baixar os braços. Pelo contrário, a mesma garra que tivemos aqui vamos manter ou tentar potenciá-la para que possamos representar condignamente o nosso continente.

Vamos enfrentar cada adversário com uma certa prudência.

@V – Estamos no “Mundial”. O que tem de ser feito para que, como afirma, se possa representar condignamente o continente africano e o país em particular?

NS – A partir de já nós temos de pensar no nosso futuro e nessa competição que nos aguarda de modo a termos uma prestação brilhante diante das melhores selecções internacionais.

Eu parto do princípio de que é conveniente e nem é impossível renovar a selecção. Tem de se fazer um trabalho bastante alargado e seriamente virado para os escalões de formação.

Temos de ser mais agressivos na descoberta de novos talentos e na qualidade das jogadoras. Somos forçados a introduzir sangue novo na equipa, mas com uma certa prudência para manter a nossa hegemonia como país.

@V – Olhando internamente para o nosso basquetebol, o que tem de mudar sabido que somos uma potência a nível de África?

NS – Eu acho que temos de olhar muito mais para as camadas de formação. Por outro lado temos de ajustar a nossa calendarização em função daquilo que é benéfico para o nosso país.

Se nós olharmos para os trabalhos de preparação de outras selecções mundiais para provas do género, iremos notar que os mesmos decorrem num período de defeso. Em Moçambique é o contrário. Nós temos de sacrificar os clubes num período em que estão a decorrer as competições internas; queremos ter as jogadoras num alto nível; temos de colocar as atletas a render mais do que nos respectivos clubes; e temos de colocar as jogadoras a trabalhar arduamente para atingirem um grau inexistente nos seus emblemas internos.

Não faz sentido que as nossas provas decorram numa altura em que os outros países estão no “descanso”. Isto é prejudicial para nós e acho que, de uma vez por todas, é um imperativo mudar o nosso calendário. Este “Afrobasket” serviu como prova de que nós podemos chegar mais longe se fizermos devidamente o trabalho de casa.

@V – De quanto tempo uma selecção precisa para se preparar para uma competição internacional?

NS – Vamos partir do princípio de que as grandes provas internacionais decorrem sempre, ou quase, entre os meses de Agosto e Setembro. Seria oportuno e estratégico, até porque é o que os outros fazem, as selecções nacionais disporem de quatro meses para a preparação e participação nessas competições, isto depois de as jogadoras terem ganho ritmo competitivo nos respectivos clubes.

@V – Se no “Afrobasket” de Maputo o nosso objectivo era o apuramento, qual é a meta que levamos para o “Mundial”?

NS – Temos de ter os pés bem assentes no chão. O apuramento não nos pode envaidecer. Ainda temos quase um ano para trabalhar devidamente.

Eu disse duas coisas anteriormente: a primeira é que temos de renovar a selecção para aquela prova, naturalmente indo atrás de jogadoras talentosas e com alguma qualidade. A segunda é que nós vamos para uma competição séria onde iremos ombrear com as melhores escolas de basquetebol do mundo.

É preciso termos prudência e trabalhar como deve ser. Mas que fique claro que é nossa vontade orgulhar o país e o continente africano.

Dinis Sitoé: o primeiro roupeiro no “Mundial” de basquetebol

A 28 de Setembro último, em Maputo, Moçambique qualificou-se para o Campeonato Mundial de Basquetebol sénior feminino. Apesar de todos terem vibrado com as “Samurais” na quadra, há quem passe despercebido do público mas que, por ironia, cuida da imagem da equipa.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

Trata-se de Dinis Sitoé, de 32 anos de idade, o primeiro roupeiro moçambicano presente num “Mundial” de basquetebol, prova que será disputada no próximo mês de Setembro de 2014 na Turquia. Exerce a função há sensivelmente 10 anos, ou seja, desde que conheceu o selecionador nacional, Nazir Salé.

Foi no presente ano de 2013 que teve a oportunidade de colher um magnífico “fruto” na função que desempenha. Aliás, foi isso que deu a entender na breve conversa que teve com o @Verdade.

– Estou muito feliz pela qualificação de Moçambique para o “Mundial”. O meu sentimento é de orgulho, sobretudo porque serei o primeiro roupeiro moçambicano a estar na mais alta competição a nível de selecções. Foi com muito trabalho, esforço, dedicação e união da equipa que alcançámos este mérito.

Dinis Sitoé explicou que apareceu do nada no desporto, tendo-lhe bastado a amizade com Nazir Salé, selecionador nacional, para ser “seduzido” a servir as equipas por ele comandadas. Contou, também, o que encerra ser roupeiro de uma equipa de basquetebol:

– Eu sou a pessoa que cuida da imagem das jogadoras e não só. Eu sou o profissional que cuida de todo o material de trabalho da equipa. Sou o funcionário que prepara o equipamento de todos, desde os técnicos até às atletas, seja para os passeios, seja para os treinos, seja para antes, durante e depois dos jogos;

– É o roupeiro que manuseia toda a logística necessária para a selecção como, por exemplo, tratar das bolas e da água;



– É o roupeiro que deve fazer de tudo para que as jogadoras não se preocupem com outros assuntos que não sejam os meramente desportivos;

– É o roupeiro que deve garantir que elas tenham treinos, passeios, jogos e até um repouso tranquilo.

Dinis Sitoé declarou que não tem dificuldades em exercer a sua profissão, até porque é o seu ganha-pão, ou seja, o seu único meio de sustento. É através dele que alimenta a sua família.

– Para se ser roupeiro não é preciso ter-se muita instrução. Basta apenas ter vontade de trabalhar, responsabilidade e capacidade para levar a cabo esta “arte”. É fundamental ter a confiança de quem te nomeia para o servir.

“Não importam as marcas. O equipamento é sempre o mesmo”

No que ao uniforme da selecção diz respeito, de uma marca que se estreou no mercado nacional através das “Samurais”, que aliás é parte fundamental do seu trabalho, Dinis Sitoé é da opinião de que, na prática, as camisetas, os calções e as sapatilhas são sempre as mesmas.

– O equipamento é igual. Não existe nenhuma diferença por múltiplas que sejam as marcas. Tudo deve ser vestido da mesma maneira. A minha forma de trabalhar não vai em função disso, ainda que considere bastante as cores por uma questão de padrão e de organização. A equipa só tem de estar apresentável.

“Vivo com intensidade cada minuto de trabalho”

O roupeiro da selecção nacional contou-nos, com reservas, o trabalho que levou a cabo durante o “Afrobasket” de Maputo. Dinis, um homem de poucas palavras

e tímido, limitou-se a revelar que:

– Primeiro preparava o equipamento de toda a equipa para a sessão de treino das 10 horas. Até uma hora antes os técnicos e as jogadoras tinham de estar prontos cabendo a mim, igualmente, tratar das bolas e da água, para que não faltem.

– Depois dos treinos tinha de preparar outra roupa para o período que antecede e sucede o jogo, bem como o equipamento que a equipa usava nas partidas. Tudo preparado ao mínimo detalhe. Eu é que articulava, também, com a lavandaria para que todos os trajes estivessem em condições de ser envergados.

Sitoé não tem muita história para contar, seja de sucesso, seja de fracasso. Mas afirmou que gosta muito da função que exerce.

– Vivo com intensidade cada instante desta minha nobre profissão. Eu gosto muito de ver a equipa bem vestida, aliás, como todo o profissional que ama o seu emprego, sinto-me enaltecido quando a vejo trajada a rigor.

– A qualificação para o “Mundial” foi um momento muito especial e histórico para mim. Eu testemunhei o sacrifício das jogadoras por perto. Agora temos de pensar nessa competição sabido que, se Deus quiser, também farei parte da delegação.

O nosso interlocutor conta que já cometeu muitos erros e que, por uma questão de elegância não pode torná-los público, até porque, segundo ele, quem trabalha está sujeito a desacertos.

– Num trabalho de equipa há sempre quem esteja para nos mostrar o caminho certo, portanto, nunca me senti debilitado.

Poule: Desportivo de Maputo invicto no Sul

O Desportivo de Maputo derrotou o Ferroviário de Gaza e terminou no topo da tabela classificativa ao fim da primeira volta da poule Sul de apuramento ao Moçambola, edição 2014. Na zona Centro e Norte, as equipas do Ferroviário de Quelimane e de Pemba lideram a competição.

Texto & Foto: David Nhassengo

A equipa alvinegra viajou, no último domingo (06), até à cidade de Xai-Xai onde derrotou o Ferroviário de Gaza, por 1 a 0, e beneficiar do empate entre o Estrela Vermelha de Maputo e a Associação Desportiva da Maxixe distanciando-se ainda mais do segundo classificado. O único tonto do jogo foi apontado por Lainito, ao minuto 90, depois de tirar dois adversários do caminho.

Nesta partida, a equipa da capital do país teve sérias dificuldades para atacar a baliza contrária sendo que, durante a primeira parte, rematou apenas uma vez contra quatro da turma da casa.

Na segunda, apesar das condições do campo não terem permitido que o conjunto de Artur Semedo jogasse abertamente, foi o Desportivo que mais calafrios criou à locomotiva de Xai-Xai, antes de chegar ao golo solitário já nos minutos finais.

Com este resultado, o Desportivo de Maputo terminou a primeira volta a liderar de forma isolada, mercê de seis vitórias e apenas um empate, totalizando 19 pontos. Na segunda posição está o Estrela Vermelha de Maputo, com 14.

No Centro do país, o Ferroviário de Quelimane ascendeu à liderança da competição após empatar, a dois golos, diante do Chimoio FC, resultado não aproveitado pelo Textáfrica que também não foi além de uma igualdade no marcador, diante do Palmeiras de Quelimane.

Nesta região, o líder tem 13 pontos, mais um

do que o Textáfrica e está a dois do terceiro classificado, o Chimoio FC.

Na fase de apuramento para o Moçambola, edição 2014, da zona Norte, o Ferroviário de Pemba terminou a primeira volta a comandar com 16 pontos depois de golear no pretérito fim-de-semana a Associação Desportiva de Cuamba, por 4 a 0. A Universidade Pedagógica de Lichinga manteve a segunda posição com 12 pontos. Nesta sétima jornada derrotou o Ferroviário de Nacala, por 2 a 0.

Zona Sul

E. Vermelha 1 1 AD da Maxixe

Fer. Ibane 4 1 S. Machel

Incomáti 3 1 MG da Matola

Fer. Gaza 0 1 D. Maputo

(Próxima jornada)

D. Maputo MG da Matola

Incomáti S. Machel

Fer. Ibane AD da Maxixe

Fer. de Gaza E. Vermelha



Zona Centro			
FC Angónia	2	4	A. Angónia
Chimoio FC	2	2	Fer. Quelimane
S. da Beira	1	1	FC da Beira
Textáfrica	0	0	P. Quelimane
(Próxima jornada)			
A. Angónia			Fer. Quelimane
Chimoio FC			FC da Beira
S. da Beira			P. Quelimane
Textáfrica			FC Angónia

Zona Norte			
UP Lichinga	2	0	Fer. Nacala
B. Monapo	3	1	D. Mueda
AD Cuamba	0	4	Fer. Pemba
(Próxima jornada)			
B. Monapo			UP Lichinga
Fer. Nacala			AD Cuamba
Fer. Pemba			D. Mueda

Moçambique: Liga Muçulmana mantém-se no topo

A Liga Desportiva Muçulmana empatou a um golo diante do Vilankulo FC e assegurou a liderança do Moçambique, a cinco pontos do segundo classificado, o Ferroviário da Beira, que também empatou sem abertura de contagem no derby do Chiveve.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

A jogarem em casa, os Marlins quiseram assumir logo cedo o comando da partida, apesar da manifesta incapacidade de ter o domínio da bola. Recorreram, por isso, ao futebol directo e objectivo. Logo no primeiro minuto conduziram uma jogada de ataque que culminou com um remate que originou o primeiro pontapé de canto.

A Liga Muçulmana, que teve dificuldades em levar a cabo o seu futebol criativo na zona intermediária, foi obrigada a jogar ao deslize do adversário, sobretudo a tirar proveito dos sucessivos erros defensivos dos Marlins. Aos seis minutos, Sonito, depois de tirar um central do caminho, fez um passe milimétrico para o coração da grande área dos Marlins onde estava Reginaldo, que desperdiçou uma oportunidade flagrante de abrir o marcador.

Dois minutos mais tarde, a vez foi de Josimar, do lado direito, cruzar para Liberty que cabeceou ao lado da baliza de Martinho.

O Vilankulo FC, sempre no contra-ataque, conseguia criar problemas à defensiva muçulmana e, aos 30 minutos, podia ter chegado ao golo. Pires, só com o guarda-redes à frente, atirou de cabeça para uma defesa de Milagre. "Cheirou" a golo no campo do Municipal de Vilankulos.

Num livre indireto, Josephy colocou o esférico na zona do "barulho" mas ninguém apareceu para dar continuidade ao lance. E logo a seguir, a nove do fim da primeira parte, Sérgio, depois de explorar o flanco esquerdo e encostado à linha de fundo, centrou para mais um cabeceamento perigoso de Fernando para as mãos de Milagre.

No minuto 40 foi de vez. Do mesmo lado esquerdo saiu um cruzamento para o interior da grande área onde, numa disputa aérea de bola com Miro, Fernando cabeceou para o fundo das malhas.

Na segunda metade a Liga Muçulmana pôs em campo todo o seu poderio para sair de Vilankulos com os três pontos. Efectuou duas substituições no reatamento e passou a jogar com três defesas, cinco médios e dois atacantes.

A táctica de Litos sufocou a turma do Vilankulo FC que não teve argumentos suficientes para explorar o desequilíbrio defensivo dos muçulmanos, que se encarrou no seu próprio campo e se limitou a defender.

Volvidos 63 minutos, Josimar sofreu uma falta à entrada da grande área e Sonito, chamado a marcar o livre, fez um passe para Muandro que falhou no alvo de forma escandalosa. De ensaio



em ensaio, a oito dos 90, Josimar atirou a bola por cima da baliza.

Seis espantosos minutos

Quando a partida rumava para o seu fim, o quarto árbitro, Salvador Cumbe, sob indicação do principal, Sérgio Lopes, levantou a placa de compensação que apontava para mais seis minutos para além dos 90. A decisão foi bastante contestada pelos adeptos da equipa da casa que, aliás, desde o primeiro minuto do jogo se manifestavam contra qualquer deliberação dos juízes que prejudicava a sua equipa.

A Liga, que jogava descaracterizada, quis tirar maior proveito desses "extensos" minutos colocando toda a sua máquina no ataque e a "bombear" as bolas para o interior da grande área adversária. Quando se jogava o quinto minuto de compensação, o guarda-redes do Vilankulo FC, Martinho, atirou-se ao chão, tirou as luvas e pediu assistência.

Logo depois, Akil Marcelino operou uma substituição. Foram-se os seis minutos, mas no entendimento do árbitro havia necessidade de se compensar o tempo perdido.

Foi aí que, à entrada do oitavo minuto, Osvaldo desvia o esférico com o braço esquerdo no interior da grande área. Sérgio Lopes não hesitou em apontar para a marca da grande penalidade, convertida em golo de empate por Sonito.

A fúria dos adeptos da equipa da casa fez com que a partida tivesse um final triste, com o arremesso de pedras e garrafas contra os jogadores da Liga Muçulmana e os árbitros. Aliás, a equipa de arbitragem só saiu do campo uma hora depois e escoltada por um forte contingente armado da Polícia que disparou vários tiros para dispersar a multidão.

HCB de Songo descarrila a locomotiva

O Ferroviário de Maputo foi a única equipa em campo que merecia sair com os três pontos do estádio da Machava, diga-se em abono da verdade. Porém nada fez, ou seja, não mostrou vontade nenhuma de derrotar o HCB de Songo.

O domínio claro do Ferroviário só foi visto ao minuto 29 quando Luís, de forma natural, rematou para uma defesa espetacular de Soarito.

Contra a corrente do jogo e num lance de contra-ataque rápido, Nicholas saltou para apontar o único golo da partida num livre indireto de Eurico. Estavam jogados 33 minutos.

Na segunda metade do jogo, o HCB, a jogar a favor do vento, soube gerir a vantagem diante de um Ferroviário que ainda está longe de resolver o seu crónico problema: o da finalização.

Aos 57 minutos, Mambucho evitou um golo dos visitantes depois de um erro dos seus companheiros da defesa. Já perto do fim, quando a locomotiva havia instalado todo o seu "vagão" no meio-campo contrário, Andro, depois de uma bela combinação com Eurico, rematou ao lado da baliza de Soarito.

Ainda no domingo (06), o Clube de Chibuto voltou a surpreender com mais uma derrota, desta vez diante do Ferroviário de Nampula. O único golo da partida foi apontado por Massaua, aos 86 minutos.

Quadro de resultados

Fer. da Beira	0	x	0	Têxtil de Punguè
Fer. de Nampula	1	x	0	Clube de Chibuto
Fer. de Maputo	0	x	1	HCB de Songo
Maxaquene	1	x	0	Matchedje
Chingale de Tete	0	x	0	Desp. de Nacala
Vilankulo FC	1	x	1	Liga Muçulmana
Estrela Vermelha	1	x	1	Costa do Sol

Próxima Jornada

Fer. da Beira	x	Costa do Sol
Têxtil de Punguè	x	Fer. de Nampula
Clube de Chibuto	x	Fer. de Maputo
HCB de Songo	x	Maxaquene
Matchedje	x	Chingale de Tete
Desp. de Nacala	x	Vilankulo FC
Liga Muçulmana	x	Estrela Vermelha

L	Clubes	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Liga Muçulmana	19	12	4	3	35	14	21	40
2º	Fer. da Beira	20	10	5	5	28	22	6	35
3º	Maxaquene	20	10	4	6	22	17	5	34
4º	HCB de Songo	20	9	7	4	25	13	12	34
5º	Clube de Chibuto	20	9	4	8	20	20	0	31
6º	Desp. de Nacala	20	7	9	4	17	12	5	30
7º	Fer. de Maputo	20	8	5	7	19	16	3	29
8º	Costa do Sol	19	7	7	5	25	19	6	28
9º	Estrela Vermelha	20	5	9	6	14	18	-4	24
10º	Vilankulo FC	20	6	4	10	15	21	-6	23
11º	Fer. Nampula	19	6	5	8	16	22	-6	23
12º	Têxtil de Punguè	20	5	6	8	13	26	-13	21
13º	Chingale de Tete	19	4	6	9	9	15	-6	18
14º	Matchedje	20	1	4	15	11	35	-24	7

ACONTECEU
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade SMS: 90440 WhatsApp: 84 399 8634

“O que mais preocupa não é o grito dos violentos, nem dos corruptos, nem dos desonestos, nem dos sem ética. O que mais preocupa é o silêncio dos bons.”

- Martin Luther King

Liga Portuguesa: Dragão de sabor colombiano

O primeiro lugar do Sporting na Liga Portuguesa de futebol durou pouco menos de 24 horas. Primeira a entrar em campo na sétima jornada, no sábado, a equipa de Leonardo Jardim voltou a provar que está num excelente momento e, frente ao V. Setúbal, goleou por 4 a 0, resultado que permitiu aos Leões saltarem, provisoriamente, para a liderança do campeonato. A pressão passava, então, para o tricampeão nacional, mas o FC Porto não cedeu. A visita ao terreno do Arouca, estreante na Liga, causou algumas dificuldades, mas quem tem Jackson Martínez tem quase tudo.

Texto: FIFA.com • Foto: Lusa

O avançado colombiano abriu o caminho ao sucesso da formação de Paulo Fonseca com dois golos e quando o Arouca ameaçou tornar os últimos minutos mais complicados, com um golo perto dos 90, foi outro colombiano que sossegou os portistas. Quintero, acabado de entrar em campo, marcou de livre e selou o 3 a 1 final.

Se os "cafeteros" dão alegrias ao FC Porto, os adeptos do Sporting também não se podem queixar. Fredy Montero marcou mais dois golos na vitória frente ao



Setúbal e continua isolado na lista de artilheiros, com nove golos em sete jogos.

O Benfica passou num difícil teste no Estoril, vencendo por 2-1. Depois do surpreendente empate, em casa, com o Belenenses, as Águias voltam a respirar e bem podem agradecer a Oscar Cardozo. Depois de começar o jogo no banco, o paraguaio saltou para o campo para marcar um golo simplesmente espetacular, o segundo dos encarnados, com um remate de primeira com o pé direito.

Bundesliga: Bayern lidera com tropeço do Dortmund

Após o Borussia Dortmund ser derrotado, por 2 a 0, pelo Borussia Monchengladbach, Bayer Leverkusen e Bayern de Munique entraram em campo no passado sábado, na BayArena, num confronto directo pela liderança do Campeonato Alemão de futebol. Quem se deu melhor foi o actual campeão nacional, que assumiu a primeira posição ao empatar a 1. Toni Kroos abriu o marcador para os visitantes, enquanto Sidney Sam assegurou a igualdade.

Texto: FIFA.com • Foto: Lusa

Com este resultado, o clube bávaro mantém-se como único invicto nesta edição da competição (seis vitórias e dois empates). Além disso, o Bayern chegou aos 20 pontos e ultrapassou o Borussia Dortmund, que soma 19 pontos. O Leverkusen aparece logo atrás, também com 19 pontos, mas tem desvantagem no critério de saldo de golos (14 a 10).

Embalado pela vitória, por 3 a 1, sobre o Manchester City pela UEFA Champions League, o Bayern de Munique entrou em campo à procura do triunfo desde o início do jogo na BayArena. Em relação ao conjunto que superou o clube inglês, a única alteração entre os titulares foi a entrada do suíço Shaqiri no lugar do holandês Arjen Robben, com os brasileiros Rafinha e Dante como titulares.

Distribuído em campo no habitual esquema 4-1-4-1, o clube comandado por Josep Guardiola controlou as acções ofensivas durante o primeiro tempo. Antes mesmo de o cronómetro apontar dez minutos, o Bayern já havia criado duas oportunidades claras de golo, mas o meio-campista Toni Kroos e o atacante Thomas Muller desperdiçaram-nas.

Pouco ameaçado no seu sector defensivo, o clube bávaro conseguiu abrir o marcador aos 29 minutos. Eleito o melhor jogador da Europa na última temporada, o francês Franck Ribéry fez uma grande jogada individual pelo lado esquerdo e tocou para Kroos à entrada da área. Livre de marcação, o número 39 chutou de primeira, de perna esquerda, e não deu hipóteses ao guarda-redes Leno.

Entretanto, a resposta da equipa da casa não demorou a acontecer. Apenas um minuto mais tarde, o guarda-redes Neuer afastou mal um cruzamento vindo da ponta direita e a bola sobrou para Emre Can. O meio-campista ajeitou e chutou para defesa parcial do número 1 adversário. No ressalto, o atacante Sidney Sam desviou para o fundo das redes, empatando o duelo.

Na etapa complementar, o Bayern retomou o controlo da partida, mas as investidas pararam sempre em Leno. A igualdade não agradava Guardiola, que realizou três alterações na sua equipa. O primeiro a sair do banco de reservas foi Robben, que entrou no lugar de Shaqiri, aos 26 minutos. O avançado centro Mandzukic e o meio-campista Mario Gotze também entraram em campo, substituindo Muller e Kroos, respectivamente. Mesmo com as mudanças, o marcar permaneceu empatado até o final do confronto.

Calcio: Roma invencível e líder isolado

A Roma continua imbatível neste início de Campeonato Italiano de futebol. Em grande fase, a equipa da capital viajou a Milão e ignorou a claque local, conseguindo uma vitória incontestável sobre a Internazionale, por 3 a 0, com três golos ainda no primeiro tempo, dois deles apontados pelo atacante Francesco Totti.

Texto: FIFA.com

A equipa milanesa foi quem começou melhor, pressionando o adversário na defesa. Aos 18 minutos, no entanto, Totti recebeu de Gervinho à direita, chutou forte para o canto direito de Handanovic, colocando a Roma em vantagem.

A Inter poderia ter empatado não tivesse a trave esquerda parado o remate de Guarín, mas foram os visitantes quem voltaram marcar. Aos 40 minutos, Totti converteu um penalti sofrido por Gervinho e ampliou a vantagem.

A diferença no marcador já era considerável para o primeiro tempo de um clássico, porém a Roma ainda fez mais um golo antes do intervalo: em rápido contragolpe, aos 44 minutos, Florenzi recebeu no bico direito da área e chutou cruzado, superando Handanovic pela terceira vez na partida.

Sem ter a vitória ameaçada no segundo tempo – o clube de Milão só assustou em golo anulado de Icardi –, a Roma volta para casa com alguma folga na liderança e tem um novo compromisso pela competição nacional apenas daqui duas semanas, quando receber o Napoli.

La Liga: Neymar lidera o Barcelona em goleada

A ausência de Lionel Messi foi pouco notada no passado sábado no Camp Nou. Isto porque o Barcelona pôde contar, mais uma vez, com a sua nova estrela, Neymar, que desequilibrou o duelo com outra grande actuação na goleada por 4 a 1 sobre o Valladolid. O craque brasileiro fez um golo, o seu segundo na temporada, e fez um passe preciso para um dos dois golos de Alexis Sanchez. Xavi ainda fez um.

Texto: FIFA.com • Foto: Lusa



Mesmo sem o melhor jogador do planeta, que continua a recuperar de uma lesão muscular, o Barcelona manteve o ímpeto neste início de temporada, chegando a nada menos que oito vitórias em oito partidas, e somando agora 24 pontos e 100% de aproveitamento.

O Valladolid foi o primeiro a assustar no Camp Nou. Aos 10 minutos, Ebert tocou para Javi Guerra inaugurar o marcador. No entanto, a alegria durou menos de cinco minutos. Aos 14, Neymar começou a jogada e tocou para Tello, que assistiu Sanchez. O chileno bateu forte, superando Mariño e empatando a partida.

Sem encontrar espaços na defesa, o Barcelona só despertou no segundo tempo. Mais uma vez, Neymar iniciou a jogada na intermediária,

arrancou e achou Tello pela esquerda. O lateral fez um bom passe para Xavi virar o jogo aos sete minutos.

Neymar ainda continuaria com o seu show particular, criando problemas a defesa – ele sofreu duas faltas para penalti claríssimas não marcadas pelo árbitro – e deixando Sanchez sozinho à frente da baliza para marcar o seu segundo na partida, o terceiro dos catalães. Faltava retrair o favor. Aos 25 minutos, Alexis teve a oportunidade de marcar o seu terceiro, mas, defronte de Mariño, fez apenas um passe para Neymar marcar o seu e encerrar as contas do confronto.

Real arranca vitória no fim

Pouco antes, o Real Madrid voltou

a jogar mal e a passar por um sufoco antes de conseguir uma vitória nos minutos de compensação. Exactamente como contra o Elche, há duas jornadas, a equipa suou para derrotar o Levante, fora de casa, por 3 a 2, com direito a dois golos já no final, de Morata e Cristiano Ronaldo.

Aliás, todos os cinco golos da partida foram marcados na segunda etapa e quem surgiu a ganhar foram os anfitriões. Aos 12 minutos, Baba Diawara foi lançado e bateu de primeira, sem hipótese de defesa para Diego López. Logo a seguir, aos 16, Sergio

Ramos subiu mais alto que os defesas do Levante marcando na sequência de um pontapé de canto de Di María e empatando o jogo.

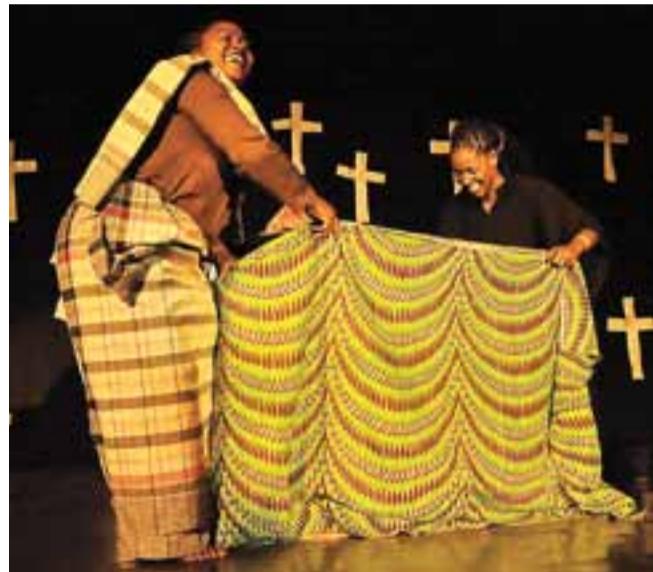
Apático na partida, o Real acabou por ser castigado no final. Aos 41 minutos, o meio-campista El Zhar dominou e girou sobre Sergio Ramos dentro da área chutando e fazendo que parecia ser o golo da improvável vitória.

Porém, algo mais improvável ainda aconteceria. Morata, aos 45 minutos, recebeu dentro da área de Varane e finalizou para o empate. Aos 49, Cristiano Ronaldo chutou cruzado, viu a bola desviar no defesa e enganar o guarda-redes, para virar o resultado e garantir os importantes três pontos para o Real Madrid.

Cândida Mata resgata Capulana Dza Ku Xonga

A directora artística da Companhia Nacional de Canto e Dança, Cândida Mata, que – além de ser coreógrafa – detém uma forte aliança com as artes e as actividades culturais, apresentou nos dias dois e três de Outubro a coreografia “Capulana Dza Ku Xonga”. A obra é uma homenagem a um dos signos que nos identifica como moçambicanos – a capulana.

Texto & Foto: Redacção



Ao lançar o seu primeiro trabalho artístico no Cine África, Cândida Mata explicou que o tema da obra é proposto em virtude da relevância que a referida vestimenta possui na vivência dos moçambicanos.

O seu interesse pela capulana nasceu desde tenra idade, quando a sua mãe dizia que toda a mulher – sempre que se desloca a algum lugar distante – tem de ter na sua bolsa uma capulana, a fim de usá-la sempre que necessário como, por exemplo, quando ocorrem acidentes de natureza diversa na via pública.

Logo, à partida, na coreografia exibem-se cenários de guerra, que geram contextos fúnebres e emocionantes a partir dos quais se explica a utilidade da capulana, sem excluir experiências memoráveis como, por exemplo, o nascimento de um ser humano, o seu desenvolvimento, as suas vivências também acompanhadas pela utilização da mesma peça de vestuário.

Segundo Cândida Mata, o projecto “Capulana Dza Ku Xonga” surge devido ao seu interesse de criar – nesse valioso signo cultural – uma plataforma na qual se discute o problema do género, essa ideia de que a capulana é uma peça de vestuário exclusiva da mulher, a fim de resgatar as cores vivas que descrevem a nossa essência africana, em ‘Mucume ne Vhemba’, acrescentando que a capulana é um adereço de todas as mulheres porque ela está sempre presente em todos os momentos das suas vidas.

Cândida Mata afirma que a capulana ocupa todas as ocasiões da vida de um povo, salientando o desejo de explorar na produção artístico-cultural com enfoque para o bailado.

A coreógrafa diz que a capulana nunca nos faltou sempre que dela precisássemos. Ela faz parte da nossa vida, acompanhando-nos desde o nascimento, o crescimento, a celebração da vida nos momentos festivos, na doença e até na morte. “A capulana é o nosso amparo e cobertor”.

Questionada sobre o espaço que a capulana ocupa nos tempos actuais, na sociedade moçambicana, Cândida Mata explica que se envergonha quando se realizam festividades, pois as pessoas explorem única e exclusivamente o traje formal. “Nós, as mulheres, sempre recorremos a uma minissaia costurada a partir de um pano lindo enquanto os homens não dispensam um casaco e um gravata bem apertada – que não se adequam muito ao ambiente”.

Mata acredita que o traje formal não implica, basicamente, a utilização de roupas formais e importadas, mas também e, acima de tudo, a valorização da moda moçambicana, mormente o estilo feminino usando-se as missangas e a capulanas. “É nesse sentido que escolhi esse tema, propondo um desafio à nossa sociedade com vista a encontrar meios que nos dignifiquem – no campo da vestimenta – consoante a nossa realidade como africanos e moçambicanos”.

Nesse sentido, de acordo com Cândida Mata, a coreografia “Capulana Dza Ku Xonga” busca resgatar – se possível – do baú de cada moçambicana – o que há de melhor em termos de capulana, utilizando-a como um vestuário de utilização quotidiana, como os zambesianos fazem.

Como tal, o seu grande desafio – e de todos moçambicanos – é de fazer com que os estilistas nacionais não criem invenções cada vez mais descontextualizadas em relação à nossa realidade. Ou seja, devem aceitar o repto de explorar a beleza e a riqueza moçambicanas.



Capoeira: dança ou luta?

No passado, a falta de paz e de tranquilidade moveu algumas comunidades a criar formas de entretenimento que contribuíssem para a sua autodefesa. Na verdade, elas camuflavam a luta em certas danças. A capoeira é uma delas. Qual é, então, a sua origem?

Texto & Foto: Redacção

A maior parte dos praticantes da capoeira é originária de Angola e do Brasil, locais onde esta arte-dança é um instrumento de luta pela autodefesa, segurança e liberdade.

Nos dias actuais, a capoeira é praticada em vários países de todo o mundo. Ela foi espalhada pela terra com o propósito especial de preservar a tradição de uma acção secular que, em grande parte, contribuiu para liberdade do povo brasileiro da opressão e da escravatura do sistema colonial.

Nesse bailado, ninguém fica de fora. Todos - crianças, homens e mulheres - praticam a capoeira. Ou seja, porque acreditam que esta manifestações desportiva e artístico-cultural é também terapêutica, beneficiando quem a pratica.

Na verdade, a capoeira é originária de África, mas ganhou grande popularidade no Brasil em resultado das condições em que os escravos viviam no contexto colonial que - muitas vezes - concorriam para que perdessem a vida.

Nessa vertente, a cultura africana sofreu mutações perante a actual realidade. E daí surge a capoeira, uma luta em forma de dança que tornou realidade a utopia da liberdade.

Nesse sentido os povos oriundos dos Quilombos do Brasil, que eram obrigados a trabalhar na agricultura - com destaque para os canaviais e a mineração - equiparam-se, disfarçando as táticas guerreiras na dança a fim de aperfeiçoarem o estilo e, consequentemente, criando as bases para lutarem contra a opressão colonial. A abolição da escravatura, em Maio de 1888, muitas vezes, associa-se aos êxitos da capoeira.

A luta

A capoeira é uma luta de defesa e ataque mortífero. Os seus praticantes usam como - ferramentas de ataque - os pés e a cabeça, tornando os golpes mais rápidos, calculados e fatais. As mãos também são usadas para o ataque e a defesa.

Durante as actuações, os capoeiristas apresentam-se descalços e vestidos de branco, sendo que, segundo Melquisedeque Sacramento Santos, contramestre de capoeira, os pés descalços retratam a realidade antiga e a vestimenta branca a paz e a liberdade.

Por outro lado, Melquisedeque afirma que alguns capoeiristas usam o verde - que na simbologia moçambicana significa esperança - incluindo o branco, a cor predominante, desde os primórdios desta dança-arte, para explicar que é desse branco que os escravos que viviam nos quilombos precisavam.

O contramestre Santos explica que, em tempos idos, a capoeira era praticada em espaços abertos visando um melhor espaço de manobra. A experiência favoreceu muito as vitórias do oprimidos contra os seus opressos, sobretudo porque a luta, em si, era desconhecida pelo inimigo.

Santos explica que o termo capoeira associa-se ao facto de que os escravos que o praticavam se deslocavam das zonas rurais, onde se encontravam as grandes plantações, para o centro da cidade trazendo galinhas dentro de gaiolas para vender. Nesse sentido, sempre que se divertissem, os cidadãos apreciavam aquela manifestação artística e chamavam-na "a brincadeira dos capoeiristas".

Com o passar dos anos, a prática foi transmitida através de gerações que passaram a chamá-la capoeira e capoeirista quem a realiza.

Desde então, os senhores das terras proibiram a prática dessa luta entre os escravos, instalando a pressão da polícia imperial e



milícia para controlar e sancionar os seus fazedores.

A partir daí, na tentativa de ganhar a liberdade a qualquer custo, os negros dissimularam a capoeira colocando mímicas e bailados acompanhados de músicas, em ritmos de danças tradicionais.

Quando os senhores das terras passavam pelos acampamentos dos negros, a "brincar capoeira", batiam palmas apreciando a suposta dança, não se apercebendo, no entanto, que se estava a praticar a proibida capoeira.

Foi assim que a capoeira emocionou, libertou e conquistou praticantes sobrevivendo até os dias actuais.

O que mais se sabe sobre a capoeira?

Na verdade, a capoeira é uma junção de danças tipicamente africanas como, por exemplo, o Xigubo e a Ngalanga, que foram modificados em gestos e golpes violentos. Por isso, ela é também uma forma de luta muito violenta.

Contudo, Santos prefere dizer que a capoeira é um diálogo de corpos em que - enquanto se disputa - só se vence quando o parceiro já não tem respostas para as perguntas do seu dialogante. Ou seja, cada gesto feito dentro do círculo é uma fala corporal, e, à medida que um projecta os pontapés, é obrigatório que o outro retribua.

O jogo da capoeira, na forma cordial - ou dentro da roda - é verdadeiramente um diálogo de corpos. Os dois capoeiristas partem do "pé" do berimbau e iniciam um lento balé de perguntas e respostas corporais, até que um terceiro corde o jogo para que sucessivamente se desenvolva até que todos entrem na roda.

O ritmo

A capoeira é a única modalidade de luta marcial que se faz acompanhada por instrumentos musicais. A prática deve-se, basicamente, às suas origens africanas, com maior influência para as danças tradicionais que dessa forma disfarçavam a peleja numa espécie de manifestação cultural, enganando os senhores de terras e os capitães-do-mato.

No início, esse acompanhamento era feito apenas com palmas e toques de tambores. Depois foi introduzido o berimbau, instrumento composto por uma haste cruzada por um arame, tendo por baixo uma caixa de ressonância feita de uma 'cabaça' cortada. O som é obtido percutindo-se uma haste no arame.

Este instrumento era usado, inicialmente, por vendedores ambulantes para atraírem fregueses e mais tarde tornou-se uma ferramenta simbólica da capoeira, conduzindo o jogo no seu próprio timbre. Os ritmos são em compasso duplo e os movimentos são rápidos e moderados no mesmo tom do berimbau.

Para uma boa performance, o conjunto rítmico é composto por três berimbau - um grave chamado Gunga, um médio e um agudo chamado Viola, dois Pandeiros, um Reco-reco, um Agogó e um Atabaque.

A música tem ritmos que são cantados e repetidos em coro por todos os artistas na roda. Um bom capoeirista tem a obrigação de conhecer todos os instrumentos utilizados na dança.



Toma que te Dou

Alexandre Chaúque
bitongachauque@gmail.com

Um cego no aeródromo de Inhambane

Enquanto se realizava, no passado fim-de-semana, o IV Festival de Pára-quedismo de Inhambane, eu ficava dividido entre a contemplação da esplêndida paisagem que circunda aquele lugar, e os pára-quedistas que gozavam a liberdade de passear na atmosfera, e um cego misturado num dos cachos da criançada que se deslocou avidamente para ali com a intenção de dar festa à alma. Ninguém prestava atenção ao homem que perdeu para sempre a dádiva de ver tudo isto que Deus criou com amor. Mas eu apaixonei-me imediatamente por ele. Saia de vez em quando do lugar VIP onde eu estava instalado na qualidade de membro da direcção do aeroclube, para estar mais perto deste actor que me faz lembrar Ray Charles.

Ele tem a cabeça erguida para o espaço sideral, abana-a sempre que ouve o ronco dos motores das aeronaves que voam no espaço. Sorri acompanhando as palmas que troam ao "cair" de um pára-quedista que acerta no alvo. E ninguém lhe liga, nem as crianças que o envolvem, que o apertam sem dar por ele, que se unem a ele sem perceberem que no seu seio está um homem que não vê nada, mas que ali está com eles celebrando a liberdade de estar no espaço, como o fazem todos os dias os pássaros.

Não consigo conter a intensa comoção de ver um cego no meio daquelas crianças que nem sequer o vêem, nem sequer o sentem. Ele abana a cabeça perscrutando a posição das máquinas aéreas, imaginando provavelmente a posição dos pára-quedistas. E eu estou ali, entre o absorver espiritual da arrebatadora paisagem e do êxtase de ver um homem em queda-livre numa altitude de morte, e de uma figura cega. Completely cega.

Mas toda esta beleza arrepiante parece surreal. As crianças nunca estão no mesmo lugar. Elas movem-se como o vento que está constantemente a mudar de direcção. As autoridades policiais destacadas para ali têm de estar em permanente vigilância. Depois de os petizes serem admoestados por pisarem a "linha", eles voltam para trás, porém, volvido pouco tempo, eles vão pisar outra vez a "linha". Quer dizer, os miúdos comportam-se como passarinhos rebeldes, recusam as gaiolas. Querem voar em liberdade, como "voam" em liberdade os pára-quedistas, com a diferença de que, enquanto aqueles voam em direcção à terra, eles querem voar ao encontro do Céu, e a Polícia não os deixa voar.

A banda municipal do saudoso Tsungu Thsoni está ali, também em liberdade, passando o mandado de soltura à enxurrada dos sopros levados no peito. A música, tocada em cada salto dos pára-quedistas, desperta ainda mais a vontade de ser como os anjos que mora nas crianças. Elas foram feitas para voar, e a Polícia não as quer deixar voar. Elas apaixonam-se pelo céu azul, cantam com a banda, e dançam. Querem invadir a placa de estacionamento dos aviões, desejam sentir toda aquela festa a partir da pista de descolagem e aterrissagem. Mas a Polícia não permite.

O cego é abalroado neste movimento todo. É abanado para todos os lados. Para a direita e para a esquerda. Para a frente e para trás. Mas ele não se perturba. Também bate as palmas com a bengala apertada no sovaco do braço esquerdo. Sorri com os dentes de brancura imaculada. Delira sem limites e eu aproximo-me mais dele. Quero estar junto de um personagem que me faz lembrar Ray Charles, e não consigo conter a vontade de lhe dirigir a palavra. Passei o meu braço esquerdo por sobre o seu ombro, abraçando-o.

- Tudo bem, meu irmão?

- Quem é você?

- Chamo-me Alexandre Chaúque.

- Ah!

Abraçámo-nos fortemente, e ele disse-me: "Está muito bonito, isto!"

Sem asas para voar, artistas mendigam passagens!

Formaram-se recentemente e – muito cedo – o resultado do seu trabalho ganhou expressão, projectando-os no mundo. No entanto, além dos vários convites desperdiçados este ano para apresentarem as suas obras no estrangeiro, presentemente têm um imperdível para participarem no Festmar – no Brasil em finais de Outubro – mas faltam-lhes duas passagens aéreas. Chamam-se Grupo Artes de Rua. Quem os apoia?

Texto: Inocêncio Albino • Foto: Artes de Rua

Num momento em que, em Moçambique, a paz é precipitadamente ameaçada, talvez não haja experiência melhor do que avaliar o nosso Consciente Colectivo. É esta a peça que – resgatando as peripécias vividas por vários moçambicanos nos primeiros 16 anos que se seguiram à época após a independência nacional, em que se inspiraram – os membros do Grupo de Artes de Rua Vana Va Ndlelene têm utilizado, basta vez, para, a par do público, reflectir sobre o assunto. O que mais se sabe sobre a obra?

A peça começa com uma performance em que todos os artistas praticam o Xigubo, uma dança tradicional africana guerreira. No seio do colectivo, uma personagem narra a história do conflito armado em Moçambique focalizando a sua mensagem nas crianças.

Instala-se, depois, um outro cenário em que se vêem três petizes que – na verdade, são uma imaginação de uma mãe – procuram encontrar um espaço para se divertirem apesar de se encontrarem num ambiente belicoso. Só no final é que se percebe que elas representam a lembrança nostálgica e muito dolorosa de uma mãe que perdeu os seus filhos na guerra.

Como se percebe, nesta peça recuperam-se as experiências individuais dos membros de uma mesma família que revelam ao público até que ponto a guerra foi macabra. Por exemplo, a passagem em que no conflito um conjunto de soldados invade uma casa onde encontram e abusam sexualmente uma mulher perante o seu filho e o seu marido – espancando estes dois últimos – demonstra alguns dos infortúnios. E é isso o que também acontece na guerra.

O pior é que a referida senhora acaba por dar à luz a um filho cujo pai – em resultado de a sua gravidez ter acontecido num acto de abuso sexual perpetrado por vários homens – é desconhecido. É provável que a paternidade da criança seja atribuída a um dos violadores.

Ora, essa história quando comparada com as justificações dos grupos beligerantes no âmbito da guerra dos 16 anos, em Moçambique, acaba por ser a metáfora daquilo que cada um cria e projecta como uma justificação para o advento do fenómeno beligerante. Todos têm um argumento para explicar as suas acções. O problema é que, no final, temos várias pessoas oprimidas em resultado do desentendimento de alguns, os opressores.

De qualquer modo, um aspecto importante é que a



guerra termina e inicia-se uma nova época de paz – que todos devem(os) preservar porque o estágio anterior deixou provas exactas de que o conflito bélico só retarda o desenvolvimento humano e social, gerando impactos desastrosos. E é essa a mensagem que se potencializa na obra O Consciente Colectivo.

Exibe-se o cenário de um mundo devastado pelo conflito armado – e, por isso, em que as pessoas sofrem – e, mais adiante, outro em que se está num contexto de paz, abundando a concórdia e a harmonia social. O público, no final, é convidado a fazer as suas escolhas em relação a estas duas realidades.

A paz é um bem da humanidade

Kenneth Ernesto Langa, um dos integrantes do Grupo Artes de Rua, faz a sua construção social em relação à peça e à necessidade de ela ser exibida em todos os contextos.

“Inspirando-se na guerra dos 16 anos em Moçambique, a obra O Consciente Colectivo tem o objectivo de consciencializar as pessoas sobre o impacto dos conflitos armados. Por isso, trazemos uma série de personagens que têm uma experiência nesse contexto ou que sofreram as suas consequências. Pensamos que neste momento em que Moçambique vive situações de uma paz ameaçada, exibir esta obra é muito apropriado”.

“A paz não é só um bem nacional, mas é do interesse da Humanidade. Por isso, ela deve ser preservada a partir das relações entre as pessoas nas suas famílias, nas suas casas e nos seus bairros até ao mais alto nível de interacção entre as nações. Por essa razão, a nossa peça é uma espécie de apelo à paz”.

Faltam-nos as passagens

A caminho do Brasil, a peça será apresentada, mais uma vez, no dia 17 de Outubro no Centro Cultural Franco-Moçambicano, em Maputo, a partir de 19 horas. “As entradas não serão cobradas, mas esperamos que o público nos ajude com 50 meticais para custear determinadas despesas. Pessoas menores de 12 anos não pagam absolutamente nada”.

Refira-se que, neste ano, devido à falta de apoio em aspectos ligados ao transporte, o Grupo Artes de Rua não tem participado em muitos festivais culturais realizados em países estrangeiros. Por isso, o Festival Latino-Americano de Artes de Teatro de Rua, Festmar, a decorrer entre 21 e 25 de Outubro, não deve ser desperdiçado. “O problema é que, mais uma vez, não temos as passagens para a viagem”.

Então, neste momento, “a nossa luta tem a ver com a procura de passagens aéreas porque, apesar de o Ministério da Cultura, através do FUNDAC, nos ter disponibilizado três voos para o Brasil, nós somos cinco elementos – o que significa que ainda temos um défice. A situação é preocupante porque nos falta muito pouco tempo e não sabemos onde encontrar esse apoio. Além do mais, o nosso espectáculo é muito melhor quando feito com o elenco completo – os cinco elementos”.

“Estamos a lutar contra o tempo. Se surgisse alguém que se identificasse com a nossa causa e nos apoiasse com alguns ingressos agradecermos imenso. Se for necessário, até podemos fazer uma troca de serviços – mesmo que isso implique incorporar cartazes publicitários dessas instituições na nossa obra”.

O Grupo Artes de Rua é constituído por Samuel Magia, Paulo, Jorge, Gilberto e Ernesto Langa. O mesmo resulta do consórcio destes jovens, inicialmente, pertencentes a diferentes colectividades artísticas que beneficiaram de formação de especialidade tendo, no fim, resolvido criar este agrupamento.

Eles trabalham com o Centro Cultural Franco-Moçambicano praticando o teatro de rua e de pernas de pau, ao mesmo tempo que envolvem disciplinas artísticas como o canto e a dança tradicionais, a projecção de fogo, o malabarismo, a magia e o teatro convencional.

Uma vida dedicada à escultura

Na cidade de Nampula, nos últimos tempos, a arte de esculpir a madeira tem vindo a ganhar uma grande visibilidade. O problema é que, supostamente por não ser uma actividade de renda imediata, a escultura é depreciada pelos jovens. Em contra-senso, é naquela expressão artística que Joaquim Paulo encontra o seu ganha-pão...

Texto & Foto: Sebastião Paulino

Joaquim Paulo tem 39 anos de idade. É natural da província de Nampula e dedica-se à escultura desde 1980, na mesma altura em que frequentava a 4ª classe. Nesse momento, por causa do fraco poder aquisitivo dos seus pais, para sustentar o seu ensino Paulo sentiu-se impelido a aprender – do seu tio paterno – a esculpir.

O seu interesse de continuar a estudar era grande. No entanto, o seu pai não encontrou outra alternativa a não ser encaminhá-lo à oficina do tio para ser “alfabetizado” em artesanato. Segundo o seu pai, se Joaquim Paulo dominasse aquela arte, ele mesmo podia gerar dinheiro para garantir os seus estudos.

É nesse quadro de acontecimentos que o artesão se recorda de que “quando concluí a 4ª classe, pedi ao meu pai para que me inscrevesse na classe seguinte. No entanto, a sua resposta foi desfavorável, pura e simplesmente, porque ele não tinha dinheiro. Para ele começou a fazer sentido encaminhar-me ao meu tio a fim de que me ensinasse a esculpir”.

Nos primeiros dias da sua relação com o seu primeiro ofício profissional, Joaquim enfrentou as dificuldades primárias. Mas o mais complicado foi “aperfeiçoar o trabalho de limar a madeira pau-preto”. Além do mais, nessa tarefa, o artista estava a remar contra a maré do seu sonho – estudar para se formar como enfermeiro.

De qualquer modo, apesar das barreiras que marcaram essa sua aprendizagem, nos primeiros dias, Joaquim acreditou que poderia ganhar um saber enciclopédico na escultura do pau-preto. Para si, o querer foi o trampolim que lhe garantiu que se desenvolvesse na actividade artesanal.

No bairro de Mutava-Rex, no Posto Administrativo de Namicopo, onde se encontrava a oficina em que Joaquim aprendeu o ofício, inicialmente só trabalhavam quatro pessoas. As criações eram feitas, essencialmente, à mão – o que contribuía para a fraca produtividade diária.

A pior situação é que – por causa da falta de equipamentos sofisticados – os artesãos levavam muito tempo a produzir os objectos encomendados pelos seus clientes. Houve vezes em que alguns acabaram por desistir da aquisição devido à referida morosidade.

Entretanto, quando se sentiu maduro na arte de esculpir, Joaquim Paulo abandonou a oficina do seu tio a fim de implantar a sua onde reside. Neste lugar passou a diversificar os objectos que criava como, por exemplo, mesinhas, candeeiros, pilões, objectos de adorno, entre outros artigos.

Porque já trabalhava sozinho, Joaquim Paulo passou a ter dificuldades em produzir artigos diferen-



tes e/ou diferenciados – os quais encaminhava para a feira dominical local, em que se expõem objectos de artesões moçambicanos e estrangeiros.

Dos poucos objectos que fabricava, Joaquim conseguia vender gerando o dinheiro com que sustenta a sua família. Ele afirma que os maiores compradores dos seus produtos são cidadãos estrangeiros – e é isso o que faz com que quando não os leva à feira dominical os mesmos não sejam comprados, ficando arquivados no armazém.

Como resultado da experiência que adquiriu com outros artesãos – na feira dominical – Joaquim e os seus confrades acabaram por criar uma agremiação para defender os interesses da classe, em 2003, que funcionou durante apenas três anos.

Na verdade, a ideia de criar uma associação de escultores nasce quando Joaquim e os seus colegas foram contactados por um americano que queria comprar obras em grande quantidade. Para satisfazer esta demanda, um grupo de dez escultores – incluindo Joaquim Paulo – organizou-se com o objectivo de trabalhar, exclusivamente, o pau-preto para gerar objectos destinados ao mercado internacional.

A organização passou a chamar-se Eucalipto e produzia com base na arte maconde. Na agremiação, a forma particular com que Joaquim Paulo trabalha a madeira notabilizou-se, muito em particular pela observância das datas de entrega dos resultados.

Como forma de credibilizar a associação, em 2004, o grupo registou-a tornando-a uma instituição juridicamente legal. O impacto disso foi a ampliação do número de clientes que demandava os seus serviços e produtos. Ou seja, qualquer entidade que precisasse de escultura em pau-preto podia comprá-la, seguramente, na Associação Eucalipto. De referir que os escultores empenhavam-se mais para dominar o merca-

do de Nampula.

O sofrimento acabou

Gradualmente, o seu sofrimento começava a desaparecer, afinal, garças ao trabalho desenvolvido na associação, a par dos outros artesãos, Joaquim Paulo ganhava dinheiro suficiente para fazer face às necessidades da sua família, eliminando uma série de constrangimentos.

“É nesse momento que comprehendi que a minha vida estava a transformar-se. Comecei a compreender os ensinamentos do meu mestre (tio) que dizia sempre que os melhores dias viriam. Ou seja, que o meu sofrimento iria passar”.

Quando o contrato com os americanos prescreveu, alguns membros da Associação Eucalipto abandonaram-na, integrando outras colectividades. A dissolução do grupo fez com que Joaquim voltasse a montar a sua oficina na sua residência, no Bairro de Natiquiri onde, actualmente, trabalha.

Joaquim também investiu parte do dinheiro que ganhou na “Eucalipto” na compra de uma máquina eléctrica que lhe permite polir as suas peças depois da fabricação. Um impacto importante resultante da posse do aparelho é o aumento da produção.

Lamentações

Joaquim Paulo lamenta, porém, o facto de grande parte dos jovens da cidade de Nampula não apreciar o trabalho de esculpir a madeira, muito em particular quando toma em consideração que, para si, essa actividade é uma espécie de salvação da sua vida.

“Estou preocupado com os jovens que não querem aprender a esculpir o pau-preto dizendo que esta é arte dos mais velhos”.

Ainda que com material precário – é com o dinheiro proveniente do negócio de esculpir a madeira e da venda das obras que daí se criam que Joaquim conseguiu construir a sua casa, estando, neste momento, a assegurar a subsistência da sua família. Com seis filhos, o mais velho frequenta o ensino médio, o sonho desse artesão é garantir que eles se formem para não passarem pelas mesmas dificuldades que o pai experimentou.

Lazer

ENTRETENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Provavelmente que nenhum desastre na história dos naufrágios nos Estados Unidos deixou atrás de si mais lucro que o incêndio ocorrido a bordo do "SS Morro Castle", em 08 Setembro de 1934, em New Jersey.

Horas depois, o grande transatlântico, a bordo do qual perderam a vida 137 pessoas, arribou à praia, onde ficou encalhado. Durante três semanas aproximadamente, um milhão de pessoas se deslocou ao local do encalhe para ver o navio e ali deixar muito dinheiro, adquirindo milhares de fotografias do "SS Morro Castle", moedas com inscrições, poemas e baladas sobre a tragédia, pedaços de ferro, etc.

Inspirado pelo lucro que o naufrágio trazia, o governador de New Jersey propôs o caso oficialmente e decidiu aproveitar o evento, fazendo da tragédia uma permanente atração pública.

Através dum pequeno custo de admissão, milhares de turistas foram a bordo apreciar os estragos, beneficiando os cofres do município com algumas centenas de milhares de dólares.

Uma funâmbula (que anda ou dança em corda bamba), a senhora Sperterino, em 1885, atravessou as quedas de Niagara sobre um fio de arame, calçada com vasos de papel.

PENSAMENTOS...

- O elefante não morre de uma costela.
- Bem folga o lobo com o coice da hiena.
- Para tudo é preciso com quê.
- Não se vai pedir lume ao ladrão.
- Homem velho, saco de azares.
- Mais soa a boca que a trombeta.
- Inimigo adormecido, inimigo vencido.
- Os braços são o celeiro do homem.
- Em caminho estreito nós à frente.

RIR É SAÚDE

Um destacado elemento MDM sente-se próximo da morte, e manda chamar o confessor.

- Meu padre - diz ele - , quero receber a extrema-uncão. Mas só a receberei se me trouxer um boletim de inscrição na Frelimo. Quero inscrever-me.

- Que ideia, meu filho! Sempre foi tão bom católico, e agora, quase à hora de entrar no Reino do Senhor, quer inscrever-se no partido desses ateus?! Vamos tratar da extrema-uncão.

- Não, meu padre. Não a recebo sem me inscrever na Frelimo.

- Mas, meu filho, eu trago o boletim... mas explique-me, ao menos, o porquê duma ideia dessas.

- Porquê? Porque vou morrer. E quero que morra mais um comunista!

Depois do 25 de Abril de 1974, em Portugal, os chefes do anterior regime foram enviados, como castigo, para a Ilha da Madeira. Certos habitantes locais, indignados, perguntavam porque não teriam sido encaminhados para o Sal, ao que alguém respondeu que não teriam ido para lá porque o "sal" conserva...

Dois trabalhadores conversam numa tasca de Varsóvia, no tempo do comunismo. Já estão um tanto pingados. De repente, um deles dá um soco na mesa e grita:

- Preferia trabalhar em Moscovo vinte e quatro horas por dia sem ganhar um centavo, do que somente duas horas em Nova Iorque por todo o ouro do mundo!

- Bravo! - grita um oficial soviético, sentado na mesa ao lado - . Tu és um camarada extraordinário, e o Partido deve orgulhar-se de ti. Qual é a tua profissão?

- Cangalheiro.

Em 1940, sábios soviéticos descobrem no vale do Dnieper (nome dum rio) um velho esqueleto.

Alguns deles pensam tratar-se dos restos de Gengis-Khan (imperador mongol).

Estaline ordena um inquérito imediato. Um agente da KGB passa

a noite a examinar os ossos e declara, finalmente:

- É mesmo Gengis-Khan. Não há dúvida.

- Como é que tens a certeza?

- Ele confessou!

SAIBA QUE...

A Convenção de Genebra é um acordo internacional celebrado em 1864 que regulamentava o tratamento dos feridos de guerra. Mais tarde, este acordo foi alargado ao tipo de armas que era permitido usar, ao tratamento dos prisioneiros e dos doentes, bem como à protecção dos civis em tempo de guerra. As regras foram revistas nas convenções de 1906, 1929 e 1949, e ainda nos protocolos adicionais de 1977.

A TH ENTRETENIMENTO APRESENTA

MENTOR CARISMÁTICO | **MEET'S BAR** | **19 DE OUTUBRO**
EM CONCERTO COM A BANDA DUGUÉ

CONVIDADOS
KHRONIC CREAM SHOT B | **MARECHAL E PRESSÁCIO**

TV COLO | **AMÉTISTAS** | **TRG**
entradão: 100mtn

www.amestistas.com.br

Cartoon



HORÓSCOPO - Previsão de 11.10 a 17.10



carneiro

21 de Março a 20 de Abril



touro

21 de Abril a 20 de Maio



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho



leão

22 de Julho a 22 de Agosto



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro



áquario

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março



Finanças: No aspeto financeiro, não se deverão verificar alterações dignas de relevo; no entanto, será aconselhável usar de grande prudência em tudo o que se relacione com gastos, especialmente, os supérfluos. Este aspeto passa por um período delicado que poderá atingir qualquer um.

Sentimental: Construa a sua própria felicidade e não permita que o seu relacionamento dependa de terceiros. Mantenha-se atento em relação a esta questão. No seu íntimo e, em relação a este aspeto, existe no seu interior uma grande confusão que deverá decidir.

Finanças: As suas finanças apresentam-se regulares e não deverá sentir dificuldades de maior, durante este período. Poderá verificar-se, próximo ao fim da semana, uma pequena contrariedade que, à partida, será ultrapassada. De qualquer forma, será recomendada muita prudência, no referente a este aspeto.

Sentimental: Seja direto com o seu par e não crie situações artificiais que, poderão desgastar a sua relação sentimental, com consequências imprevisíveis. Para os que não têm compromissos, durante esta semana poderão conhecer alguém importante e com forte influência no seu futuro imediato.

Finanças: Na área amorosa, deverá ser, extremamente, cuidadoso. Esta semana será muito delicada, para os nativos deste signo, em tudo o que passe por relações sentimentais. Evite criar situações artificiais. Os seus familiares deverão ser a sua opção de relacionamento.

Sentimental: Na área amorosa, deverá ser, extremamente, cuidadoso. Esta semana será muito delicada, para os nativos deste signo, em tudo o que passe por relações sentimentais. Evite criar situações artificiais. Os seus familiares deverão ser a sua opção de relacionamento.

Finanças: As suas finanças não deverão sofrer alterações dignas de relevo. Mantenha-se atento aos gastos, especialmente, os desnecessários. Para o fim da semana, poderá ter de encarar uma despesa, inesperada. O período que se atravessa não é o melhor e cuidados acrescidos são aconselháveis.

Sentimental: Relacionamentos de ordem sentimental a travessarem uma fase muito sensível em que, a sua força interior terá um papel importante, no sentido de equilibrar a relação com o seu par. Não crie problemas onde eles não existem, nem levante suspeitas infundadas.

Finanças: As suas finanças não deverão sofrer alterações dignas de relevo. Mantenha-se atento aos gastos, especialmente, os desnecessários. Para o fim da semana, poderá ter de encarar uma despesa, inesperada. O período que se atravessa não é o melhor e cuidados acrescidos são aconselháveis.

Sentimental: A sua vida amorosa poderá ser influenciada por outros aspetos. Tente ser atencioso com o seu par e não crie situações de tensão que, especialmente, neste período, poderão ter consequências bem desagradáveis.

Finanças: Serão regulares; no entanto, seja prudente em matéria de despesas. Período pouco favorável para iniciar negócios e para investimentos, especialmente, os que envolvam aplicações financeiras de risco médio ou, elevado.

Sentimental: Na área amorosa, seja realista e não crie situações artificiais. Alguma tentação para tomar atitudes mais bruscas, motivadas por ciúmes injustificados, deverá ser muito bem acautelada. A relação poderá sofrer com a tentativa da parte de terceiros para criar destabilização.

Selo d'@Verdade

Poluição sonora em Pemba

De acordo com a sua Constituição, "A República de Moçambique é um Estado de Direito", o que pressupõe que as relações na sociedade são regidas por lei e não pela simples vontade arbitrária de algum indivíduo ou grupo, mesmo que investido de algum poder público. A previsibilidade das leis e actos administrativos é um princípio basilar para o funcionamento de qualquer estado de direito.

Um cidadão deve poder prever se qualquer acto seu pode ser punido por lei e, em caso afirmativo, quando, como e com que base legal. Numa sociedade normal, as leis não devem ser aplicadas "a qualquer momento", e muito menos quando quem tem o dever de aplicá-las quiser.

Para sermos mais precisos, somos um grupo de moradores do prédio das Linhas Aéreas de Moçambique (LAM), na avenida 25 de Setembro, em frente à Mcel, na cidade de Pemba, capital da província de Cabo Delgado. Há sensivelmente seis meses, ou um pouco mais, que vivemos um terror (poluição sonora) protagonizado pelo Sr. Joseph, proprietário de uma da casa de pasto que funciona no recinto da Sycamore Service, que na nossa percepção não tem condições para funcionar naquele local.

O que está a acontecer é um autêntico abuso de som que, em todas as semanas, começa numa quinta-feira às 21h e só pára às 4h da segunda-feira. Isto já está a tornar-se insuportável para nós que precisamos das noites para descansar e usar o dia para trabalhar

com disposição. Já tentámos passivamente falar com o Sr. Joseph para ver se podia consentir e parar com a poluição sonora, mas está a mostrar-se resistente.

Temos conhecimento de que existe um código de postura municipal, mas a Polícia Municipal mostra-se ausente ou desprovida de meios perante esta situação. E a pergunta que não quer calar é: "Será que o código de postura da cidade só funciona para os vendedores ambulantes que procuram de uma forma humilde ganhar o pão para o seu próprio sustento nas diversas artérias da cidade?"

Há sensivelmente dois anos, mandou-se fechar uma discoteca que funcionava mais ou menos nas mesmas condições, no recinto do Grupo Desportivo de Pemba (Tchivas) que a que referenciamos acima, alegadamente por estar a perturbar os vizinhos, sentimento que nós acolhemos com muita satisfação. O espanto é: porque é que os que mandaram fechar o Tchivas não se fazem sentir perante um barulho intolerável como o da Piscina?

Em suma, estamos muito indignados com o que está a acontecer e queremos, através desta carta, solicitar a quem de direito para que tome medidas urgentes para solucionar este problema de uma vez por todas ou, por outra, que nos ajude a voltar a apanhar o sono, antes que pensemos na nossa própria justiça.

O grupo de moradores

Pemba, 5 de Outubro de 2013

Os títulos que não queremos

Terminou o Afrobasket e na nossa casa mandaram os outros. Vejo, por todo lado, mensagens de felicitações pela campanha protagonizada pelas nossas "meninas". Olhando para o que é feito (ou melhor, para o que NÃO se faz) internamente no nosso basquetebol, creio que as felicitações são justas e sobretudo merecidas.

Num país onde não existem competições regulares, onde a prática de basquetebol se resume a meia dúzia de equipas, etc., as nossas "meninas" são vice-campeãs africanas como fruto do seu talento, abnegação e, sobretudo, amor ao basquetebol.

Este segundo lugar não reflecte o que se faz neste país no e pelo basquete, portanto, esta classificação é única e exclusivamente pertença das atletas e também da equipa técnica nacional. Bravo e parabéns meninas!

Um sabor amargo na boca

Depois da vitória sobre a seleção camerunesa nas meias-finais e o consequente apuramento para o "Mundial" do próximo ano na Turquia, em entrevista à TVM, Nazir Salé, seleccionador nacional, disse que o objectivo de Moçambique estava alcançado. Não entendi.

Quando um país decide organizar e acolher um evento como o Afrobasket pretende, entre outras coisas, usar o factor casa para tirar vantagens sobre os adversários. Portanto, creio, que o objectivo de Moçambique devia ser a conquista do Afrobasket e não a qualificação para o "Mundial", até porque a conquista do Afrobasket significa(va) automaticamente o apuramento para o "Mundial".

Ao definir como objectivo principal o apuramento para o "Mundial" implica que a conquista do Afrobasket não era o mais importante, até porque ouvimos, não só do seleccionador, mas também, de dirigentes federativos (depois de assegurada a presença no "Mundial") que a conquista do Afrobasket seria lucro.

Antes do jogo contra o Senegal, ouvi o seleccionador angolano, Aníbal Moreira dizer, para quem o quis ouvir (e creio que a mensagem era mesmo para a sua própria equipa), que o objectivo de Angola era transitar para a final e lutar para a conquista do certame. E Angola ganhou o "Africano".

Se em nossa própria casa não queremos conquistar títulos, onde esperamos conseguir esta façanha?

Amílcar Sueia

Não há duas sem três

Escrevo este pequeno artigo por ocasião do Campeonato Africano de Basquetebol, no qual as nossas "manas" fizeram o seu melhor e ficaram como a segunda melhor seleção de África.

Foi sem dúvida uma verdadeira celebração da nossa moçambicanidade que nos foi brindada com sete vitórias consecutivas pelas nossas "manas", num país onde o desporto-rei, que é o futebol, não nos habitou a trazer alegrias desta envergadura. Foi um momento de grande júbilo e de grande recordação que ficará para sempre na memória dos moçambicanos, e das jogadoras em particular, pelo facto de nos termos qualificado para o "Mundial" da Turquia em 2014.

Já tínhamos acolhido dois campeonatos africanos no país, em 1986 e 2003, mas, apesar de termos chegado à final, nunca vencemos. E desta vez conseguimos fazer valer o provérbio "Da terceira é de vez".

Porém, como não há bela sem senão, este campeonato teve alguns momentos que mancharam a sua organização, desde a não realização do jogo Moçambique vs Zimbabwe no primeiro dia, uma vez que esta última não chegou a tempo. Outro aspecto que merece destaque foi o facto de já no segundo dia da prova a FIBA ter cancelado todos os jogos para aquele dia agendados pois o pavilhão precisava de ser remodelado com uma nova

pintura na quadra que ostentasse a indicação da prova e do local da realização.

Ademais, registaram-se momentos não muito agradáveis no que tange à venda dos bilhetes, pois a partir da segunda-fase do campeonato muitos foram vendidos de forma duvidosa. Acabavam momentos depois do início da venda e de forma estranha eram depois disponibilizados na porta do pavilhão do Maxaquene a preços escandalosos.

Mas isso foi o de menos. O mais gritante foi o facto de terem sido comercializados a 1.000 metálicos no dia da final o que fez com que o pavilhão tivesse registado uma encheinte acima da capacidade normal, ou seja, dos 2.500 bilhetes vendidos, o pavilhão estava com um número superior a este, bem como a polémica da alcunha das jogadoras. Alguns chamavam-nas Samurais e outros Samorais. São casos que deixam manchas, mas que não tiraram o brilho da prova.

Conseguimos um objectivo que era chegar à final da prova, e, consequentemente, ao "Mundial", mas não ganhámos o ouro. Mas enfim, estamos em festa porque as nossas "manas" são um orgulho para todos os moçambicanos.

Décio Tsandzana

Atenção Peregrinos ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Namaacha

O próximo dia 12 de Outubro de 2013 será um sábado com um significado muito especial e um pouco diferente de todos os outros (sábados). A razão é porque está programada a peregrinação ao Santuário de Nossa Senhora de Fátima em Namaacha que, certamente, levará a este local milhares de fiéis que professam a religião católica idos da cidade e província de Maputo, e não só, para venerar e orar fazendo pedidos e apresentando agradecimentos pelas bênçãos alcançadas.

O 13 de Outubro é celebrado como o último dia em que se acredita que Nossa Senhora (Mãe de Jesus) terá aparecido aos três pastorinhos na localidade de Fátima em Portugal e tem um significado como o 13 de Maio, data da primeira aparição, por isso tanto em Maio como em Outubro realizam-se anualmente deslocações ao local já acima referido.

Contudo, a chamada de atenção aos peregrinos surge pelo facto de no dia 11 de Maio do corrente muitos terem sido colhidos de surpresa por uma situação caricata e de puro oportunismo. O Município da vila de Namaacha entendeu que neste dia todas as viaturas que entrassem a vila deveriam pagar uma taxa (de parqueamento). Tudo bem, se assim pensaram assim fizeram mas esta operação criou um embaraço e engar-

rafamento no Posto de Controlo da Polícia mesmo à entrada da vila, filas enormíssimas e um trânsito desorganizado tendo-se chegado a criar duas filas de automóveis para a entrada e uma para a saída. O mais grave é que nem agentes reguladores do tráfego se fizeram ao local para apoiar na movimentação das viaturas.

Esta cobrança fez com que se perdesse muito tempo o que prejudicou em grande medida os peregrinos que tentaram entrar na vila depois das 12h porque muitos só chegaram ao Santuário entre as 16 e 17 horas tendo perdido a primeira celebração, que iniciou às 15 horas. A situação só normalizou quando a operação foi suspensa porque alguém acabou por ver que estava a cometer-se um erro, o que fez com que no domingo dia 12 de Maio no final do culto aparecesse um representante da edilidade a apresentar desculpas pelo inconveniente e que tinha havido um excesso de zelo ao ordenar-se tal cobrança.

Por isso apela-se para que cenas idênticas não se repitam neste sábado. Se há necessidade de cobrança que se crie melhor mecanismo nem que tenham de o fazer nos locais em que as viaturas estiverem parqueadas.

José Gimo Tembe



ENVOLVIDO
A verdade em cada palavra.

Seja um Cidadão e Reporte a Verdade

SMS: 90440
WhatsApp: 84 399 8634

@Verdade
O Jornal mais lido em Moçambique.



Fotos da cronologia



CIDADÃ REPORTA: viva ao luxo da nossa #polícia #Moçambique agora andam de bmw

 **Caetano Morais** Veículos pessoais ao serviço do estado. Bizarro! Se ao menos pintassem à cor da polícia. Só falta que cada polícia adquira sua arma, seu uniforme, botas e faça também seu salário. Assim o estado fica descansado!!!! · 6/10 às 9:20

 **Milenna Dives** E tem Algum problema? É bom. Todos temos os mesmos direitos · 6/10 às 8:46

 **Dercio Ddp** Muito bom e mau... isto ta ficar que nem Africa do Sul... Agora quando me mandarem parar, vou ficar com medo de ignorar porque vao me perseguir... · Ontem às 0:59

 **Aguinaldo Matsinhe** Até aí eu apoio à muito tempo que a nossa polícia precisava de veículos rápidos... isso sim é sinal de desenvolvimento · 6/10 às 8:47

 **Clodualdo Bebucho Q Kuia** Hehehe sao ox nggas man,hehe · Ontem às 0:58

 **Enes Fabiao** + qndo cgegas na esquadra apresentar uma queixa dzem k nao tem combustivel. Sinceramente essa policia nao sei para k vale. · 6/10 às 9:18

 **Manuel João Julai** Estão de parabéns, mesmo que fosse Mercedes eu apoiava! · 6/10 às 8:53

 **João Fornasini** Do dono, esse carro nao é da policia. Ontem às 0:25

 **Miguel Da Conceicao Chissumba** Esses me multaram, nessa BMW... fiacm controlar velocidade apartir do pico da deicida e sacanagem nem... o pior e ficar escondidos... tsc · 6/10 às 23:02

 **Dercio Ddp** kkk ya esse é k é o pior braah... ficarem hidden fogo!!! · Ontem às 1:20

 **Iara Dos Santos** Eu vi esse carro,e por acaso levei uma multa ai mesmo!! Ganham mal,salario minimo e tal.. · 6/10 às 12:41

 **Nando's Sitoe** Ate NAVara esses policias ja tem! · 6/10 às 11:42

 **Andre Manhique** Questionem os deputados que andam dos últimos lançamentos e vivem nos luxuosos apartamentos tudo concedido pelo estado e mais alguns por conta própria quando existe familias de 5/7 membros disputando uma cabana do tipo 1. O policia espoe-se ao sol gente!! · 6/10 às 11:09

 **Josefa Amos Matsimbe** Talvez um dos ministros emprestou. Mas nao reclamam que os almeras sao lentos? Agora podem seguir um 4x4 em fuga. · 6/10 às 11:09

 **Bow F. Cuna** Hmmm, é por ixo q ñ desenvolvemx, ter uma viatura cara é um problema? Q s dane seu invejoso! · 6/10 às 10:33

 **Julio Lilito Boene** Ja vi de Volvo S60. E dinheiro dos que gostam de pagar suborno. · 6/10 às 10:06

 **António Luís Mussual** Só em MOZ mexmo. Quando os gatos(policias) descansam,os ratos(ladrões) fazem a festa. Quando vaix a esquadra dzem k não têm efetivo,+ tão ai esses a pular de um ramo para o outro. · 6/10 às 9:37

 **Elias Xavier Paulo Zitha Cunica** É bom criticar, mas tbem é mto bm saber elogiar. Estam de parabens PRM (Permetido Roubar Muito), forcaaaaaaaa, axim seja p sempre. Das proxima kero ver merceds · 6/10 às 9:27



6/10 às 23:20 ·

O candidato à presidência do Município de Moatize, na província de Tete, Carlos Portimão, preso cerca das 11 horas do dia 26 de Setembro passado, ao tentar subornar a Procuradora Distrital, Ivenia Mussey, pelo valor de cinco mil meticais, tem o apoio incondicional do partido Frelimo e está em marcha uma campanha de lavagem da sua imagem com o intuito de até à data das eleições autárquicas de 20 de Novembro próximo os municípios "tenham esquecido" o episódio que se deu na "terra do carvão". E acredita-se que vai ganhar as eleições de cabeça erguida.

<http://www.verdade.co.mz/destaques/democracia/4061115Gosto> · Comentar



Zé Manel A Educação e a Saúde são o motor para o desenvolvimento de qualquer País, mas é exatamente aquilo que mais está em falta em Moçambique. O livre acesso à informação através da alfabetização é primordial para ajudar na escolha do voto certo e a saúde é um bem essencial para o bem estar de todos nós. Os recursos destinados a financiar Educação, Saúde, Saneamento Básico, Infraestruturas Rodoviárias, Portuárias e outras necessidades primárias são desviados bem à frente dos nossos olhos e narizes, e ao não tomarmos qualquer tipo de atitude, também temos nossa cota parte de culpa, por simplesmente sermos omissos a todos esses desvios. Infelizmente a realidade é que os responsáveis pelo País não querem investir na Educação. Eles querem as pessoas analfabetas ou talvez no máximo analfabetas funcionais unicamente por interesses políticos. Ontem às 1:54

 **Licínio De Jesus Xavier** O que eu quiz dizer é k há pessoas k votam só por votar, sem ter a conciencia daquilo k estao a fazer o k iguala a um bebado no vulante e isso é um perigo pra todos nós. Portanto, pensemos antes de exercer o nosso direito! Ontem às 2:42

 **Janito Mavie** quem xta mal agora é a procuradora k sera "procurada" e terá represálias. #guebzistao · Ontem às 6:03

 **Judas Marcolino** Com fraude pode ganhar como ja a sobornar mas sem fraude sera impossivel ganhar esse ja mostrou que é um corrupto da 1a classe como os colegas dele · Ontem às 0:57

 **Sonia Mboa** o pior não é a defesa dos membros da Frelimo. o mais grave foi em menos de 25 horas o fulano foi julgado e a pena de corrupção neste país é pagar umas multas e em liberdade mesmo que este suborno tenha sido p mais alto nível · 6/10 às 23:46

 **Guto Chelene** Ele ta tendo mais fama, mesmo eu q nao lhe conhecia ja o conheço e o meu voto dou a ele mesmo · 6/10 às 23:42

 **Mole Valeta Mole** No pais da panza e do guebas é axim k as coisas funcionam.o povo pod at clamar e s xperniar d gritos alarmant, mostrar indicios e principios k xtao a dsmoronor o pais mas els nada fazem.lembre-s da frase "povo no podr",s formos unidos podemos herger o moz · Ontem às 1:20

 **Sonia Mboa** isto é uma Grande Vergonha Sr. PROCURADOR AUGUSTO PAULINO. puxar um saco deve ter limite não deixe puxar a sua alma. eu gostaria que a procuradoria saisse em defesa a esta grande mulher. Dra Ivenia Mussagy. ou não se defende por der mulher k denunciou · 6/10 às 23:49

 **Pety Artur** N FRENAMO iso é normal axo q a procuradora dve ser opoxta a FRENAMO. · Ontem às 2:51

 **Idalio Chamba** + um grande homem da burla a caminho pra governar o destino dum povo k ñ acorda do sono. · Ontem às 0:33

 **Castigo Juliao Cajuma** A procuradoria geral devia intervir. Ja imaginaram o que será dessa mulher que denunciou, depois do Portimao ganhar eleicoes? Vai ser obrigada a ser lambe-bota... Até é melhor transferi-la. · Ontem às 0:01

 **José Luís** Portimao, conheco o tipo, muito ambicioso...capaz de desimar, para conseguir o q quer. Ja a anos q pretende candidatar-se a frelimo nao lhe dava campo pelo seu comportamento irreverende, mas pela minha experienca ele vai ganhar, o gajo gosta de ajudar... · 6/10 às 23:32 1 resposta

 **Benildo Balla Mendes Gaita** Quantos vai subornar já n poder?? Vê xe acordem cma-triotas · Ontem às 2:14



5/10 às 19:40 ·

CIDADÃO REPORTA:

Boa tarde... O dito novo sistema de cobrança de passagem de transportes publicos MBORALA esta a ser um caos e causando insatisfação por parte dos passageiros e um prejuizo a empreza TPM, encontro me agora num auto carro e sou o único passageiro a ser transportados porque possuo a força o dito cartão de passagem, os restantes passageiro foram proibidos de entrarem porque não tinha os referidos cartoes! Isso é uma total tolice ou maluquisse dos que dirigem esta empreza! Vejamos um carro com motor V8 a transportar um único passageiro a Boane que lucros vai dar a empresa? E que contributo para a população?

 **Horácio Costa Fernando** Eu axo k os gajos nao dfecam, se dfacassem eles pnsariam o melhor... O Homem pensa bm ao dfecar! · 5/10 às 19:55

 **Benjamim Jose** E ai vai Mocambique!! Pais da geracao 25 d setembro. Patria amada. Forca da mudanca. Do Pai incontestavel d tdos nos. Dos chonga Maputo. Em fim. · 5/10 às 19:55

 **Cassamo Ussene** Eu ja esperava nisso.logo quando informei me k iriam introduzir e mais tard vigorar a posse do cartao para aderir o transporte. Ora ja ntao cansados com existencia da empresa. E querem aruinar.pork dizer k nao preveram a consequencia disso eu nao acho se sao normais. · 6/10 às 11:48

 **Biatriz Bento Baptista** aqui no teu país é assim,vive bem quem tem · 6/10 às 10:45

 **Fernando Seda** O sistema mbora LA tinha que funcionar em paralelo com antigo ate que se certifique que o novo funciona como planejado sem prejudicar os seus utentes · 6/10 às 9:06

 **Clarence Novele** A gente(Mocambique) vive de imitacoes...mandaram embora o Zucula e comecaram a fazer o pior... so podem "levar" quem "quer" e nao quem "precisa"... isso e injusto. · 6/10 às 6:19

 **Jose Pina Sampaio Gingir** A situação é a falta de informação e pessimismos planos dos nossos governantes. Tinham que divulgar o mborala e dar um · 5/10 às 23:04

 **Tomas Barito Manjate** Esperavam o que memo? isso e paix d pandza empossam gente burra da nisso o povo sofre cnsequencias tatty · 5/10 às 21:54

 **AX Mimbire** neste pais importamos tudo que vemos(os dirigentes) quando vamos de ferias a europa e nos agrada de ver, consequencia e essa , um fracasso pk nao olhamos para realidade nacional , nao e so nos transportes , educacao, segurança etc ... ja viram um do uniformes novos do exercito? a camuflagem e de cor preta , sinzenta e branca misturado , olha esse tipo de camuflagem adequa e a paises onde cai neve , como se usa isso ca? · 5/10 às 21:34

 **Fortunato Doce** Isso so na Patria amada Loucura · 5/10 às 21:30

 **Ge Carmen** Nao acredito com tanta falta de transporte ainda inventam isso. E querem ganhar as eleicoes abusando o povo mais necessitado kikiki esse governo ta doente · 5/10 às 21:27

 **Rosario Cardoso** sao loucos e burros. Paralizar vida d alguem por fantoxada. K pena da nossa gente · 5/10 às 21:05

 **Benjamim Jose** E ai vai Mocambique!... Pais da geracao 25 d setembro. Patria amada. Forca da mudanca. Do Pai incontestavel d tdos nos. Dos chonga Maputo.. Em fim. · 5/10 às 19:55

 **Suizane Rafael** Pensam com os pés! · 5/10 às 19:43

 **Janito Mavie** acredito k exa ideia d #mborala deve ter sido dum filho dxex ministros k viu na europa ond xtuda e xkeceu s k aki so vive #povo · Ontem às 16:31

 **Luis Peto** Como experienca,,deveriam usar em simultâneo · 5/10 às 8:21